



**Luiz Henrique De Nadal**

**Da narrativa de fundação à fundação da narrativa:**

**Leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial  
com nome indígena**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Literatura,  
Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília Rothier Cardoso

Rio de Janeiro  
Abril de 2021



**Luiz Henrique De Nadal**

**Da narrativa de fundação à fundação da narrativa:  
Leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial  
com nome indígena**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>a</sup>. Marília Rothier Cardoso**

Orientadora  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Frederico Oliveira Coelho**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Italo Moriconi**

Departamento de Letras – UERJ

**Prof<sup>a</sup>. Arlene Renk**

Departamento de Ciências Ambientais – UNOCHAPECÓ

**Prof<sup>a</sup>. Priscilla Menezes**

Departamento de Didática – UNIRIO

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

## Luiz Henrique De Nadal

Mestre em Literatura Brasileira pela Uerj - Universidade Estadual do Rio de Janeiro Uerj (2014-2016). Foi pesquisador integrante do GPESq Vida, Arte, Literatura: Bioescritas e idealizador do site Perfis Literários. Realizou eventos literários junto de instituições como Casa das Rosas, SESC Rio e SP e foi colaborador da Revista Pessoa. Atualmente é pesquisador de Literatura Brasileira e participa do Núcleo de Dramaturgia - FIRJAN/RJ.

### Ficha Catalográfica

Nadal, Luiz Henrique De

Da narrativa de fundação à fundação da narrativa : leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial com nome indígena / Luiz Henrique De Nadal ; orientadora: Marília Rothier Cardoso. – 2021. 286 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

Inclui bibliografia

1. Letras - Teses. 2. Fundação. 3. Narrativa. 4. História. 5. Arquivo. 6. Roteiro. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Dedico este trabalho a todos os personagens dessa história

## Agradecimentos

Meu primeiro agradecimento é para Marília, jardineira sábia que me ensinou a cuidar das folhas.

À CAPES, salvadora da pátria e à equipe do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Aos professores das salas de aulas, das ruas e dos terreiros.

Aos caboclos das rodas de bailado e aos caboclos da minha terra natal.

À minha mãe e minha avó, que me deixaram as gargalhadas e o prato cheio.

Ao avô Zílio pela biblioteca, ao avô Carlos pelos causos e ao meu pai, quem me ensinou a bagunçar as palavras.

À vó Irma por querer me engordar até hoje e à tia Nega por ter emprestado a barriga.

Ao Luiz, por quem o amor não cabe nas palavras e uma única vida.

À Fabi, pela mesa de café sem fuso horário.

À Pri, pelo menino-onça e o espelho cristalino das praias do lençol.

À Iracema, pelos sonhos e telepatias.

À Êlo, pela infância.

À minha irmã Iza, pelo entusiasmo.

Às mulheres de vozeirão e língua afiada: Tia Zozô, Valéria Monã, Ana Chiara, Cris Ribeiro e Sandra Terra.

Aos amigos atemporais, anacrônicos e vidas passadas: Sarah Lee, Tchela, Vuvú, Arthuzini, Juju, Helô, Lucas Xarapín, Bel, Pedrinho; e aos do bosque da Puc: Fefê, Aninha, Vaguta, Dani, Pedrinho Beija-Flor, Glaucia, Marina, Marcelo.

Aos colegas do Núcleo de Dramaturgia por fazerem da escrita estouro de boiada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

NADAL, Luiz Henrique De; CARDOSO, Marília Rothier (Orientadora). **Da narrativa de fundação à fundação da narrativa: Uma leitura histórico-ficcional sobre a origem de uma cidade colonial com nome indígena.** Rio de Janeiro, 2021. 286p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa parte de um vestígio histórico: Caibi, palavra indígena com o qual foi batizada uma cidade de colonização italiana do extremo Oeste catarinense, região Sul do Brasil. Fundada a partir de uma colônia de descendentes de imigrantes europeus, na década de 1920, a história de fundação da cidade é contada no livro *Caibi: Histórias e Memórias* (2012) pelo ponto de vista dos chamados pioneiros, colonos ou pessoas “de origem”. Este último, modo pelo qual a população nativa de caboclos se referia aos novos ocupantes de suas terras. Interessado no lapso entre a narrativa oficial de fundação e os testemunhos do grupo que vivia anteriormente na região, descendente de indígenas, este trabalho faz um cruzamento entre as duas versões da história. Inicialmente, através de uma abordagem histórico-crítica sobre a narrativa local de fundação em que são utilizados estudos de revisão historiográfica, materiais de arquivos e entrevistas realizadas com os caboclos que vivem até hoje na cidade. Feita a releitura em torno da narrativa fundacional, outra parte do trabalho consiste na proposta de fundação de uma nova narrativa: um texto ficcional, no formato romance poético, que utiliza o material reunido para forjar uma nova origem para a cidade. A qual inclui caboclos e indígenas como personagens ao lado dos já conhecidos colonos. Além do caboclamento historiográfico realizado a partir do conceito de caboclo de Luiz Antônio Simas, estão presentes nesta discussão as noções de arquivo (Jacques Derrida e Michel Foucault), roteiro e performance (Diana Taylor), história e narrativa (Walter Benjamin).

## Palavras-chave

Fundação; Narrativa; História; Arquivo; Roteiro.

## Abstract

NADAL, Luiz Henrique De; CARDOSO, Marília Rothier (Advisor). **From the foundation narrative to the foundation of the narrative: historical-fictional reading about the origin of a colonial city with an indigenous name.** Rio de Janeiro, 2021. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The starting point of this research is a historical trace: Caibi, an indigenous word that was given as the name of a city of Italian colonization in the far west of Santa Catarina. The city was officially founded in the 1920's, from a colony of the descendants of European immigrants. Its founding history is described in the book: *Caibi: Histories and Memories* (2012) from the point of view of the so-called pioneers, settlers or people "of origin". The latter - the expression used by the native population of caboclos to refer to the new occupants of their lands. Interested in the difference between the official foundation narrative and the testimonies of the group that originally lived in the region (descendants of indigenous people), this work compares these two versions of history. Firstly the research considers a historical-critical approach to the founding local narrative through the use of studies of historiographical review, archival materials and interviews with the caboclos who still live in the city. After looking back on the foundational narrative, another part of the work consists in the proposal to settle a new narrative: a fictional text, in the format of a poetic novel, which uses all the gathered material to create a new origin for the city - which includes caboclos and natives as characters alongside the already known settlers. In addition to the historiographical caboclamento realized from the concept of caboclo by Luiz Antônio Simas, the concepts of archive (Jacques Derrida and Michel Foucault), script and performance (Diana Taylor), history and narrative (Walter Benjamin) are also present in this discussion.

## Keywords

Foundation; Narrative; History; Archive; Script.

## Sumário

1. O caboclo na roda do bailado	11
2. Da narrativa de fundação à fundação da narrativa	16
3. A viagem de 1929	27
3.1. Caboclamento historiográfico	41
4. O baile da onça: romance com notas	52
5. Referências Bibliográficas	271
6. Anexos	278

## Lista de figuras

Figura 1 - Fotografia dos integrantes da viagem de 1929	27
Figura 2 - Fotografia do mapa com o trajeto da viagem de 1929	28
Figura 3 - Fotografia do retrato de Adolpho Konder	33
Figura 4 - Fotografia do portal de entrada da cidade de Mondaí	37
Figura 5 - Fotografia de Adolpho Konder proferindo discurso na sede Cascalho	39
Figura 6 - Fotografia do retrato do sertão catarinense	40
Figura 7 - Fotografia do avô materno, prefeito de Caibi de 16/11/1965 a 30/01/1970	56
Figura 8 - Fotografia do avô paterno, prefeito de Caibi de 31/01/1970 a 31/01/1973	56
Figura 9 - Fotografia do pai, prefeito de Caibi de 01/02/1983 a 31/12/1988	57
Figura 10 - Fotografia do autor durante o desfile do dia 7 de setembro, em 1990	74
Figura 11 - Fotografia da manchete Índios caingangue ameaçam invadir área no centro da cidade	221
Figura 12 - Fotografia do folheto dos Kaingang à população de Iraí	222
Figura 13 - Fotografia da ilustração do menino-onça de Priscilla Menezes	233
Figura 14 - Fotografia da manchete Índios começam a demarcar terras	246
Figura 15 - Fotografia da manchete Índios fincam o primeiro marco	246
Figura 16 - Fotografia do comunicado dos Kaingang	247

*Onça é onça – feito cobra... Revira pra todo o lado, mercê pensa que ela é  
muitas, tá virando outras.*

João Guimarães Rosa, escritor

## O caboclo na roda do bailado

Esta investigação começou com a fala de pajé João. Este homem branco que usava cocar e tocava teclado, quando participei de uma cerimônia de *ayahuasca* pela primeira vez, usou uma expressão que recupero para abrir este trabalho. Quando fui conhecer o centro espiritual Arca da Montanha Azul, vivia há apenas um ano no Rio de Janeiro. Numa sexta-feira à noite, desci do ônibus no alto do bairro de Santa Teresa. Uma longa fila de pessoas vestidas de branco estava em frente ao endereço. Vi aquela cena com o mesmo fascínio que sentia pelas festas populares desde que me mudara. Sempre deslumbrado em como as rodas de jongo e de côco, blocos de carimbó e de maracatu, festas de São Sebastião e São Jorge irrompiam nas ruas revelando outros mundos. Nesse corpo-a-corpo com a cidade, o ritual daquela noite foi uma das experiências mais marcantes da minha vida. As cerimônias religiosas de *ayahuasca* são mediadas pelo uso deste chá com efeitos enteógenos<sup>1</sup>, tradicionalmente utilizado por xamãs ao longo de milênios. A Arca da Montanha Azul combina as mais diversas formas de ritualística, tradições religiosas e divindades. Das religiões de base judaico-cristã aos cultos afro-indígenas até às práticas espirituais do Oriente. Trata-se de um estilo bastante comum entre os espaços que fazem uso medicinal<sup>2</sup> da bebida, dito universalista. Pajé João estava na linha de frente como um dos dirigentes da casa. Como um homem branco a quem foi conferido o título de chefia indígena, sua figura é bastante significativa dentro desta história.

Horas depois de beber o chá, parei diante da roda de bailado. Neste espaço, no meio do salão, os participantes dançavam em torno de uma pilastra, no sentido horário. O pequeno coro de vozes acompanhado por instrumentos percussivos cantava pontos de invocação, até então desconhecidos para mim. Sem nenhuma orientação prévia sobre os códigos e regras que todo rito religioso possui, impus a

---

<sup>1</sup> Enteógenos ou “plantas de poder” são assim definidos pela origem natural das substâncias, sem interferência farmacológica, e pelo uso ritualístico em diferentes tradições religiosas. São sempre associados à experiências visionárias e de expansão de consciência.

<sup>2</sup> A noção de medicina, usada de modo geral pelos frequentadores, é associada à cura espiritual.

mim mesmo o lugar de observador. Ainda assim, estava fascinado com a intensa movimentação dos corpos. Ao dobrar os joelhos para sentar-me no chão, as articulações não obedeceram. O momento seguinte não permitiu nenhuma negociação sobre o domínio do meu corpo. Fui levado a entrar na corrente por uma força que me empurrou pela cintura. Apesar da intensidade daquele toque invisível que me conduzia, compreendi, com uma parcela de consciência, que cabia a mim permitir os movimentos que se insinuavam através do meu corpo. Nada me impedia de saltar fora da roda ou de bloquear o canal de contato com o desconhecido que acabara de se abrir. Essas considerações, contudo, só me ocorreram depois da experiência. A resposta imediata do meu corpo foi ceder à presença que imantava os meus movimentos, sugerindo que eu manifestasse os seus gestuais por inteiro. Eu estava dançando e meu corpo sendo dançado. Não havia nada naquela atuação que eu soubesse de antemão: a postura ereta, um braço dobrado para trás, acomodado à altura da lombar; o outro erguido para o alto com os dedos em riste a desenhar círculos no ar. Apesar do tremor, meus pés atendiam às batidas do tambor com uma convicção que nunca tive. Tempos depois, Pajé João, que acompanhou o meu retorno a outras cerimônias como aquela, haveria de se referir a minha presença na Arca da Montanha Azul usando sua forma de expressão particular: “Ah, aquele sujeito que encosta o caboclo!”.

Antes que eu pudesse nomear a experiência daquela noite, Pajé João interpretou-a com uma compreensão bastante comum aos ambientes de culto religioso afroameríndio. O transe místico ou mediúnico é o estado que propicia a comunicação de um indivíduo com seres e forças desconhecidas, a exemplo das sempre mencionadas entidades de pretos-velhos, caboclos e pombagiras<sup>3</sup>. É verdade que o fenômeno da mediunidade recebeu, ao longo do tempo, inúmeras interpretações estigmatizantes. Em comum, entretanto, estas abordagens costumavam desconsiderar o contexto religioso em que aconteciam. No caso específico da Arca da Montanha Azul, onde a cerimônia toma emprestado

---

<sup>3</sup> Para este trabalho, em que o assunto tem caráter secundário, será suficiente explicitar algumas noções básicas encontradas no artigo “Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial” (2009). Trata-se de um breve histórico dos estudos pioneiros sobre a mediunidade, abarcando desde as pesquisas científicas iniciais, que restringiam o fenômeno a aspectos intrapsíquicos, aos estudos mais recentes, abertos a uma perspectiva psicossocial. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v29n2/v29n2a03.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2021.

preceitos de religiosidades como a umbanda, o candomblé e até da encantaria, a experiência com as entidades espirituais é bastante comum e até estimulada entre os participantes. Além disso, em meados da década de 1950, os estudos antropológicos garantiram uma perspectiva sociológica e histórica para a análise das religiões mediúnicas no Brasil, preconizados por Roger Bastide e Pierre Verger. Compreensões deste tipo servem, aqui, não para uma interpretação do fenômeno vivido. E sim para um cruzamento de diferentes epistemologias que permitam construir conhecimento de modo singular. Visto que considero o episódio descrito inicialmente como gesto fundador desta escrita. Ora, foi justamente através dos caminhos que se abriram a partir daquela experiência que me deparei com o vestígio norteador desta investigação. De “encostar” um caboclo, sem fazer juízo sobre aquela manifestação dentro do contexto religioso, e apoiado na curiosa interpretação de Pajé João, passei para alguns estudos sobre a questão indígena. Cheguei a esboçar um projeto inicial de doutorado, cujo objetivo era o de construir uma trajetória de análise entre personagens índios da literatura nacional até o momento atual da virada etnográfica. Ao passo em que avançava com a proposta original, dividido entre a releitura de obras indigenistas, a descoberta de estudos etnográficos e a familiarização com trabalhos artísticos do universo indígena, finalmente atentei para o fato que mudou o norte desta pesquisa – o nome, também indígena, da minha cidade de origem.

É certo, contudo, que não estava diante de uma descoberta. O termo Caibi, traduzido por “folhas verdes” do tupi-guarani, é uma informação conhecida por grande parte dos habitantes da cidade. É provável que muitos caibienses já tenham lançado mão do curioso dado na tentativa de situar um lugar tão pequeno, com pouco mais de seis mil habitantes<sup>4</sup>, desconhecido até mesmo dentro do próprio estado<sup>5</sup>. De modo geral, o uso do topônimo indígena, como referência, cria um efeito comum: a imagem da pequena cidade como algo muito antigo, resquício de tempos remotos, muitas vezes insondáveis – a julgar pela expressão recorrente dos

---

<sup>4</sup> De acordo com o site oficial do município, o número de habitantes é de 6.130 (IBGE/2019). Disponível em: <<https://www.caibi.sc.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

<sup>5</sup> Refiro-me ao estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil. Dentro dos limites estaduais, a cidade está sediada no extremo Oeste catarinense, em oposição à região litorânea, onde fica a capital Florianópolis.

curiosos. De modo totalmente contrário, não só a história da cidade é bastante recente, como também o nome foi instituído em um momento posterior a sua fundação. O que saltava aos olhos, enfim, na qualidade de novo, era o desacordo entre o nome oficial, de origem nativa, e uma evidente paisagem colonial, formada majoritariamente por uma população branca de descendentes de imigrantes italianos. Flagrava algo invisível aos meus olhos, até então. A naturalização daquela informação, repetida tantas vezes ao longo da minha vida, não deixava ver o seu lapso. O nome da cidade apareceu, desse modo, como um dado avulso e deslocado. Alheio às possíveis narrativas que o termo autóctone sugeria. Visto que não havia nenhum habitante indígena na cidade.

A experiência traduzida pelo entendimento de Pajé João, portanto, recupera inicialmente o gesto desencadeador desta investigação em torno do nome da cidade. Mas também retorna como um dispositivo de escrita. A cena do transe místico trazida de início, em que o meu corpo é tomado pelos gestuais da entidade espiritual conhecida como caboclo, prefigura a operação realizada a partir daquela investigação. A qual produz cruzamentos histórico-críticos e ficcionais entre os grupos representados na roda do bailado, os quais aparecem de maneira diferente na narrativa oficial de fundação da cidade. De um lado, os descendentes dos imigrantes italianos – conhecidos como colonos<sup>6</sup> – reconhecidos como pioneiros e únicos fundadores de Caibi. E que habitam, em grande parte, o centro da cidade. De outro, os caboclos que, embora tenham participado ativamente do processo de fundação, não foram incluídos na história da cidade. Além de viverem às suas margens como os indígenas, seus antepassados.

As próximas páginas apresentam 3 capítulos, a começar pela leitura à contrapelo do livro – capítulo 2 – que oficializa a narrativa de fundação da cidade do ponto de vista dos colonos, levantando vestígios de indígenas e caboclos. A análise sobre o modelo historicista e o uso de arquivos utilizados pela historiadora local aponta para outro tipo de abordagem dos arquivos e para uma nova forma narrativa. Ambas guiadas pelo conceito de caboclo, forjado por Luiz Antonio Simas. Em seguida, o capítulo 3 faz uma análise no episódio conhecido como

---

<sup>6</sup> A definição “colono” é empregada de modo generalizado na historiografia regional e se refere a todos os camponeses de origem europeia responsáveis pelo processo de colonização da cidade.

Viagem de 1929. Considerado marco na historiografia regional e para a narrativa de fundação da cidade, os registros em torno do evento são lidos através da relação entre arquivo e repertório, prefiguradas por Diana Taylor, na tentativa de flagrar os roteiros que atualizam o legado colonial através dos tempos, definindo os papéis entre protagonistas e antagonistas. O capítulo 4 apresenta um texto ficcional no formato romance, acompanhado de notas de viagem, que experimenta a proposição de uma escrita em transe, apostando na invenção de uma nova forma narrativa que tenta expandir os limites da história de fundação. Por último, nos anexos, estão presentes alguns trechos das entrevistas feitas com os caboclos da cidade.

## 2

**Da narrativa de fundação à fundação da narrativa**

O livro *Caibi: histórias e memórias* (2012) apresenta a história de formação da cidade pelo ponto de vista dos colonos. A historiadora Domingas Rizzi, autora do trabalho, é descendente dos chamados pioneiros e foi coordenadora do Setor de Cultura municipal à época. A obra teve o propósito de valorizar a trajetória desse grupo e, ao mesmo tempo, registrar o relato de suas experiências de forma oficial, como patrimônio histórico do município. O processo de organização das informações históricas para a escrita do livro envolveu o uso de documentos variados<sup>7</sup>, reportagens de jornais, objetos e fotografias pertencentes ao museu da cidade, além de uma bibliografia acerca da historiografia regional. Além dos itens de arquivo, o material mais importante para a escrita da história local foram as entrevistas gravadas pela pesquisadora com os colonos e seus descendentes. Todos eles, apesar das diferentes ocupações, fizeram parte do processo de colonização da cidade. Sendo este o tema central e ponto de partida para a pesquisa realizada por Rizzi (2012), quem acompanha a chegada das famílias de colonos na densa região de florestas, vindas das antigas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Em seguida passa pela transformação do núcleo colonial em município, em que a gradativa especialização do trabalho agrícola e o desenvolvimento econômico são fundamentais. Até alcançar a condição de uma cidade nos termos modernos. Nessa espécie de narrativa fundacional, os colonos também têm o seu modo de vida apresentado pelo estudo. As práticas culturais, as memórias e o imaginário do grupo estão ligados aos antepassados italianos, embora a geração desses novos imigrantes, fundadores de Caibi, tenha nascido em terras brasileiras.

A homenagem prestada aos colonos pelo trabalho de fundação da cidade é um gesto incontestável. Os testemunhos que remontam aos tempos antigos são marcados por desafios que vão das longas viagens de mudança das famílias à instalação de moradias em lugares inóspitos e sem recursos. Por outro lado, o

---

<sup>7</sup> A autora menciona alguns deles: documentos de legislação e emancipação do município, cadernos de atas da paróquia, livro de atas do hospital e dados do Tribunal Regional Eleitoral.

livro traz uma questão incontornável para esta pesquisa ao evidenciar a importância da escrita na oficialização da história. Ángel Rama, em *A cidade das letras* (2015), afirma que o lugar exclusivo da escrita nas sociedades latino-americanas era tão reverenciado que assumia uma aura de sagrado. O método adotado pela pesquisadora é exemplar para que uma determinada narrativa ganhe o selo de história oficial. Antes de serem considerados dados factuais, os relatos dos colonos entrevistados eram narrativas de domínio público, compartilhados informalmente nas casas e nos espaços de socialização. Para esse processo, a historiadora gravou entrevistas em áudio e vídeo “[...] com pessoas que presenciaram os fatos ou relataram as memórias narradas por seus pais” (RIZZI, s/p, 2012), posteriormente transcritas e referenciadas no livro. Neste ponto, a crítica não se refere ao trabalho histórico de Rizzi (2012), mas à concepção moderna de história à qual ela adere, anterior ao estabelecimento da disciplina no século XIX. Inaugurado pela Escola Histórica Alemã, esse método conferiu caráter científico ao trabalho do historiador. Ao mesmo tempo, desperta constantes relativizações por parte da crítica decolonial por conta do ideal de verdade que defende. O desprestígio da oralidade e o apreço pela escrita são aspectos estruturantes do método, conforme Ricardo Benzaquen Araújo aponta no artigo “História e narrativa”. O caso em questão, em que a historiadora realiza a transição das narrativas pertencentes ao plano da memória para o documento – renegando aquilo que vem da boca e dos ouvidos e produzindo uma versão confiável aos olhos e mãos – comprova a fragilidade dos fatos históricos, no que diz respeito à objetividade e neutralidade. Em tese, esta oposição dos fatos em relação à subjetividade, à fantasia e à ficção garantiria o paradigma da história factual, cronológica e linear. Ou, nas palavras de Leopold Von Ranke, historicista emblemático da escola alemã, a representação do passado tal como ele de fato foi.

Entretanto, o que sustenta a imagem dita verdadeira do passado da pequena cidade é – de acordo com o método científico do historicismo – a superposição de dois pontos de vista. Dos testemunhos que relatam suas experiências com objetividade e do historiador moderno, capaz de apresentá-las com isenção e neutralidade. Mais do que encarar a instabilidade desta operação,

Walter Benjamin alerta o historiador desesperado por captar a verdadeira imagem histórica sobre a relação de empatia que estabelece na sua investigação. Para o autor, que defende o materialismo histórico como um rompimento com o método historicista, tal relação sempre se dá com os vencedores. O que pressupõe uma disputa de poder envolvida na escrita da história e uma ordem mantida pelo historicismo servil através dos tempos. “Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores.” (BENJAMIN, 1994, p. 225). Postulado pelo filósofo, o famoso gesto de escovar a história a contrapelo permite integrar a história cultural da cidade à história da luta de classes. Além disso, encontra uma semelhança possível no gesto que abre este trabalho, o da incorporação mística do caboclo no corpo de um descendente de colono. Trata-se de garantir que a escovação da narrativa fundacional, interessada no ponto de vista dos vencidos, dará a ver os pontos da história em que o caboclo “encosta” na cidade – conforme o vocabulário de Pajé João. Neste caminho, o trabalho histórico de Rizzi (2012) precisa ser lido com todas as suas contradições, independente do significado afetivo que possui. A começar pelo título – *Caibi: histórias e memórias* – que apesar de utilizar o substantivo “histórias” no modo plural, considera as experiências de um único grupo da cidade. Além disso, o termo memória é empregado como uma totalidade, sem a necessária elucidação sobre as suas falhas e faltas características. Assim, as histórias e memórias dos colonos figuram como única e verdadeira narrativa de fundação da cidade. Não é por outro motivo que a referência ao grupo aparece apenas de forma implícita no título, como se os colonos fossem um sinônimo de Caibi.

A identificação afetiva da historiadora com os colonos e a idealização de suas memórias enquanto totalidade da história local não são os únicos nós a enroscar nesta leitura a contrapelo – ou ainda, uma leitura incorporada do caboclo. Estes dois aspectos colocam em xeque a ideia do arquivo moderno enquanto repositório positivo e público do passado. Primeiramente, pela falsa impressão de que o seu uso não precisa de uma mediação. Como se o conteúdo supostamente estocado no arquivo conservasse um sentido único, independente de quem o

acessasse. Ligado a isto, está a crença de que os documentos nele guardados corresponderiam a um testemunho integral do passado. Uma ideia difícil de sustentar quando se observa os procedimentos arquivísticos da investigadora que, depois de reunir os materiais disponíveis no museu da cidade, recorre ao arquivo regional<sup>8</sup> para obter os dados faltantes à reconstrução do período histórico. Isto sem falar na produção das entrevistas com os colonos. Se, por um lado, o artifício supre as lacunas do arquivo local com informações mais precisas sobre a história de fundação da cidade, por outro, desmistifica a aura de inviolabilidade que possui. Uma vez que fotografias, objetos e documentos fornecidos pelo grupo entrevistado passaram a fazer parte do acervo sem nenhum tipo de problema.

Diante do exposto, o uso que Rizzi (2012) faz do arquivo local evidencia o paradoxo levantado por Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1995). O estudo identifica uma espécie de febre que invariavelmente se abate sobre o desejo de memória, acabando por destruir o próprio princípio do arquivo. Trata-se da tensão entre a procura da verdade e da origem, e a consistência dita fantasmática, imprecisa e espectral daquele último (PEDROSA; KLINGER; WOLFF, CÁMARA, 2018, p.35). Problema, este, que não se apresenta de forma exclusiva para a historiadora de Caibi, mas para os estudos de arquivo como um todo desde o advento da psicanálise. A qual enxerga o espaço arquivístico não como um repositório de memória, mas como a própria materialização – sempre precária e insuficiente – de sua falta originária e estrutural. (DERRIDA, 1995, p.22). Não obstante o objetivo de reconstruir o período de formação da cidade, afirmando uma origem oficial, o que se têm são documentos esparsos, dados faltantes e todas as lacunas que se abrem entre os restos do passado armazenados no acervo. A tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem que deriva daí, comum à existência do colecionador, como observa Benjamin (1995) em “Desempacotando minha biblioteca”, também está presente no trabalho do arquivista e do historiador. Para o filósofo-colecionador, todas as práticas de coleções e arquivamentos são determinadas pela relação que o sujeito mantém com os objetos, não pelos objetos em si. O livro de memórias da

---

<sup>8</sup> O arquivo regional CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina está sediado na cidade de Chapecó.

cidade, portanto, carregaria na sua forma de escrever a história, as marcas dessa contradição interna suturada pela voz aparentemente neutra do historiador. É como se a impressão freudiana, que acompanha o mal de arquivo no título de Derrida (1995), depositada inicialmente sobre o próprio arquivo do psicanalista e manifesta posteriormente nos conceitos de arquivo e de arquivamento, também deixasse suas marcas na historiografia.

Para além da identificação afetiva da historiadora local com os seus antepassados, o controle do arquivo emana um poder político comum na sociedade moderna. Haja vista que a sua disputa se deva à possibilidade de enunciar e construir um passado, não apenas a sua conservação. Não por acaso, o direito à interpretação arquivística é conferido à pesquisadora pela prefeitura municipal. O mesmo direito concedido aos antigos guardiões dos primeiros espaços físicos dos arquivos, os chamados arcontes. O retorno feito pelo autor aos antigos domicílios gregos que dão origem aos arquivos deixa ver a passagem institucional do privado ao público. “Depositados sob a guarda desses arcontes, estes documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei.” (DERRIDA, 1995, p.13). O modo pelo qual esses espaços que cruzavam aspectos topológicos e nomológicos, o lugar e a lei, o suporte e a autoridade, tornam-se visíveis e invisíveis ao mesmo tempo. Somada a essa função arcôntica primordial, e às funções de unificação e identificação, Derrida destaca ainda uma atribuição determinante nessa gestão do poder – a consignação. Esta, além de garantir a unidade do *corpus* arquivístico, reunindo-o em uma configuração ideal, imuniza o arquivo contra os segredos que possa conter e de tudo o que seja heterogêneo. Sugestionada desde a abertura deste trabalho, a pergunta sobre a presença de índios e caboclos no monumento moderno da cidade se impõe.

O capítulo inicial do livro apresenta de forma sumária outros dois grupos de habitantes que ocuparam a região antes da chegada das famílias colonizadoras. Primeiramente, passaram por lá etnias indígenas como os Guaranis, os Kaingang e os Xokleng, capazes de recuar os limites da história regional em até 600 anos atrás. Nessa breve apresentação, são indicados os diferentes responsáveis pela depopulação nativa ao longo do tempo. Os aldeamentos nas missões jesuíticas, as

capturas pelos bandeirantes e, por último, o confinamento em aldeamentos mais recentes. Na sucessão dos indígenas, estão os seus descendentes caboclos. Uma população mestiça formada pelos mencionados grupos autóctones com escravos africanos, trazidos pelos grandes fazendeiros, que se instalaram na área, e trabalhadores de diversos estados brasileiros que aportavam na região. Durante anos, os caboclos ocuparam as vastas áreas de florestas sem possuir títulos de propriedade. O que se tornou um problema com o início do projeto de colonização. A partir de então, as empresas colonizadoras passaram a receber a posse dessas mesmas terras do governo estadual. Em contrapartida, selavam o compromisso de povoá-las com colonos descendentes de europeus. Por conta disto, os caboclos “[...] passaram a ser considerados um entrave para o ‘progresso’ desejado pelos setores dominantes” (RIZZI, 2012, p.12). A autora é cuidadosa ao acrescentar que a condição de “intruso” conferida ao grupo de nativos expulsos das suas terras vem sendo relativizada pelos estudos de revisão historiográfica. Embora as existências desses grupos não deixem de ser mencionadas pelo estudo, as violências a que foram submetidas são vistas como uma etapa necessária ao progresso que viria a seguir. E o espaço a elas reservado se limita à pré-história da narrativa de fundação da cidade.

O capítulo avança um pouco na trajetória desses dois grupos com a intenção de situá-los no tempo presente. Ainda hoje são encontrados vestígios da população indígena nos sítios arqueológicos da região, nas margens do rio Uruguai e nas terras dos colonos. As etnias remanescentes, como os Kaingang e os Guarani, vivem principalmente nas Terras Indígenas demarcadas. No que diz respeito aos caboclos, depois de serem expulsos de suas pequenas roças, o estudo informa que eles passaram a trabalhar para as próprias companhias colonizadoras, para as empresas madeireiras e para os colonos. Por mais que o cruzamento entre o grupo dos fundadores e os caboclos seja indicado neste ponto, não há nenhum desdobramento a este respeito no capítulo seguinte, que dá início à narrativa de fundação da cidade. De fato, basta uma caminhada pelas bairros mais afastados do centro, onde vive grande parte dos colonos e seus descendentes, para constatar uma das máximas de Benjamin – a de que o passado só pode ser compreendido à

luz do presente. Os caboclos, afinal, sempre estiveram presentes. Desobedecendo ao limite estabelecido entre o capítulo inicial e os demais, avançaram da pré-história rumo ao mesmo caminho que o dos ditos pioneiros: a construção da cidade. Quanto aos indígenas, embora não vivam dentro dos limites de Caibi, a aldeia mais próxima está localizada a meio caminho da cidade vizinha de Iraí, a cerca de 20 quilômetros. Considerando os trabalhos subalternizados e as condições de vida precarizadas desses dois grupos, a pequena cidade colonial e sua história de fundação parecem confirmar novamente uma máxima benjaminiana. A de que nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. Na medida em que “[...] todos os bens culturais devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que o criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos.” (BENJAMIN, 1996, p.225).

O testemunho sobre a origem do nome indígena Caibi consta no texto fundacional da cidade da mesma maneira que sempre correu nas conversas entre os colonos. Batizada de início como São Domingos, a cidade teve que escolher outro nome diante da curiosa coincidência de uma localidade vizinha também chamar-se São Domingos. A sugestão do nome indígena Caibi – cujo significado, já mencionado, é “folhas verdes” – veio do professor Júlio Turcatto, quem encontrou o verbete indígena em um livro. A ideia não era fazer referência ao grupo originário, mas simplesmente ilustrar a história contada pelos colonos com o termo tupi-guarani. Ao chegarem na região da futura cidade, os companheiros do professor só encontraram mato. Caibi, então, passou a designar não só a cidade, já em estado avançado de desenvolvimento, como também a paisagem original que a precedeu. Em *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000), Silviano Santiago aponta justamente para as cidades coloniais iguais a Caibi como um sintoma do renascimento colonial. Este processo de conversão dos habitantes originais do Novo Mundo em um único sistema sócio-cultural, inscreveu a América no contexto da civilização ocidental com o estatuto de um primogênito, diz o autor. Presos à condição de cópia e simulacro, restaria aos povos colonizados o valor máximo da semelhança em relação à metrópole:

Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como a única regra válida de civilização. É assim que vemos nascer por todos os lados essas cidades de nome europeu cuja única originalidade é o fato de trazerem antes do nome de origem o adjetivo ‘novo’ ou ‘nova’: New England, Nueva España, Nova Friburgo, Nouvelle France etc. (SANTIAGO, 2000, p. 14)

Embora o caso de Caibi não seja tão explícito como o da vizinha Nova Veneza, pode até ser compreendido como uma dupla cópia. Primeiro por haver surgido com o nome do padroeiro católico São Domingos, levado às terras catarinense pelos colonos descendentes de italianos. E, depois, por adotar um nome indígena através de uma abordagem folclórica, esvaziado do seu significado original. Marcas de homogeneização como esta, que levaram o autor a questionar qual o tipo de contribuição cultural a América Latina seria capaz no cenário ocidental, abrem a questão principal desta investigação. Como se daria uma nova leitura sobre os arquivos que enunciam a narrativa oficial de fundação da cidade? Tendo em vista que a origem da cidade é, ao mesmo tempo, o apagamento de outras origens possíveis e irrecuperáveis, de que modo seria possível ampliar os limites da narrativa de fundação? Santiago (2000) aponta um caminho no encaixe do mestiço, esta figura por ele considerada subversora dos conceitos de unidade e pureza impostos aos latino-americanos. Na medida em que o mestiço – assim como o caboclo – configura uma mistura entre o elemento europeu e o elemento autóctone, seria capaz de produzir uma espécie de infiltração progressiva do pensamento selvagem. Ou seja, uma abertura que poderia levar à descolonização.

Para além da condição de grupo social dessas figuras, o trabalho do historiador Luiz Antônio Simas oferece um olhar sobre os caboclos que se manifestam nas rodas de bailado, giras e canjiras<sup>9</sup>. Ao analisá-los em expressões religiosas como na umbanda, no candomblé e na encantaria, articula o saber das chamadas macumbas a uma crítica do pensamento ocidental. Na sua elaboração, o caboclo é apresentado como uma categoria epistemológica capaz de promover o

<sup>9</sup> Os três termos se referem a diferentes contextos ritualísticos em que o caboclo comparece enquanto um ser invisível.

reposicionamento histórico e a emergência de saberes renegados pelo modelo racionalista. Pois que o caboclamento seria uma experiência de encante, ou encantamento a partir destes últimos. Para apresentar o caboclo enquanto conceito, Simas (2018) percorre diferentes religiosidades afro-indígenas a fim de escolher uma tipologia entre tantas. O “radical caboclo” (p.99), segundo ele, está presente na chamada encantaria. Esta manifestação religiosa pouco conhecida e anterior à umbanda, é considerada base e raiz desses seres<sup>10</sup>. Extraídas do seu contexto religioso, as características constitutivas de um caboclo encantado<sup>11</sup> são sugeridas como faculdades especiais, por assim dizer, para reler o legado colonial. Exemplo elucidativo da experiência de encantamento, dado pelo historiador, é o caso do povo indígena tupinambá. Consta na narrativa oficial, pelo ponto de vista dos descobridores, que o grupo foi exterminado nas areias da Baía da Guanabara. Já pela via do encante ou do caboclamento, os tupinambás continuam a se manifestar nas rodas de macumba, incorporando-se nos corpos em transe. Ao afirmar o caboclamento enquanto uma experiência de encantamento, o autor sugere o encante como chave de leitura para reler história de formação do Brasil. Visto que a resposta dada por essas alteridades diante da tentativa de aniquilação dos colonizadores, é um desvio astucioso das mortes físicas e simbólicas que sofreram. O qual não consta nos registros escritos, mas nas oralidades dos terreiros de macumba.

No embalo desse pensamento, então, ser encostado pelo gestual do caboclo na roda do bailado, ter o corpo atravessado por sua temporalidade anacrônica, permite supor uma leitura de arquivo em busca de possíveis cruzamentos entre a narrativa oficial e os personagens soterrados pelo tempo

---

<sup>10</sup> A Encantaria é considerada base e raiz dessas entidades, segundo conta o dirigente Francelino de Shapanan no artigo “Entre caboclos e encantados: mudanças recentes em cultos de caboclo na perspectiva de um chefe de terreiro” (2011). A razão, levantada por Simas (2018) e confirmada por Shapanan (2011), é a maior preservação da ancestralidade de uma prática em relação a outra. “A umbanda é bem posterior à encantaria de nobres e caboclos e por isso vemos suas entidades como derivações branqueadas daquelas que são cultuadas no tambor-de-mina, ou ainda como encantados-caboclos descendentes.” (p.329)

<sup>11</sup> Diferentes dos caboclos da umbanda e do candomblé de caboclo, os caboclos encantados são considerados seres supraviventes. Nem vivos, nem espíritos. Vivem na condição de elementos da natureza em que foram encantados e se manifestam nos corpos em transe. Estão para além da nossa concepção de vida biológica, filosófica e histórica. (SIMAS, 2018, p.101)

vazio e homogêneo do historicismo<sup>12</sup>, confinados nas frestas do nexo causal dos fatos. Nesse sentido, a tipologia do caboclo encantado resgatada por Simas (2018) possui uma característica conveniente. O termo caboclo, na encantaria, serve para dar nome a todos os seres invisíveis que baixam no terreiro. Diferente da umbanda, por exemplo, em que o termo se restringe às entidades ligadas aos indígenas<sup>13</sup>. Por conta disso, o historiador defende que a chamada “canjira dos encantados” possui uma ontologia desafiadora ao projeto de dominação colonial. Já que os caboclos encantados não respeitam as hierarquias deixadas pelo legado colonial:

Na canjira dos encantados todas as mais diferentes formas baixam sob a condição de caboclos. Essa horizontalidade se dá, pois parte-se da premissa de que tudo que está a circular no mundo está passível de encantamento. A noção de caboclo é o suporte que encarna as formas de vida potencializadas pelo encanto. Das princesas turcas aos beberrões maltrapilhos, do rei de França aos bugres guerreiros, dos vulgos matutos das campinas e sertões, às mais diferentes expressões de seres viventes. Na canjira dos encantados todos podem baixar sob o estatuto ontológico do caboclo. (SIMAS, 2018, p. 99)

Estruturada nos moldes do historicismo ocidental, a narrativa de fundação da cidade estabelece uma imagem eterna do passado, conectada aos arquivos da história regional e nacional. Ao considerar uma nova leitura desses arquivos, incorporada da noção de caboclo enquanto categoria epistemológica, o caboclamento arquivístico e historiográfico decorrente desta operação faz pensar também em um modo de escrita. Uma escrita guiada pelo caboclo seria, assim, uma escrita em transe – do latim “transire” – definida, portanto, “[...] pela ideia do ir atravessando como sentido de cruzar mundos, perspectivas, possibilidades, práticas, o tempo inteiro.” (p.100). Uma escrita disponível à travessia e ao cruzamento, em que o transe se configura como um ato criativo. Tanto na descoberta de materiais e narrativas eliminadas pelo poder arcôntico, expandindo

<sup>12</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232

<sup>13</sup> São exemplos: Caboclo Tupinambá, Caboclo Pena Branca, Caboclo Cobra Coral.

o arquivo local. Quanto na ampliação dos limites da paisagem da narrativa de fundação, subvertendo-a no sentido de uma fundação narrativa que crie cruzamentos entre colonos, caboclos e indígenas; entre a história nacional e a história local, entre historiografia e ficção.

Antes de passar ao experimento proposto, o capítulo seguinte faz uma leitura do episódio conhecido como a Viagem de 1929. Considerada marco da historiografia regional e ponto de partida para a narrativa de fundação da cidade, o evento será analisado através das relações entre arquivo e repertório apresentadas por Diana Taylor, na tentativa de demonstrar os mecanismos dos roteiros coloniais e das performances que promovem a atualização de uma ordem social hierarquizada. Ao mesmo tempo em que assombrações dos indígenas se fazem presentes e caboclos caminham pelas margens e frestas dos documentos históricos.

### 3

#### **A viagem de 1929**

O episódio conhecido como *A viagem de 1929* possibilita expandir a compreensão sobre a história da pequena cidade na medida em que eleva a discussão local ao nível regional e nacional. Os registros que virão a seguir, tornam visíveis pontos de contato entre a construção narrativa da cidade e a elaboração do projeto de grande nação, que atravessa o domínio regional através do plano de expansão territorial mediante a interiorização do país. Em articulação com o processo de corte e modelagem do povo, a produção da brasilidade e do sentimento nacional. Com efeito, a relação entre o referido evento oficial e a história de fundação da cidade permite tomá-la como célula da nação brasileira, então em franco desenvolvimento. Trata-se, pois, de um projeto de promoção da integração ancorada à ideia de construção da identidade estadual e brasileira (CEOM, 2005, p.137).

Distante da sede administrativa do estado, localizada em uma zona fronteira e comandada por mandatários locais, a desconhecida região do Oeste catarinense – designada como sertão – foi palco para uma espécie de encenação da conquista do seu território e da sua população. A historiografia regional parece consensual em considerar o evento como seu ponto zero. O que, além de comprovar a eficácia dos arquivamentos em torno do acontecimento, revela a filiação da história local de Caibi e de outras cidades da região, fundadas por colonos. E que constroem suas narrativas fundacionais a partir do mesmo marco temporal.

**Figura 1 - Fotografia dos integrantes da viagem de 1929**

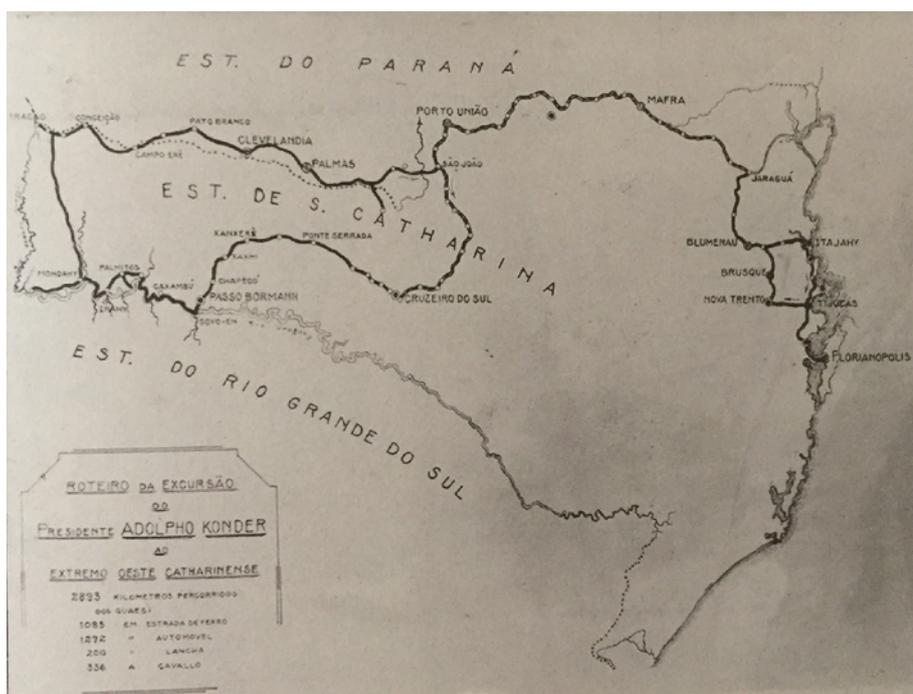


Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

A viagem de 1929 foi realizada na forma de uma comitiva com cerca de 30 integrantes – homens dos mais variados cargos e segmentos do governo estadual como deputados, chefes de polícia, consultores jurídicos, agrimensores, historiadores e escritores – e encabeçada pelo governador de Santa Catarina, Adolpho Konder, à época, com o título de presidente do estado. Além de reunir nomes de prestígio, a caravana realizou um trajeto de 30 dias<sup>14</sup> passando por cerca de 30 municípios, grande parte deles nas áreas de fronteira com os estados do Paraná (ao Norte), Rio Grande do Sul (ao Sul) e limite com a Argentina (a Oeste), perfazendo cerca de 3 mil quilômetros. Os quais foram percorridos com diversos meios de transporte, do simples automóvel a trem, ônibus, burros e cavalos, balsas e lanchas e, por fim, longas caminhadas pela área de floresta, coração do sertão catarinense.

<sup>14</sup> O período exato e número de municípios visitados varia de acordo com os diferentes registros. A referida marca de trinta dias, carregada de um efeito emblemático, é de Arthur Ferreira da Costa, em publicação posterior à viagem, que será apresentada a seguir.

**Figura 2 - Fotografia do mapa com o trajeto da viagem de 1929**



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

A imagem do mapa, em que é possível observar o trajeto da incursão, com início na capital catarinense, Florianópolis, em abril de 1929, consta em uma das publicações realizadas em torno do episódio, intitulada *O Oeste catarinense: visões e sugestões de um excursionista* (1929), de Arthur Ferreira da Costa. Parte dos relatos que compõem a edição, escritos pelo chefe de polícia do estado no mandato de Konder, havia sido publicado periodicamente no jornal *República*, inteirando a população do litoral sobre as façanhas e adversidades enfrentadas pelo presidente e seu grupo. O governo estadual teria a preocupação de difundir o evento ao máximo através de um considerável aparato propagandístico. E rápido: o material foi reunido e publicado em livro no mesmo ano<sup>15</sup>. Também ganharia versão impressa a conferência proferida por José Arthur Boiteux, outro integrante do corpo oficial, antigo juiz de direito e desembargador do estado, que leva a público as obras e as promessas realizadas pelo governo ao longo da viagem. *Oeste Catharinense (de Florianópolis a Dionísio Cerqueira)* (1931) foi realizada

<sup>15</sup> Os fac-símiles desta publicação e da conferência de Arthur Boiteux, que será apresentada na sequência, estão presentes no livro *A viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras* (2005), organizado pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM.

no *Centro Catharinense* e na *Sociedade de Geographia*, no Rio de Janeiro, e no *Club XII de Agosto* em Florianópolis. A transcrição do evento foi lançada em 1931 pelo *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* – permitindo reconhecer o parentesco com o gesto primeiro do Instituto Histórico Brasileiro, o qual, logo após a independência do país, surge com o propósito de fundar os primeiros arquivos da nação e construir a memória nacional. O tipo de trabalho que implicava em “[...] recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos.” (SCHWARCZ, 1993, p.129). À época de 1929, ainda, foi produzido e publicado o livro *Aos espanhóis confinantes* (1929), romance em formato de diário de viagem de Othon Gama D’Eça, um dos fundadores da *Academia Catarinense de Letras*. Por último, foi posto em circulação um álbum de fotografias que captura a presença dos integrantes da caravana, a paisagem e a população local.

No caso da narrativa fundacional da cidade, a montagem se dá através da manipulação de arquivos já existentes. Dos quais o livro publicado, além de referenciá-los, passa a fazer parte desses mesmos arquivos. De modo diferente, na viagem de 1929 é possível olhar para o arquivo em franco funcionamento. O que é possível através da cuidadosa inscrição do episódio em formato de escrita. Em suas reflexões sobre o arquivo e o repertório<sup>16</sup>, Diana Taylor lembra do papel histórico da escrita introduzido durante a Conquista da América espanhola. Na sua opinião, o legado deixado pelo evento, marcado pela imposição de documentos escritos como modo de controle da população indígena, não foi a substituição da escrita em relação às práticas relativas ao corpo. Assim como estas eram ferramentas utilizadas pelos jesuítas, também aquela era cara aos astecas, maias e incas, que cultivavam formas diversas de escrita aliadas à oralidade. O que mudou, de acordo com o raciocínio da autora, foi o grau de legitimação da escrita em relação a outros sistemas epistêmicos e mnemônicos. Algo que não se resume, portanto, à ruptura entre a palavra escrita dos colonizadores e a palavra falada dos nativos. Mas entre as noções antagônicas do arquivo, enquanto repositório

---

<sup>16</sup> Como repertório, Taylor (2013) designa o conjunto de práticas e conhecimentos incorporados como performances, gestos, oralidade, movimento, dança, canto. (p.49)

supostamente neutro de materiais duradouros. E do repertório, como efemeridade incapturável. Logo, o caso da viagem de 1929 serve, aqui, para desmistificar esta oposição entre arquivo e repertório e perceber a mediação que está por trás da construção da memória arquivada, operada através dos dois domínios. Se, por um lado, o repertório das populações locais é banido, sem acesso ao mesmo sistema de escrita para legitimar a própria narrativa. Por outro, o mecanismo arquivístico está intimamente ligado à práxis incorporada. Ainda que esta seja registrada de forma estática e aparente ser uma manifestação incompatível com os documentos oficiais. Não por acaso, a performance comparece em diferentes níveis na construção narrativa do passado regional. Algo fácil de notar na atualização que promove dos arquivos nacionais. Estes que, por sua vez, trazem uma ordem social que remonta a sua fundação. Portanto, a apresentação pública da comitiva oficial do governo é, também, uma encenação dos gestos dos heróis da nação, conforme a apresentação do livro de Arthur Ferreira da Costa:

Essa jornada, verdadeira ‘bandeira’ empreendida nos dias que vivemos, tem características de coragem, de ousadia, de resistência, de abnegação, que lembram os gestos de nossos maiores, quando se internavam pelos sertões, desbravando o desconhecido e levando aos rincões mais afastados o cunho da conquista brasileira, assegurando pela posse largos domínios para a nossa nacionalidade. (COSTA, 1929, s/p)

Os 3 registros escritos em torno do evento mostram um perfeito alinhamento entre os integrantes da Bandeira Konder ao se referirem, entre si, através do título de honra de bandeirantes. Dentre todos, o chefe da expedição, o governador Adolpho Konder, é considerado “[...] lidimo e intrepido ‘bandeirante’ [...]” (ibid., s/p). Também assim, na coletividade, o grupo é exibido à população do litoral como “[...] BANDEIRANTES DA BRASILIDADE, na phrase, sob todos os pontos de vista feliz, de Tito Carvalho, distinto jornalista conterrâneo, director da Republica e destacado membro da Academia Catharinense de Letras” (BOITEUX, 1931, p.28, grifo do autor). O contorno dessas personagens também se mostra um tanto criativo, por assim dizer, na sua construção. Ao perfil heroico de Othon Gama D’Eça, por exemplo, soma-se a

insígnia de escrivão das caravelas do descobrimento, ao ser descrito por José Boiteux como “[...] Pero Vaz de Caminha da Bandeira catarinense do século XX” (ibid., p.14). É também Boiteux, o desembargador versado na história nacional da caravana, que faz referência à emblemática frase do cronista Pero de Magalhães Gândavo<sup>17</sup>. De quem a interpretação sobre um grupo de população indígena, no século XVI, é estendida para a população de brasileiros – os assim chamados caboclos – que viviam na zona considerada de maior desnacionalização<sup>18</sup> do sertão catarinense.

Ao registrar a importância da encenação da conquista do território em artigos e livros, o representante da cultura letrada apresenta o “roteiro” (Taylor, 2013) da ação dos corpos presentes por uma perspectiva que destaca, como heroísmo, a dominação – geralmente violenta – da população iletrada. Assim, as performances europeizadas legitimam seu autoritarismo pelo registro arquivístico. O qual será mantido na transposição do roteiro e da sua reiteração. Dentro dessa lógica, a população de caboclos da região fronteiriça – que fala uma mistura de português e castelhano, que não usa moedas nem jornais brasileiros e que casa e registra os filhos em cartórios vizinhos – repete o papel de população “brasílica” (COSTA, 1929, s/p). E ocupa novamente o lugar subalterno diante do colonizador como um povo “Sem justiça, sem lei, sem escola” (GÂNDAVO, 1573, p.65).

A repetição do legado da história colonial visto no episódio de 1929 conduz, em tempo, à pergunta feita por Silviano Santiago – “Por que e para que

---

<sup>17</sup> No seu *Tratado da Terra do Brasil* (1573) – reeditado em 1858 pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – no capítulo intitulado “Da condição e costumes dos índios da terra”, o cronista faz a seguinte descrição sobre a população nativa: “A língua deste gentio, toda pela Costa, é uma: carece de três letras – não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto por que assim não têm fé, nem lei, nem rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente”.

Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf?sequence=1>>

Acesso em: 17 mar. 2021.

<sup>18</sup> A localidade em questão é uma zona de tríplice fronteira, à época com confusos limites e jurisdições entre duas cidades de estados brasileiros, Santa Catarina e Paraná, e uma terceira, pertencente à Argentina. Para dar contorno nacional à porção catarinense, inúmeras medidas foram tomadas: nomeação de oficiais de força pública, de registro civil, organização de diretório político local, agendamento de eleições distritais e criação de escolas primárias. Mais tarde, as 3 cidades seriam emancipadas, respectivamente, como Dionísio Cerqueira, Barracão e Bernardo de Irigoyen.

viaja o europeu?”<sup>19</sup>. A resposta dada, – a colonização pela propagação da Fé e do Império – assinala o traço narcísico que contém. O do europeu que queria ver a sua imagem repetida por todo universo e que, assim, acaba por inaugurar a história dita universal (SANTIAGO, 2002, p.226) – omitindo-se, entretanto, a presença de quem mais pudesse estar presente. De volta ao momento inicial de construção da memória nacional, quando da criação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, é possível detectar traços determinantes de um modelo historiográfico primordial – ou, como dirá Taylor (2013), a existência de um “roteiro”. No afã imperial de produzir um projeto histórico unificador, em 1840, o instituto anunciou um concurso que escolheria um plano para se escrever a história antiga e moderna do Brasil. O ensaio premiado, intitulado *Como se deve escrever a história do Brasil* (1845), teve autoria do austríaco Karl Friedrich Von Martius, conhecido pela participação nas expedições científicas do século XIX e suas contribuições à historiografia e etnologia. Embora Von Martius (1845) não fosse historiador de formação e seu trabalho não apresentasse um programa de rigorosa metodologia histórica e científica, ainda assim, firmou-se como ponto de partida para vários trabalhos futuros. Engajado na construção de uma cultura nacional, atribuiu à mestiçagem – pela primeira vez – o valor de matriz da brasilidade (SOMMER, 2004, p.179). Por mais que defendesse a contribuição de indígenas e africanos para a formação da população brasileira, recomendando o estudo da cultura autóctone à historiografia pragmática, a hierarquia entre os três grupos é nítida para os olhos de hoje. E ainda assim, alerta Sommer (2004), a união racial em que os europeus iriam melhorar as raças ditas inferiores não era de todo diferente ao massacre dos povos indígenas, defendido abertamente por radicais como Francisco Adolfo de Varnhagen<sup>20</sup>. Na lição de Von Martius (1845), realizada pela caravana de 1929, o lugar central da historiografia está reservado ao colono português na sua múltipla condição: “[...] descobridor, conquistador e senhor [...]” (p.442). As façanhas marítimas, comerciais e guerreiras,

---

<sup>19</sup> SANTIAGO, Silvano. Por que e para que viaja o europeu? In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 221-240p.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242428>> Acesso: 17 mar. 2021.

consideradas fundamentais no programa expositivo sobre o período de descobrimento e colonização do Brasil, são revividas nos gestos e na caracterização dos heróis catarinenses.

Além de trazer inúmeras camadas de relatos coloniais ao registro do presente, o estilo narrativo dos escrivães de 1929 está de acordo com as indicações feitas pelo naturalista alemão. Este, sugere evitar a monotonia das crônicas e investigações históricas, “[...] sêcas e puramente eruditas” (p.457). Na sua opinião, para a materialização de um projeto unificador, o “[...] autor monárquico-constitucional” (p.457) deveria prestar serviço a sua pátria e escrever a história nacional em um só volume, com linguagem popular e gênero épico. Ao futuro autor, que fosse escrever a história de acordo com o seu modelo, Von Martius desejou sucesso na tentativa de imprimir à obra todo o seu zelo patriótico “[...] e aquele fogo poético próprio da juventude, ao mesmo passo que desenvolva a aplicação e profundidade de juízo e de firmeza de caráter, pertencentes à idade madura e varonil.” (p.458). A julgar pelo retrato do maior responsável pela “obra de brasilidade mais empolgante desses últimos anos de República” (D’EÇA, 1992, s/p), os auspícios de Von Martius (1845) se concretizaram:

**Figura 3 - Fotografia do retrato de Adolpho Konder**



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

As reincidências de traços e caracteres fundacionais identificadas na viagem de 1929 evidenciam, igualmente, a noção de roteiro trazida por Taylor (2013). Na forma mesma de sumário ou esboço de uma peça, com informações sobre cenas, personagens e situações – que excedem o texto e a narrativa –, os roteiros funcionam como paradigmas que estruturam a compreensão. Através do seu aspecto de instrumentalidade e transitividade, moldam-se a novos contextos organizando ambientes sociais, comportamentos e ações. Von Martius (1845) confirma a existência de inúmeros roteiros de descobrimento e conquista, na hora em que sugere ao “historiador patriótico” que procure “atrativo variadíssimo”:

[...] na narração das numerosas viagens de descobertas e incursões dos diferentes pontos do litoral *para os desertos longínquos do interior (os sertões)*, empreendidas em procura de ouro e pedras preciosas, ou com o fim de cativar e levar como escravos os indígenas. Essas *entradas* foram pela mejor (sic) parte executadas espontâneamente por pessoas, as quais animadas por um certo espírito romanesco e aventureiro, nelas desenvolveram tôda energia, talento inventivo, perseverança e coragem de um Cortez, Balboa ou Pizarro, e executaram façanhas dignas de admiração da posteridade.” (VON MARTIUS, 1845, p. 452, *grifo meu*)

O roteiro, assim, seria uma espécie de arcabouço portátil que acumula repetições ao longo do tempo. Sua base de dados, por assim dizer, permite conduzir o rumo de ações futuras a partir de encenações passadas. O caso da expedição, uma verdadeira teatralização do roteiro de conquista, permite observar a estruturação do evento. Legitimados pela tradição, os bandeirantes-conquistadores são imediatamente situados como aqueles que vêem e controlam a cena. Ao leitor dos jornais, transportado a um lugar exótico, é dada a mesma perspectiva. Ambas com recuo em relação à moldura que se impõe às desconhecidas terras e aos estranhos nativos, que serão posicionados às margens da paisagem e irão assumir características imaginárias ou substituição de inimigos antigos. Para que esse regime de visibilidade seja instaurado, para que seja realizada a transferência de roteiros antigos ao tempo presente, coisas específicas precisam ser ditas e feitas.

O exemplo da performance da descoberta do Novo Mundo, usada por Taylor (2013), desempenhada por Colombo ao fincar a bandeira e recitar declarações oficiais rodeado por sinais de autoridade, também vale nesse caso. Uma vez que a performance, preservada no repertório e no arquivo, e que funciona como uma espécie de selo de legalidade para a reivindicação de posse, só exige dos sucessores bandeirantes a repetição do mesmo modelo “ao vivo.” (p.96).

Nessa operação em que roteiros anteriores funcionam como moldura que possibilita a transferência do repertório para o arquivo, reconfigura-se o mapa<sup>21</sup> do interior catarinense. A um só tempo é redesenhado no plano jurídico, seja com a ajuda técnica de engenheiros e geógrafos, seja com a implementação de medidas político-administrativas; além de ser retraçado no campo simbólico. Assim, as mudanças registradas no papel também são vistos nos registros fotográficos das reuniões com autoridades, nos encontros com líderes locais, nas visitas aos núcleos coloniais em expansão. A produção dessa nova paisagem conta, ainda, com uma ritualística nacionalizante. Em todas as localidades por onde passa, a caravana é recebida com bandeiras tremulantes, casas enfeitadas de verde e amarelo e demonstrações cívicas de patriotismo. O escrivão e bandeirante Gama D’Eça traduz uma dessas manifestações:

A recepção ao presidente foi uma confortadora prova do sadio nacionalismo da sua população. Bandeiras nacionais nas mãos das crianças e, no ambiente luminoso, o rumor de um povo que deixara, por uns momentos, as lides da terra, para vir aclamar o chefe de Estado, que ia integrar uma porção querida de Santa Catarina nos destinos comuns da Pátria brasileira. (D’EÇA, 1992, p. 57)

Discursa-se sobre a importância daquele projeto para a consciência nacional, hasteia-se a bandeira, canta-se o hino. Na mesma linha, as obras – ou marcos civilizatórios – que vão sendo inaugurados, demarcam, progressivamente, um território nacionalizado. Escolas ganham o nome de autoridades, heróis da

---

<sup>21</sup> Othon Gama D’Eça menciona os ajustes feitos no mapa com um pouco mais de detalhes, se comparado aos outros dois registros: “Aproveitando a oportunidade e no afã de identificar verdadeiramente a região percorrida, o presidente, o Breves, e o dr. Werner fizeram retificações topográficas e hidrográficas, dando nomes a lajeados, a ribeirões, a acidentes naturais, que ainda nem se achavam assinalados nos mapas!” (D’EÇA, 1992, p.84)

pátria são monumentalizados nas praças, ruas remetem a episódios históricos e rios passam a rememorar datas comemorativas do calendário nacional. As cidades, por sua vez, têm o nome original substituído por uma linguagem abasileirada, associada ao caboclo e ao indígena – abraçados no novo imaginário da nação. A este respeito, o homem de letras da caravana explica:

Como é vasto e desconhecido este nosso querido Brasil!  
Mas, ao batizar essas águas novas, o presidente tem tido uma nobre preocupação nacionalista: dá-lhe sempre nomes brasileiros: – Lajeado do Saci, Ribeirão da Bracantiga.  
Nada de designações arrevesadas, que o caboclo não pode pronunciar e nada significam.  
Estamos no Brasil e o vocabulário brasileiro é farto e expressivo.  
E o manancial luso-guarani inesgotável e belo, como nenhum outro. (ibd., p.84)

Ainda no enalço da perspectiva anti-colonialista de Taylor (2013), cuja proposta é observar o “roteiro” das ações performáticas, o uso de vocabulário local para identificar acidentes geográficos corresponde ao mesmo movimento autoritário de incorporação pelo Estado. De modo que territórios ainda habitados apenas por caboclos e indígenas sejam possuídos pelo empreendimento de colonização e seus representantes descendentes de europeus. A usurpação do território das populações nativas – como aconteceu no século XVI – é legitimada pela apropriação de suas denominações. Os registros mostram dois casos parecidos ao de Caibi. As colônias Porto Novo e Porto Feliz, próximas da área onde também surgiria São Domingos<sup>22</sup>, são renomeadas com topônimos indígenas semelhantes, por sugestão do governador. Respectivamente, passam a se chamar Itapiranga e Mondaí<sup>23</sup>. Embora o núcleo colonial que origina São Domingos tenha sido fundado tempos depois, é certo que a consolidação do imaginário nacional, então em formação, haveria de influenciar a substituição pelo nome de Caibi. Em

<sup>22</sup> Cabe lembrar que a antiga São Domingos corresponde à futura Caibi.

<sup>23</sup> Segundo Costa (1929), Mondaí, então, contava com 7 anos de funcionamento e Itapiranga, dois – confirmando o rápido desenvolvimento. Em relação a esta última, é interessante o trabalho de Paulo Eidt, intitulado *Os sinos se dobram por Alfredo* (2016), em que reconstitui a história do projeto de Porto Novo através do personagem ficcional Alfredo, integrante de uma família de imigrantes alemães. A narrativa mescla documentos, relatos de vida e estudos sobre as relações culturais, econômicas e sociais.  
EIDT, Paulino. *Os sinos se dobram por Alfredo*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2016. 376p.

reforço a esta ideia, o comentário de Boiteux (1931) insinua que, a certa altura, as trocas de nomes começaram a acontecer espontaneamente:

Ahi terminou a nossa viagem pelo rio. Deixámos as lanchas a gazolina e tomámos autos para visitarmos Porto Novo. Sua séde é a risonha Itapiranga, nome indígena como são Mondahy e tantos outros que os novos colonizadores daquela região estão preferindo aos Neu Bremen, Neu Berlim, Neu Breslau que tanto nos arrepiam os pavilhões auriculares e as Novas Venezia e Novas Palermo que, em cada canto colonizado por antigos directores de nucleos, se encontram seguidamente. (p.22).

Longe da espontaneidade sugerida pelo desembargador, a troca de nomes coloca em cena os efeitos do endurecimento da política adotada pelo futuro governo Vargas, direcionada em defesa do nacionalismo de inspiração nazifascista (DIWAN, 2018, p.119). Virado o jogo, os colonos europeus, antes beneficiados com as medidas de incentivo do governo, passariam a representar uma ameaça à unidade cultural e identitária pretendida pelo Estado Novo.

**Figura 4 - Fotografia do portal de entrada da cidade de Mondai**



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

No momento em questão, São Domingos não configurava um destino dentro da rota da caravana Konder. Como já mencionado anteriormente, foi necessário mais tempo para que o núcleo colonial ganhasse corpo, embora as primeiras famílias já vivessem naquelas terras desde 1918. Ainda assim, o trajeto da comitiva passa por sedes coloniais mais recentes em comparação a Itapiranga e Mondaí, as quais, além de se tornarem vizinhas de São Domingos mais tarde, abrigaram, de início, alguns dos seus integrantes. Em comum, todas essas pequenas comunidades – Palmitos<sup>24</sup>, São Carlos e Passarinho – foram administradas pelas empresas colonizadoras Chapecó-Pepery Limitada e a Companhia Territorial Sul Brasil<sup>25</sup>. Em um dos registros fotográficos, Adolpho Konder aparece em visita realizada a uma quarta sede vizinha, em estágio parecido, chamada Cascalho. O discurso feito na ocasião – “Quando o dr. Adolfo exclamou: ‘Colonizar não é vender terras!’ e acentuou a necessidade de se fixar o homem à gleba, houve exclamações e aplausos por toda a parte.” (BOITEUX, 1931, p.47) – faz elogios ao trabalho realizado pela Companhia Territorial Sul Brasil. E, sobremaneira, à toda população de colonos imigrantes. Estes, que serviram indistintamente aos “futuros núcleos de colonização” (BOITEUX, 1931, p.15) aos olhos do governo, serão oficializados com o mesmo estatuto de pioneiros na narrativa de fundação de Caibi, aos olhos de Rizzi (2012).

Passarinho, como Palmitos, como São Carlos, são colméias ativas, onde uma gente próspera e sadia vai construindo o seu favo de ouro. Vale a pena vê-las. Alimentam-nas uma gleba de fértil; orientam-nas espíritos de elite, com a consciência lúcida e nítida dos destinos humanos. (D’EÇA, 1992, p. 34)

---

<sup>24</sup> Palmitos, entre todas, a mais próxima de Caibi: separadas por pouco mais de 10 quilômetros.

<sup>25</sup> Caibi teve sua construção capitaneada pela Companhia Territorial Sul Brasil. O estudo do historiador Antonio Werlang, de título *Disputas e ocupação do espaço no Oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil* (2006) aborda o processo de colonização regional a partir do caso específico desta empresa e oferece rico material de fotos e entrevistas. WERLANG, Alceu Antonio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó: Argos, 2006.149p.

**Figura 5 - Fotografia de Adolpho Konder proferindo discurso na sede Cascalho**



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

O arquivo regional mostra-se, assim, como a construção de um *a priori* histórico, um precedente (FOUCAULT, 1987, *apud* Pedrosa, Klinger, Wolff, Câmara, 2018, p. 22) em relação à história de fundação de Caibi. E cada vez mais longe da noção tradicional de arquivo, como lugar de memória e acumulação, revela-se um sistema enunciativo cujo controle garante poder político e a supremacia cultural. As fórmulas publicitárias e a retórica das notícias de jornais locais que passam a estimular a vinda de imigrantes das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul<sup>26</sup> para a “Nova Canaã”, com base nos relatos e nos discursos de Konder, são nítidas construções de realidade. Entretanto, entre a moldura do arquivo e a paisagem, entre o éden e o sertão, entre os colonos e as populações nativas, persiste a tensão que marca todos os modos de arquivamento. E é a própria eficácia do arquivo da viagem de 1929, forjado como narrativa totalizante, como história do triunfo da lei e da ordem, como afirmação e repetição do modelo historiográfico nacional, que é necessário reler através de um caboclamento

<sup>26</sup> Em *Mito e história na colonização do Oeste catarinense* (2008), Renilda Vicenzi discute os mitos criados em torno das personagens envolvidas no processo de colonização regional – pioneiros e nativos – e analisa os discursos difundidos nas Colônias Velhas pela Cia Territorial Sul Brasil.

VICENZI, Renilda. *Mito e história na colonização do Oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2008. 162p.

historiográfico. Conjurando os fantasmas e espectros dos indígenas e seguindo os passos dos caboclos, que estão nas margens e nas frestas da paisagem do imenso sertão. Conquistado pelos bandeirantes catarinenses sob o regime de visibilidade assegurado pelos roteiros coloniais.

**Figura 6 - Fotografia do retrato do sertão catarinense**



Fonte: Fac-símile do livro *A viagem de 1929* (2005).

### 3.1.

#### **Caboclamento historiográfico**

Por mais que a imagem do sertão catarinense tenha sido fixada como uma paisagem pouco habitada, a moldura criada pelos roteiros de descoberta e conquista revela, ao contrário, um arquivo assombrado e com a presença constante de intrusos. Através da manobra da transferência “[...] como um paradigma sem novidade, portátil, repetível e frequentemente banal [...]” (Taylor, 2013, p.93), o roteiro permite moldar o contexto presente ao ativar o tempo passado. Como um sistema paradigmático de visibilidade, em que o descobridor ou conquistador é

aquele que vê e controla a cena, além de estar invariavelmente no centro do palco em oposição ao Outro selvagem, garante também o seu inverso, a invisibilidade. A imagem do sertão catarinense não é apenas pintada como vazio demográfico pronto para receber os “os colonos, os immigrants, os obreiros da civilização” (COSTA, 1929, p.31), a ela também é acrescentada a ideia do caos e da desordem. Em tal caso, faz sentido que o encontro entre Adolpho Konder e Getúlio Vargas, então governador do Rio Grande do Sul, tenha sido o acontecimento mais comentado da viagem de 1929. Muito próximo à Caibi atual, na cidade de Iraí, os dois chefes de estado assinaram um convênio de cooperação mútua entre as forças policiais dos estados vizinhos. Apesar da existência do chamado caudilhismo local, em que coronéis ditavam a “lei do trabuco” acima do poder republicano, o fenômeno do banditismo parece ter cumprido dois objetivos. O de servir de argumento à implantação da ordem civilizatória e, ao mesmo tempo, manter uma ordem social hierarquizada. Garantida, como já visto, por uma tradição historiográfica reafirmada através do caráter iterativo do arquivo. Afinal, o cenário desolador e assolado pela barbárie apresentado pelo governo estadual da época, aciona diferentes tipos de roteiros, definindo protagonistas e antagonistas.

Assim como os traços dos conquistadores mais remotos são sublinhados no presente, assegurando a reputação dos novos heróis, o mesmo ocorre com as feições dadas ao Outro selvagem através dos roteiros de descoberta. Por mais que o cuidadoso arquivamento do repertório da viagem de 1929 permita visualizar, através das fotografias, a transposição de papéis entre bandeirantes e os homens oficiais da caravana, o mesmo não é possível no caso dos caboclos, retirados por completo das imagens. Ao mesmo tempo, a articulação entre o roteiro e as narrativas produzidas pelos integrantes da comitiva, permite um jogo em que a presença esvaziada dos nativos no primeiro caso (roteiro), é preenchida parcialmente no segundo (texto). Aquilo que o roteiro tira de cena, as narrativas devolvem como uma presença ausente. Na já mencionada alusão de José Boiteux aos dizeres de Gândavo, é possível recuperar o total esvaziamento subjetivo de um grupo indígena específico – os índios Aymorés –, caracterizados pela falta absoluta. Em tempo, essa não é a única associação dos então chamados gentios

aos caboclos. Costa (1929) transpõe a denominação antigamente reservada aos nativos brasileiros para o seu contexto dizendo: “Tambem agora se fizeram conquistas, se não de terras, pelo menos de *populações brasilicas* que se estavam desnacionalizando, pelo abandono completo em que viviam, sem a minima ligação com a nossa patria e totalmente alheias da communhão nacional.” (s/p, grifo meu). De olho nos roteiros e nas narrativas do arquivo regional, a representação do caboclo é feita pela sobreposição de características familiares ao selvagem brasílico – marcadas pela falta e pela negatividade – e, principalmente, descartando o seu repertório próprio.

Ao recuar à matriz historiográfica nacional, é possível detectar traços fundantes da tipologia do nativo que atravessam o tempo. No manual de Von Martius (1845), a diferenciação entre a figura do colonizador português e do nativo se dá através das famosas perversões da costumes, da moral e da lei. Além disso, sob o olhar dos conquistadores, doravante donos das terras, os nativos são transformados em invasores:

Quando os portugueses descobriram o Brasil, e nele se estabeleceram, acharam os indígenas proporcionalmente em tão *diminuto número e profundo aviltamento*, que nas suas recém-fundadas colônias podiam desenvolver e estender-se quase sem importar-se dos autóctones. Êstes exerceram sôbre os colonos uma influência negativa tão sômente, por quanto só os forçaram a acautelar-se contra as suas *invasões hostis*, e por isso criaram uma instituição singular de defesa, o Sistema de Milícias. (VON MARTIUS, p. 447, grifo meu)

Até mesmo a tendenciosa ideia de uma baixa densidade populacional autóctone, presente na citação, cabe ao objetivo da Bandeira Konder de conquistar as terras catarinenses. Em consonância com o trecho mencionado, o relato de Costa (1929) reproduz uma presença escassa e indesejável na paisagem: “Na costa rio grandense é tudo solidão e deserto, lobrigando-se, apenas, de quando em quando, a largos espaços, uma choupana de *‘intruso’*, que ali se abrigou para melhor explorar as mattas, roubando madeiras das terras devolutas.” (p.17, grifo meu). Apontando na mesma direção, geográfica e ideologicamente localizada no

lado oposto às colônias europeias, a suspeita população é notada pelo diário de D'Eça (1992):

Continuo enlevado pela paisagem fluvial que nos ladeia: barrancas altas, onde, de longe em longe, espiando as balsas lentas que descem para S. Thomé, na Argentina, surgem telhados escuros, *ou algum fio de fumo assignala uma tennue mancha humana naquellas mattarias vastas e desertas'.*” (p.24, grifo meu)

Em contraste com a margem catarinense, onde a nova paisagem colonial e seus integrantes despontam com riqueza de detalhes – “[...] toda uma gente forte e decidida, disposta ao trabalho, levando áquelles rincões, até há pouco incultos por abandonados, a prosperidade e a riqueza.” (BOITEUX, 1931, p.10) – os contornos da população nativa são fugidios, confundem-se com a paisagem. Assim como nos roteiros de conquista os nativos são reconhecidos e, ao mesmo tempo suprimidos. E dessa forma, são transferidos para o espaço das margens, situando a posição central do conquistador. Confundidos entre as matas e os animais no imaginário colonial, alcançam uma espécie de exterioridade decorativa nos textos. Embora estes sinalizem a presença de caboclos ao longo do trajeto da comitiva, a representação feita é frequentemente distante e silenciosa. Do contrário, são idealizadas como as descrições que o escritor D'Eça (1992) faz ao caboclo Areias, um timoneiro que conduz a balsa no posto de almirante fluvial. A representação do corpo do caboclo, aqui, se aproxima em muito à literatura indianista de José de Alencar. O exemplo é oportuno, visto que o projeto literário do autor compartilhava das ideias de Von Martius, as quais permeiam seus romances e suas reflexões sobre a cultura brasileira (SOMMER, 2004, p.181). Em seu pós-escrito de *Iracema* (1865), o escritor comenta o processo de criação do romance como uma montagem, cujo material de base foram as informações coletadas em relatos dos navegadores europeus, dos quais extraiu personagens e conflitos reais. Ao usar fontes coloniais para a construção ficcional, traz junto um olhar marcado pela exterioridade própria do conceito de “exótico” como “[...] aquilo que não pertence a quem assim o qualifica, com aquilo que não é seu nem participa do seu mundo, aquilo que é radicalmente diferente e que é, sobretudo,

exterior a quem lhe confere tal designação” (SCHØLLHAMMER, 2007, p.176). É na Carta de Pero Vaz de Caminha<sup>27</sup> que esse mesmo olhar revela o seu sentido original, o de descrever os gestos do selvagem de acordo com os interesses de apropriação das terras e dos corpos. Não por acaso, a descrição de Areias coincide com a os contornos heróicos de personagens indígenas, os quais desempenhavam aventuras épicas no passado lendário que se estavam construindo no romantismo do século XIX (SÁ, 2012, p.184). Retratados pela força física e plasmados à beleza natural da paisagem nativa, enquadram-se na oposição paradigmática entre Natureza e Cultura. Por um momento, “a voz maviosa, débil como sussurro de colibri [...]” (ALENCAR, s/d, p.43) de Iracema parece manifestar-se no corpo de Areias, pelo traço romântico de D’Eça (1992):

O timoneiro – um caboclo *destorcido* que se chama Areias – avisou-nos de que dentro de alguns instantes vamos passar a primeira corredeira. [...]

Mas Areias e o companheiro – que antes manobravam com uma grande vara de arrimo – lestos e corajosos pulam n’água e, à força de ombros, num retesamento de músculos que os verga, entumesce-lhes as veias do pescoço e dilata-lhes os olhos, reconduzem a lanchinha ao minúsculo canal entre as pedras; e antes das ‘águas fundas’, com a *agilidade de felinos*, sobem à embarcação e, novamente, cada qual retorna aos seus postos, encharcados e satisfeitos da proeza. (D’EÇA, 1992, p. 23-24)

A “mancha humana” avistada pelo escrivão da caravana tem ainda outra camada significativa, a da carga negativa que a mestiçagem representava ao ideal racial da nação. Naquele então, era justamente através da raça que a nação era entendida. “Por meio dela se explicavam sucessos políticos, fracassos econômicos ou hierarquias sociais assentadas.” (SCHWARCS, 1993, p.307). Preservar o futuro racial do Brasil, sua unidade nacional e sua homogeneização foram preocupações dos eugenistas ao longo da década de 1920 (DIWAN, 2018, p. 118)<sup>28</sup>. É certo que a passagem para 1930 promete uma mudança paradigmática com a troca de abordagens biológicas por outras, em termos culturais. Ao mesmo

<sup>27</sup> CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2017.160p.

<sup>28</sup> DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

tempo, em 1929, Miguel Couto – Presidente da Academia Nacional de Medicina – ainda defendia a tese de que a mistura racial levaria à degeneração nacional, no Primeiro Congresso Nacional de Medicina. Contudo, na esteira do nacionalismo antecipado pela viagem de 1929, a mestiçagem seria reposicionada como símbolo da brasilidade. E neste intervalo, vivido pela caravana de Konder, os caboclos aparecem ora como invasores do sertão, ora como representantes ideais da alma brasileira.

A mudança do status do mestiço brasileiro – o caboclo – já vinha sinalizando a mudança de percepção sobre o povo nacional. Personificado no personagem de Monteiro Lobado, o também caboclo Jeca-Tatu, passará de inferior e inapto à vítima de um governo irresponsável. A cura da população sertaneja seria, por fim, a cura do país, regenerado através de políticas higienistas. (p.102). E não mais pela radical via da eugenia, interessada em extirpar os indesejáveis do corpo social da nação<sup>29</sup>. A este respeito, o episódio em que a caravana de Konder consegue abrigo em um barbaquá abandonado – morada provisória dos caboclos para a extração de erva-mate – é bastante expressivo. “O ambiente era o mais apavorante, desconfortável e antihigienico possível.” (p.60), diz Costa (1929). O que segue da experiência relatada é ainda mais sintomático, quando visto pela lente de um discurso de associação entre doença e mestiçagem. No meio da noite, uma chuva torrencial inunda a precária construção de taquaras e teto de palha. Em meio às trovoadas, um caboclo bate à porta para pedir auxílio médico à comitiva do governador. Quem sai em socorro do familiar do nativo não é o médico, senão o laureado homem de letras da comitiva, Othon Gama D’Eça.

Naquele então, não somente a suposta falta de perfectibilidade era correlacionada à raça, mas também à criminalidade. Apoiado nessa tese, outro roteiro é colocado sobre a paisagem do sertão catarinense pelo olhar dos

---

<sup>29</sup> É importante destacar a co-existência de ambas abordagens dentro do amplo espectro do movimento eugenista. E cabe ainda relatar a coincidência do comentário do jornalista e militante integralista Gustavo Barroso sobre o lançamento do livro de Renato Kehl – ícone da eugenia brasileira –, intitulado *Lições de eugenia*, no exato ano de 1929. A citação é feita por Diwan (2018): “Barroso escreveu no jornal *A Ordem* que nenhum país necessitava tanto melhorar sua raça quanto o Brasil. Para ele, com ‘a cruzada pró-melhoramento’ que o ‘bandeirante’ Renato Kehl vinha empreendendo com a divulgação da eugenia, os brasileiros passavam a se interessar ‘pelos problemas vitais de toda a ordem’, sobretudo o problema do melhoramento da nacionalidade” (p. 120, grifo meu).

bandeirantes. “Um dos grandes flagellos do Oeste catarinense, como o do Nordeste brasileiro, é o banditismo do sertão.” (COSTA, 1929, p.53). A comparação da Guerra de Canudos (1896-1897) se encaixa ao contexto do Oeste catarinense na medida em que este território havia sido resultado da Guerra do Contestado (1912-1916). Desencadeada pela construção de uma ferrovia que ligaria o Centro do país ao Sul, a longa rebelião<sup>30</sup> foi liderada pelos caboclos da região, expulsos das terras concedidas à empreiteira estrangeira. Dentre as afinidades com a Guerra de Canudos – como o fato de haver se tornado questão nacional ao mobilizar mais de um terço do exército brasileiro – a correspondência entre o sertanejo e o caboclo é a mais importante. Associados aos inimigos anteriores, também considerados fanáticos religiosos, criminosos e ignorantes, contrapõem-se automaticamente ao poder republicano representado pelo líder bandeirante. Quem, também, é intitulado juiz de paz para resolver conflitos entre caboclos no sertão abandonado. A partir do caso de disputa entre as famílias Lara e Cabral, exemplificam-se casos de mortes por terras e ilustra-se o território sem lei que precisa ser urgentemente controlado<sup>31</sup>. Além do enredo de crueldades, Costa (1929) inclui na sua descrição o túmulo à beira da estrada onde foram enterrados pai e filhos assassinados. A viúva recebe ajuda do governador com a abertura de inquérito sobre o crime. As inúmeras cruces que são vistas pelo caminho ressuscitam muito mais do que vítimas do caudilhismo, também despertam os fantasmas de caboclos insubordinados que continuavam a habitar as terras do Ex-Contestado, convertida em Nova Canaã depois de controlado o conflito. Além dos espectros comunistas<sup>32</sup> que rondam a nação brasileira desde

<sup>30</sup> O trabalho de Delmir José Valentini, *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado* (2016), faz uma releitura sobre o episódio a partir do confronto entre testemunhos da população cabocla e narrativas oficiais.

VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. 4ª ed. Chapecó: Argos, 2016. 256p.

<sup>31</sup> Nesse sentido, o estudo de Délcio Marquetti, intitulado *Bandidos, forasteiros e intrusos: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX* (2008) recorre aos processos-crime da época para demonstrar como o Código Penal 1890 incriminou indígenas e caboclos. No cerne da diferenciação entre a população local e os imigrantes, está a noção de raça propalada pela Antropologia, Biologia e Sociologia Criminal.

MARQUETTI, Délcio. *Bandidos, forasteiros e intrusos: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX*. Chapecó: Argos, 2008.

<sup>32</sup> Por mais que os colonos imigrantes não carregassem o estigma preconceituoso do mestiço, representavam um risco pela proximidade com o comunismo. (DIWAN, 2018, p.117)

1922 e que são constantemente lembrados pela caravana, através dos vestígios deixados pela Coluna Prestes no caminho. Os comunistas deixam mortes e rastros de rebeldia pelo sertão, indicados por outras cruzeiras que beiram as picadas, marcadas pela amarração de panos vermelhos. Na medida em que a caravana dos bandeirantes avança heroicamente no cenário de caos e barbárie, o poder soberano se impõe, encarnado pelo chefe de estado. Ao cravar a bandeira nas terras do sertão, decreta a nova ordem, demarca a territorialidade e batiza o povo com o sentimento nacional, cuja “alma verde” metaforizada na retórica de D’Eça (1929) ressoa no nome indígena Caibi:

Senti, hoje, pela primeira vez, a emoção enternecida de ver, da terra estrangeira, a bandeira da Pátria! [...] E daquele solo amigo – onde uma vez tremulara ao lado do pavilhão azul e branco, irmanada por um ideal de Justiça e de Liberdade Humanas – eu pedi a Deus para que sempre nos conservasse unidos à sua sombra maternal e a mantivesse sempre assim no alto, nobre, magnífica, hospitaleira – como a própria *alma verde* e oiro do meu Brasil. (p.106, grifo meu)

Os caboclos, herdeiros de outro forte traço atribuído aos indígenas pelos roteiros coloniais – o de não falantes – têm seu modo de vida e sua cultura interpretados pela perspectiva positivista dos homens do governo nos momentos em que ganham voz. Contada aos leitores de jornal da capital, e ao leitores do livro de Gama D’Eça, a “sabedoria popular” da população local é apresentada sempre com ressalvas ao bom senso e muita ironia, de acordo com o modelo de pensamento racional e cientificista. Em referência aos saberes da população nativa, o manual de Von Martius (1845) já advertia: “Um historiador filósofo, familiarizado com tôdas as direções dêsses mitos populares, de certo não os desprezará; mas há de dar-lhes a *importância particular* que merecem; – dêle concluirá para várias conjeturas na vida do povo, e *há-de pô-los em relação com a essência do grau de civilização intelectual em geral*” (p. 453). O cumprimento dessa antiga diretriz comparece não somente no esvaziamento do repertório da população cabocla, traduzido de forma redutora e estigmatizante pelos escrivãos e, assim, confinados no arquivo. Além do modo de pensar, também a expressão oral do caboclo é isolada em relação à norma culta, a julgar pelo emprego

constante de aspas: “Cerração baixa, sol que racha’ é a sabedoria do povo” (p.28), arremeda o escritor D’Eça (1929).

Dentre todos os registros da viagem de 1929, apenas o diário de Othon Gama D’Eça se refere à população autóctone. Todavia, suas impressões se somam às fantasias dos colonos através dos vestígios e das ruínas desses povos. Os estudos arqueológicos<sup>33</sup> da região são capazes de resgatar a presença indígena a até onze mil anos atrás, considerando o caráter nômade das diferentes etnias. Entre elas estiveram os Guaranis, os Xokleng e os Kaigang. Com a chegada dos colonos imigrantes, muitos vestígios eram encontrados. Urnas funerárias engatavam no arado da terra, pontas de flechas assomavam à beira do rio Uruguai, trilhas antigas e os chamados “buracos de bugre”<sup>34</sup> apareciam nas áreas próximas aos loteamentos. Embora não seja comum ouvir relatos dos colonos de Caibi sobre a presença física dos índios, é certo que povoavam e povoam o seu imaginário: “Todos esses elementos suscitavam curiosidade nos novos povoados e os faziam suspeitar que, antes deles, o território deveria ter sido ocupado.” (SCHMITZ, 2011, p. 74).

Durante a já mencionada visita ao escritório da Companhia Territorial Sul Brasil, o escrivão da caravana repara no interior da residência: “Vi alguns vasos curiosos da mais velha *cerâmica indígena* e vários quadros a óleo com assinaturas de valor.” (D’EÇA, 1929, p. 47, grifo meu). Ao percorrer as margens do rio Uruguai pela manhã, descreve uma atmosfera carregada de mistério na barranca do rio: “Há um trecho, porém, beirando umas rochas a pique, cilíndricas e polidas *como se fossem colunas de um templo indígena*; e umas pedras de feitios esquisitos, que pareciam crescer dentro da neblina fumarenta que apagava a paisagem em torno.” (p.22). Na primeira noite em meio à mata, o escritor tem uma visão. Da porta da barraca onde observa os caboclos em torno da fogueira, as feições indígenas de seus rostos inspiram-lhe uma imagem fantasmagórica da

<sup>33</sup> O conjunto de estudos compilados em *Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas* (2011), organizado por Mirian Carbonera e Pedro Schmitz, recupera as histórias dos povos que viveram nas matas e nas várzeas dos rios antes da chegada dos colonizadores europeus e dos seus descendentes.

CARBONERA, Mirian. SCHMITZ, Pedro Ignacio (Orgs.). *Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, 2011. 364p.

<sup>34</sup> Grandes depressões de terra que serviam de moradia subterrânea aos Kaigang.

floresta, sutilmente associada à presença indígena: “A chama clara e alta ilumina-lhes os rostos, *sobe coroada por um cocar de fumo* e risca no chão sombras agudas e vacilantes. Para lá do fogo é a treva absoluta, misteriosa e imponderável [...]” (p. 69). Sob o ponto de vista do homem de letras, segundo Derrida (1994, p. 27), os espectros não falam. Essa condição inominável, impalpável, avessa a todo o saber, retorna continuamente, sempre em silêncio, desafiando os registros do escrivão oficial<sup>35</sup>.

À exceção de uma única aparição isolada, os indígenas só retornam aos registros da viagem de 1929 na condição de espectros indecifráveis. Nos últimos dias da expedição, o presidente Konder recebe uma delegação de índios coroados<sup>36</sup>. O “Capitão”, assim descrito ironicamente por D’Eça (1992), mostra um ofício do Ministério da Agricultura que comprova a posse de uma terra já vendida à terceiros. A resolução do governador catarinense, ao visitar o pequeno acampamento, é imediata: providencia-lhes instrumentos agrários e abre uma escola, a Escola José de Anchieta. Para contornar a inconveniente irrupção no cenário, no entanto, a medida mais eficaz é o acionamento da tradição literária. Através desta, nega-lhes o presente e os devolve às sombras do arquivo: “Perguntei ao ‘capitão’ se estava agora mais satisfeito. – Estou-se! – respondeu-me num sorriso inexpressivo, quase bestial, mostrando umas gengivas roxas e sem dentes. Pobre Alencar! Como são esses bugres diferentes dos teus Peris e das tuas Iracemas! (p. 144).

O capítulo seguinte propõe uma experimentação narrativa imantada pelas proposições de Silviano Santiago e Luiz Antonio Simas sobre o mestiço e o caboclo. O romance e o caderno de notas que seguem tentam ampliar dos limites da história de fundação da cidade a partir do método materialista de leitura, de

<sup>35</sup> Nos termos de Shakespere, em *Hamlet*, citados e trabalhados por Derrida (1994), Othon Gama D’Eça seria o chamado *scholar*, o erudito, intelectual instruído, homem de cultura – identificado pelo teórico no personagem cético de Horácio que, em *Hamlet*, é convocado pelo Príncipe para fazer falar o fantasma do pai. A tentativa é inútil: “Nunca houve um *scholar* que, enquanto tal, não acreditasse na distinção definitiva entre o real e o não-real, efetivo e o não-efetivo, o vivo e o não-vivo, o ser e o não-ser [...], a oposição entre o que está presente e o que não está, por exemplo sob forma de objetividade.” (DERRIDA, 1994, p.27)

<sup>36</sup> Trata-se de um termo criado pelos portugueses em referência ao uso de plumas na cabeça e ao corte de cabelo ao estilo franciscano. A classificação também é aplicada a Kaingangs de outros estados, bem como outras etnias. Segundo o registro de D’Eça, o grupo vinha da cidade de Xanxerê (SC).

Walter Benjamin, e da escrita em transe. Nas próximas páginas, romance e caderno de notas alternam-se. O texto ficcional transcorre nos anos de 1929 e 1992, ambientados na antiga colônia e na cidade, respectivamente. Enquanto o caderno de notas reconstitui a experiência da pesquisa de campo na cidade, especulando formas de narrar no próprio ato da escrita.

Para dar o próximo passo neste trabalho que cruza o saber das macumbas e o conhecimento científico, cabe a invocação ao estilo das religiões afro-indígenas, que resgatam a memória popular através das histórias dos guias e dos pontos cantados (CONCONE, 2011, p.289). Canta um ponto que caboclo é aquele que “[...] não tem caminho pra caminhar, caminha por cima da folha, por baixo da folha, em todo lugar”<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=CoxjVFfvI7g&list=RDCoxjVFfvI7g&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=CoxjVFfvI7g&list=RDCoxjVFfvI7g&start_radio=1)> Acesso em: 17 mar. 2021.

4

# O baile da onça

- romance com notas

Nota inicial

[O desfile]

1

29 A pegada larga

92 A tosse de terra

Nota 1

2

29 A chegada na colônia nova

92 A cabana da onça

Nota 2

3

29 Os bichos do terreiro

92 A gaveta de Morena

Nota 3

4

29 A reunião dos colonos

92 O esconderijo do bicho de pé

Nota 4

5

**29 Um intruso no milharal**

92 O colchão de folhas

Nota 5

6

**29 Catinga de onça**

92 Carta aos moradores

Nota 6

7

**29 Um bandeirantes pede abrigo**

92 Bucho de terra

Nota 7

8

**29 O bandeirante é um escritor**

92 O baile da onça pintada

Nota 8

9

**29 O sonho do escritor**

92 A onça na jaula

Nota 9

10

**29 Um índio chamado Vitorino**

92 A barriga de Mãe Clara

Nota 10

11

29 O baile da colônia

92 O mijo da onça

Nota 11

12

29 O rabo da onça

92 O rabinho escondido

Nota 12

13

29 Ao jornal República

92 Emboscada para os bandeirantes

Nota 13

14

29 O mapa da colônia

92 O último sonho de Vitorino

Nota 14

15

29 Folhas verdes

92 A última migalha

Nota 15

[O desfile]

Nota Final

## Nota Inicial

A ideia de retornar a minha cidade origem não fazia parte dos planos desta pesquisa. Pelo menos não como uma escolha consciente. Até então minha relação com a terra onde nasci e passei os 6 primeiros anos da infância era de aversão. Lembro de uma fantasia que se repetia na minha infância. Ela vinha do mesmo costume contado por Walter Benjamin, ainda menino, em ficar meio passo atrás nas caminhadas com a mãe pelas calçadas de Berlim. Para além do fascínio que ele dizia sentir pela prostituta da cidade, lembro de fantasiar como seria estar na pele dela. Não tanto por ser uma mulher, mas por ser a única, como veem os olhos do menino antigo de Drummond. Única figura que manifesta o desejo publicamente e que, por conta disto, vive no limiar da cidade, em uma geografia proibida, na rua de Baixo onde é proibido passar. Foi por conta daquilo que nem eu sabia até os 6 anos de idade – aquilo que nem o menino sabe, diz o poema, e quer saber, querendo a puta que a cidade se tornou uma fronteira. Em que eu ficava meio passo atrás, olhando de longe os nomes públicos da minha família, que fizeram sucessão na prefeitura. Sempre fantasiando como seria renunciar a um nome e à história que vem junto com ele.

Quando o rumo da pesquisa apontou para o retorno à cidade natal, quis me convencer que o trabalho poderia ser feito à distância. Cheguei a ficar contrariado quando minha antiga orientadora sugeriu que passasse algum tempo por lá. Feitas as pazes com o surgimento desse desejo paradoxal, submeti um projeto de pesquisa de campo ao programa PROCAD, que promove interações científico-acadêmicas entre diferentes estados. Eu ficaria três meses na cidade de Chapecó, a 100 quilômetros de Caibi. Elaborei um roteiro em que reservava maior parte do tempo para visitas em arquivos regionais e pesquisas na biblioteca da universidade que me receberia. Ao final, foram os caboclos que me levaram até a cidade que eu tanto evitava. Como tema central desta investigação, tive que abrir um espaço no roteiro para entrevistá-los pessoalmente, colocando os pés finalmente nas calçadas de menino. Resisti até o último mês da viagem, quando finalmente passei uma semana inteira percorrendo o bairro dos caboclos em busca de suas narrativas sobre a fundação da cidade, enquanto me hospedava na própria casa da infância.

Em uma única busca no site da Unochapecó encontrei o currículo da professora ideal para me ajudar. Arlene Renk é uma pesquisadora catarinense que dedicou parte da trajetória

acadêmica ao estudo sobre os caboclos. Estes que se apresentaram para mim na roda do bailado como entidades espirituais e que, neste outro contexto, se referem a um grupo social específico, os habitantes nativos da região em que a cidade colonial foi fundada. A contribuição de Arlene seria enorme, já que o seu trabalho dava contornos para a relação entre caboclos e colonos que eu tentava elaborar a partir dos insights da experiência do transe místico. O estudo intitulado *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense* (2006) aprofunda a condição dos caboclos de cidades vizinhas à Caibi durante a ocupação das terras catarinense pelos colonos descendentes de europeus, no início do século XX. O trabalho abriu um ponto de vista historiográfico a respeito desse grupo ainda tão desconhecido para mim e permitiu vislumbrar inúmeros pontos em comum com a história de fundação de Caibi. Da qual só tinha acesso à versão protagonizada pelos colonos, além das memórias de família. Essa pesquisadora, até então desconhecida, havia defendido a dissertação sobre os caboclos no programa de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Portanto, era como se eu e Arlene fizéssemos o mesmo trânsito entre capital e interior em tempos diferentes. Ambos descendentes de colonos, atravessados pelo interesse nessa outra forma de vida dos caboclos. Esta seria uma entre tantas coincidências que abririam a experiência de campo que relato aqui, neste caderno de notas, como uma prática de terreiro – nos dizeres do filósofo das macumbas, Luiz Antonio Simas. Ou seja, um transbordamento daquele espaço restrito da roda do bailado, como espaço exclusivo das expressões de culto religioso, para a abertura de uma dimensão imaterial, espaço de invenção e leitura da história de fundação a partir de outra nota. Guiada pelas semelhanças, analogias e correspondências mágicas que permitem criar uma experiência do presente com o passado. E que sugerem uma nova forma de narratividade na reconstituição da experiência.



Figura 7 - Fotografia do avô materno, prefeito de Caibi de 16/11/1965 a 30/01/1970



Figura 8 - Fotografia do avô paterno, prefeito de Caibi de 31/01/1970 a 31/01/1973



Figura 9 - Fotografia do pai, prefeito de Caibi de 01/02/1983 a 31/12/1988





## O desfile

A nuvem de maritacas voou sobre a cabeça de todos  
 moradores que estavam na praça da cidade  
 O carro alegórico estacionado no meio da rua  
 do progresso aguardava o tiro da pistola pra avançar  
 Em cima da carroceria do caminhão enfeitado  
 com palmeiras de verdade os nossos heróis  
 os bandeirantes  
 fantasiados com chapéus e carabinas no ombro  
 sentaram no tablado de madeira

Nós

as crianças de uniforme  
 Verde nas saias das meninas laços no cabelo e sapatilhas  
 Amarelo nos meninos abotoados até o pescoço  
 Jávamos ensaiado a marcha  
 todos os dias da semana na escola do imperador  
 Dom Pedro O Segundo  
 A professora colocava no toca-fitas a batida  
 da banda municipal que puxava o desfile  
 Os pratos tremiam os trompetes gritavam e o tambor

((((( )))

batia como um coração embaixo  
 da terra fazendo o joelho levantar  
 de um jeito automático antes de pisar  
 forte no chão

A marcha era reto e pra frente  
 porque logo atrás da gente  
     vinham os ginasiais depois  
 os mais-velhos e os ex-combatentes da Guerra

Olhei pra Camarada Espingarda que estava com os olhos  
 ardidos                   e a cabeça baixa olhando os cadarços  
     desfeitos  
 iguais ao nosso plano secreto

Na frente  
 em destaque a rainha da cidade segurava a bandeira  
 nacional com seu vestido  
     verde e o penteado armado

    Uma montanha de fios

le ovos dourados

Avô Ino estava no coreto com o seu brasão  
 ravado no peito

    Ao lado o prefeito se preparava pra dar o tiro  
 da arrancada

    a pistola apontada pro alto

quando a rainha deu um grito

    E logo em seguida tapou a boca  
 com a mão de luvas compridas

Todos olharam  
 para o bando de índios pintados  
     alguns de bonés outros cocar  
 penas de papagaios nos braços  
     enxadas machados e foices pra cima

Surgiram na esquina contrária dos bandeirantes  
 pela rua Getúlio Vargas em fila  
 embalada cantando um canto  
 sem palavras conhecidas  
 Mas que marcavam cada pisada  
 forte estalando os pés no asfalto  
 Como se além dos chocalhos nos tornozelos  
 tivessem um tambor  
 escondido no corpo

pisada forte

((((( )))

pisada fraca

pisada forte

((((( )))

pisada fraca

pisada forte

((((( )))

pisada fraca

Os passos lentos e rápidos dos índios paramentados  
 pendendo sempre pra um dos lados  
 passou na frente da nossa marcha  
 parada no tempo

Os instrumentos de sementes  
 faziam barulho de cobra e eram muito mais coloridos  
 do que os nossos uniformes verdes  
 e amarelos

O índio-chefe que puxava a fila  
vestia uma pele de onça nos ombros

A boca do bicho

morto cobria a cabeça dele  
e as pintas malhadas desciam pelas costas                   quase  
encostando no chão

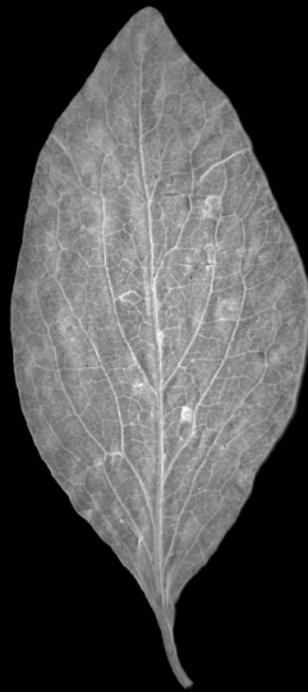
Ele entrou pela calçada da praça  
e a fila de índios seguiu as pisadas fortes  
e fracas sobre o tapete de flores  
estendido para os   bandeirantes

Os olhares congelados de cima  
do coreto seguiam o chefe-onça até o canteiro  
entral onde ficava a estátua do fundador  
da cidade

A fila indiana que  
azia uma cobra grande foi cercando o pedestal  
formando círculos cada vez maiores até  
preencher todo o gramado

Sobre o rio de cocares e penas de pássaros  
que inundou a praça

continuava em pé                   a estátua  
de fraque com gravata borboleta  
e a mão de ferro escuro estendida pro alto  
com o ramo de folhas  
verdes empunhadas



## 1.29 A pegada larga

Fazia dias que Vitorino não saía de carabina  
deitada no ombro para vigiar a fronteira  
fechada de mato bravo na beirada  
da colônia

Até ouvir um colono dos lotes de cima da sede  
no armazém do Senhor Klein  
reclamar da reunião dos moradores no dia seguinte  
com o sotaque alemão  
abrasileirado

Vitorino pegou a picada para os lotes de baixo  
castigando o cavalo  
As sacas de farinha pulando  
na trilha cheia de pedregulhos  
Do milharal  
a mulher o viu largar o cavalo em frente de casa  
em descarregar as sacas  
seguir para vigília

Sozinha tirando a espigas  
com a barriga redonda  
Alma descontava a raiva do marido  
nos mosquitos mortos à tapa



Quando o colono se ajoelhou  
 com a mão pronta para molhar o rosto  
 bateu o olho na pegada larga  
 que já conhecia

[marcada no barro]

Vitorino levantou num salto  
 e uma revoada de maritacas saiu veloz  
 e louca da copa da árvore  
 Depenados os galhos  
 onde estavam escondidas as aves  
 a nuvem verde barulhenta desapareceu no céu

O colono deu passos largos para trás  
 tirando o corpo daquele tamanho  
 do meio do descampado  
 e começou a contornar a margem do pequeno lago de longe  
 entre os arbustos  
 O cano da carabina  
 apontava para cada ruído  
 pequeno que saía detrás das folhas  
 Os passos atrapalhados estalavam  
 gravetos e folhas secas  
 Sorte a dele  
 era o único bicho grande  
 presente naquele momento

Um pouco mais distante da margem  
 a cabana de taquaras estava vazia  
 porta e janela sempre abertas  
 deixando o ar passar

O roçado abandonado era puro mato crescido

O teto de palha dançava com o assobio  
do vento

enquanto aquele bicho invasor  
voltara a rondar por aquelas bandas  
tirando o sono do colono

## 1.92 A tosse de terra

No dia depois do desfile  
a cozinha cheirava igual aos velórios da casa mortuária

Da cabeceira da mesa de canela velha  
Avô Ino esticava as costas encurtadas  
para enxergar o terreiro           lá fora

Não era o galinheiro  
nem o Casemiro metido no meio dos canteiros  
arrancando o capim que invadia a horta

que o avô    vigia

Era pro muro alto

nos fundos do terreno

onde ficava a minha cabana

atrás do poço seco que assobiava

que Avô Ino olhava

Eu aproveitava pra pegar

as sementes do melão

com pele de sapo

que sobravam no prato

dele

As modas de viola e acordeom

chorado da Rádio Tupi não ajudavam Vó Alma

que estava com aquela cara de domingo chuvoso

armada

depois que o avô mandou ela engolir o choro

Encolhida na cadeira  
 ao lado do fogão de ferro  
     ela esticava os dedos de graveto torto  
                     de tanto debulhar milho  
 no calor do fogo  
 e as migalhas caíam no chão

A leiteira esquentava na chapa quente

A apresentadora da Hora Italiana se despediu  
     dos colonos antigos que ouviam o programa  
 e Avô Ino girou o corpo duro  
                     igual um parafuso enferrujado  
 na cadeira  
     pra ouvir o locutor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

|| O grupo de índios que vivia na área de um hectare próximo ao parque florestal invadiu a cidade no dia de ontem durante o desfile anual de fundação da cidade O líder do grupo apresentou um documento segundo ele aprovado pelo Ministério da Justiça que dá direito a uma área de 275 hectares A faixa de terras contestada foi considerada território tradicional e inclui além de um trecho de preservação ambiental a fonte de águas termais o balneário e cerca de 40 propriedades de moradores do bairro vizinho Em entrevista o cacique e seu vice afirmaram que a ofensiva se deve ao esgotamento do prazo dado a Funai para a realização da demarcação |||

Morena saiu do quarto de Mãe Clara  
 com o prato de polenta  
 vazio  
 e fechou a porta pro bebê  
     cochilar em paz  
 na barriga

Pai Vitório apostava  
 que o próximo menino  
 ia dar tão certo  
     que saíria de dentro  
 de Mãe Clara  
     maior que eu

Morena passava  
 olhando tudo de dentro dos olhos      rasgados  
 O pano de prato no ombro  
 disfarçado      e o rabo de cavalo  
 escorrido até a cintura  
     balançando

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA  
 || O prefeito de Folhas Verdes disse ter sido pego de surpresa pela Funai com quem vinha negociando uma saída civilizada para a situação desde o ano passado Pela manhã o chefe do município deixou o vice-prefeito no comando da situação e embarcou para Brasília onde será audiência com o Ministro da Justiça responsável pelo processo na tentativa de suspê-lo Até não recorrer da decisão o prefeito não reconhece o direito das terras aos indígenas

|| O que os cidadãos folhaverdenses estão testemunhando são pequenos grupos que se dizem preocupados com os direitos dos índios quando na verdade estão interessados no patrimônio da cidade Para que os índios iriam querer uma fonte de águas termais? |||

A leiteira levantou uma nuvem  
 branca de espuma  
     que inundou o fogão  
 Vó Alma deu um pulo  
 como se acordasse  
     com o barulho dos bichos  
 que cercavam a casa da colônia nas noites      compridas

Morena veio correndo pra conter a correnteza  
branca pelo chão

Os braços gordos chacoalhando  
com o pano em socorro

Avô Ino começou a tossir forte  
segurando nos cantos da mesa

Arrastou a cadeira pra trás  
e tapou a boca com as duas mãos  
como se um osso atravessado fosse sair pela garganta  
As veias do pescoço

saltaram da pele vermelha

Morena bateu nas costas dele  
achando que fosse botar pra fora  
a casca do pão ou um miolo entalado na goela

Tosse Seu Ino

Tosse

Tosse

esse troço

pra fora

Mas quando a última tosse veio com força

ele tirou o lenço da boca

e o que saiu de dentro não era pão

mas um marrom seco de terra

que só ele reconheceu

Enquanto Morena ajudava a resgatar  
os óculos tortos no nariz  
e Vó Alma assistia a desgraça de braços  
cruzados  
Gegê que ouvia tudo da gaiola  
cantava a única parte do hino  
que conhecia com aquela voz de taquara  
rachada

Ó pátria amada  
idolatrada  
Salve Salve



## Nota 1

Pousei em Chapecó com uma mala de roupas de frio e outra de livros, na virada do dia 1º de abril. Por mais que a data não parecesse uma opção auspiciosa, fui atraído pela ideia de começar e terminar a missão de estudos pelo mesmo número. Número um, número inicial, número iniciático. Chegaria no dia 1º de abril e voltaria no 1º de junho – não fosse o atraso causado pelos cancelamentos em cascata que a companhia aérea vinha fazendo nos últimos dias. Sobrevoei Chapecó durante a madrugada. Mesmo com o nevoeiro, pude ver como a cidade é pequena. É provável que a minha memória tenha aumentado o seu tamanho depois das notícias em rede internacional sobre o desastre aéreo do time de futebol da Chapecoense. Mas presumo que o desajuste também estivesse relacionado ao meu olhar antigo, de como enxergava Chapecó como uma imensa capital quando morava na pequena Caibi. De fato Chapecó tinha esse estatuto para as cidadezinhas vizinhas, onde as pessoas iam comprar eletrodomésticos e consultar os médicos especialistas. Hoje a população é muito maior. As indústrias do agronegócio se multiplicaram e duas faculdades públicas foram abertas, além das particulares.

Chapecó foi o grande núcleo colonial a partir do qual as pequenas cidades em seu entorno, como Caibi, se formaram. Este enorme território passou a ser chamado assim em 1917, após uma sangrenta disputa de terras entre o exército brasileiro e milhares de caboclos posseiros, conhecida como Guerra do Contestado. Eliminada a população que lá vivia sem registro de posse das terras, o passo seguinte foi povoar a área para garantir os novos limites. Despovoar para povoar novamente, só que agora com os colonos descendentes de europeus. Ao contrário do ocorrido na época do Império, não foi o estado nacional ou regional que organizou a ocupação das terras tidas como devolutas, mas empresas colonizadoras privadas. A Companhia Colonizadora Bertaso, dona de grande parte do território, ficou a cargo de Chapecó. O coronel Ernesto Francisco Bertaso loteou parte dessas terras para venda e ainda fez doações de terrenos para a construção da cidade. O aeroporto, a praça central e a igreja eram de sua propriedade. O restante, dividiu e vendeu para empresas colonizadoras menores, a exemplo da Companhia Sul Brasil, a responsável por Caibi. Em comum, as duas tinham preferência pelos colonos descendentes de italianos na ocupação das terras.

Não foi preciso ainda pisar nas calçadas da minha cidade de infância para me sentir nela novamente. A metáfora da cidade já foi utilizada por Freud para ilustrar a capacidade de armazenamento da nossa psiquê. Enquanto os limites do espaço físico impedem que antigas e novas civilizações existam ao mesmo tempo, salvo na forma de ruínas, a psiquê comporta toda a extensão de acontecimentos desde a sua formação. A lógica é a mesma do conhecido bloco mágico, esta outra metáfora do psicanalista para o nosso aparelho mnemônico. Igual ao brinquedo infantil, nossa memória retém de forma definitiva todos os estímulos inscritos na sua superfície. Mesmo depois de apagados pelo tempo, restam as suas marcas. Ainda que sejam imprecisas como os sulcos que ficam no bloco mágico, elas nos habitam em diferentes estratos da consciência. Até as mais primordiais. Se estar em Chapecó correspondia a pisar no mesmo chão da minha cidade natal, era de esperar que a sua geografia despertasse, dia após dia, as memórias da minha formação. Das frestas da paisagem urbana de Chapecó, entre os prédios baixos, surgiam casas de madeira com quintal, características de Caibi. O buffet dos restaurantes chapecoenses tinha a mesma polenta com radicchio, o mesmo salame e o mesmo queijo colonial que se fabrica nas casas do interior caibiense. E o sotaque nasalado dos meus avós, do qual me desfiz depois de tantos constrangimentos na capital, saía da boca de todos os moradores de Chapecó. Também foi familiar, no meio de todas essas manifestações da memória, um enrijecimento crescente no corpo. Depois de viver 7 anos no Rio de Janeiro, dançando nas rodas de bailado sagradas e profanas, a cintura foi a primeira região a me lembrar que estava de volta ao lugar de onde vim. O meu corpo lembrava, assim, do peso com que o nome de menino escolhido pelos meus pais – somado ao sobrenome dos meus antepassados homens – marcavam o meu corpo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA



Figura 10 - Fotografia do autor durante o desfile do dia 7 de setembro, em 1990



## 2.29 A chegada na colônia nova

No dia em que chegaram na colônia do Senhor Leintz  
Alma não havia dado nenhuma palavra a Vitorino  
desde que o caminhão dera a partida

A balsa de madeira empinava na travessia do rio Uruguai  
a cada onda brava

e chocava contra as corredeiras

Agarrada no assento

a mulher não tirava os olhos do cavalo

que já esperava na outra margem da fronteira

em cima da carroceria do caminhão

com as tralhas da casa empilhadas

as sacas de sementes e as galinhas

Vitorino observava o vestido preto

empapado de Alma

as olheiras caídas

a cara desbotada debaixo do sol

tentava se livrar do peso no peito

O funcionário da companhia

disse que em breve o diretor

vai juntar uma turma de alunos

Parece que ainda não teve

nenhum professor que se ofereceu

pra dar aulas na colônia

Alma tinha a carta que escreveu aos alunos

amassada no fundo do bolso

Mas não era da escola na capela que lembrava  
A cada solavanco da embarcação  
o caboclo gritava segurando no leme  
e o vento trazia o cheiro das velas queimadas

O corpo do pai estendido em cima da mesa da sala  
com as flores que ela cobriu até a altura do peito  
As irmãs sentadas  
ao lado do caixão aberto  
o dia inteiro

Na manhã seguinte Alma foi visitar a sepultura sozinha  
Voltou para casa  
agarrada no pote com os contos de réis que o pai deixara

perguntando se Tio Ramiro estaria a sua espera  
para sacrificar o cavalo

Do portão quem ela viu foi Vitorino  
que gastava o assoalho da varanda  
aminhando de uma ponta a outra  
Os braços para trás procurando no chão  
as melhores palavras

Quando Vitorino percebeu a figura  
da mulher  
parada do lado de fora  
com o mesmo vestido preto queimando embaixo do sol  
olhando para o cavalo em cima da carroceria  
do caminhão carregado  
para a viagem  
desceu as escadas correndo ao seu encontro

Sentado ao volante  
o funcionário da colônia nova aguardava  
pelos contos de réis que faltavam  
para garantir o lote de terra

Quando a balsa encostou na barranca do rio  
e o caboclo enfiou a vara de arrimo no fundo  
A mulher descambou até a proa  
como se o coice do cavalo  
atingisse pelas costas  
Segurou nas barras  
com as costas curvada  
e as águas barrentas receberam  
tudo o que Alma tinha por dentro

## 2.92 A cabana da onça

Chamei Camarada Espingarda pela cerca  
           Espingardinha      como eu preferia  
 apareceu no quintal da casa ao lado  
                                   com os cabelos      tosados

Iguais aos meus  
 só que sem o fiapo na nuca  
 que Mãe Clara deixava  
           balançando no estilo do Rei  
 Roberto  
 quando passava a tesoura retinho

          Dona Norma      veio por trás  
 da porta  
 encostou o cotovelo no batente  
 fazendo sombra  
 Olha isso Vitorinho  
 já satisfeito agora  
 que você tem um irmão  
                                   gêmeo?

A mãe de Espingardinha ficou furiosa  
 quando achou os tufos de cabelo atrás da penteadeira  
 Além das varadas de pessegueiro  
 o pai de Espingarda  
           O Armeiro  
           proibiu de brincarmos  
 juntos no grupo de meninos  
 bandeirantes

Mal sabiam eles  
     que os únicos que sobraram  
 na caravana fomos nós     dois  
 depois que eu deixei Camarada Espingarda  
 fazer parte do time oficial  
     com o meu voto que vale mais

Todo mundo sabe que Avô Ino  
     ganhou o brasão pela bravura  
 do bandeirante-chefe  
 e o rabo da onça que ele matou  
 está no museu de Folhas Verdes  
     até hoje

Espingarda ficou me olhando  
 do outro lado da cerca  
     sem dizer nada  
 Durou só um segundo  
     mas doeu mais que as injeções  
 da enfermeira do posto  
 que sempre diz  
     pronto pronto nem foi nada  
 com a agulha ainda enfiada  
 no braço  
 Que depois fica todo formigando  
 como se tivessem     cortado  
 pela metade

A mãe de Espingarda  
 começou a varrer o quintal com   força  
     espalhando as britas  
 pra quilômetros de distâncias  
 diferentes

Quando dei meia volta sozinho  
 pra cabana  
 o poço seco soltando  
 miados estranhos pela fresta  
 da tampa

((((( ( ))) )))

Dona Norma lançou no vento  
 aquelas palavras dos folhetos da missas  
 que ela sempre lia no microfone  
 da igreja

Um dia vocês vão  
 entender o coração  
 das mães  
 Tem mel de sobra  
 nas também  
 sangra pelos seus  
 filhos

Abri a porta  
 e tirei a maleta escondida  
 no buraco do chão de terra da cabana  
 Eu cobria o esconderijo novo  
 com o tapetinho de ponto-cruz e franjas  
 que Mãe Clara costurou  
 pra decoração da sala

Do lado de fora  
 Avô Ino segurava uma trena  
 enquanto Casemiro esticava  
 medindo o muro  
 alto

Passando o parreiral  
                   os pássaros roubando as uvas rubis  
                   as galinhas fofocando no poleiro  
 Morena batia as roupas molhadas no quintal

Aproveitei a neblina de amaciante  
                                   e os lençóis brancos  
 pra passar a mão no cesto  
 e sair  
                                   disfarçado  
 pelo meio das pernas  
 peludas dela

Rolei pra debaixo  
 la mesa da varanda  
 onde ficava a fileira de margaridas  
                                   sofridas  
 le Mãe Clara  
 longe do radar de Gegê  
                   que vigiava a casa do alto da gaiola

As migalhas de Vó Alma  
 espalhadas pelo piso  
                   grudaram igual carrapato  
 na minha blusa

Nas ruas tudo normal  
                   as carriolas lotadas de bergamotas  
 o carteiro pedalando na bicicleta          o cigarro na boca  
 e o mercado Copacabana  
 do Seu Klein  
                   com a praia lotada  
 na fachada

Na praça  
o gramado estava tomado  
pelas barracas de lona preta dos índios

A fumaça da fogueira  
subindo ao lado da estátua

Carros de polícia parados

um em

cada esquina

cercando os invasores

até que o prefeito voltasse de viagem

O policial de óculos espelhados  
com as mãos apoiadas no cinturão  
de pistola grande veio

Aqui não é lugar pra  
riança  
esses bugres não são  
brincadeira  
vamos vamos  
antes que eu  
chame o seu pai

Não sei se o policial conhecia mesmo Pai Vitório  
mas que ele tinha um rádio-telefone  
com antena de longo alcance  
tinha

E com certeza  
uma ligação desse tipo  
chegaria até um orelhão  
daqueles que Pai Vitório  
manda notícias  
dos postos de gasolina

Avô Ino dizia que um homem  
 pra ter um nome  
       não podia ser só de carne

Um homem  
 pra ter um nome     importante  
 precisa criar a sua história

Ele não sabia que os meninos  
 bandeirantes me chamavam de        Vitorinhas  
 Era a chance  
       de fazer o meu nome  
 ficar do tamanho dele

Marchei até o balneário das piscinas     quentes  
 onde os índios vendiam vasos de barro decorados

cestos de palha pros turistas  
       Antes de invadir a praça

eles moravam  
       amontoados  
 num pedaço de mato  
 seguindo a trilha do parque florestal

Nessas horas Camarada Espingarda  
 fazia a maior falta  
       pois disparava com as canelas finas  
 abrindo caminho

Parava longe

sempre na frente  
       com o peito estufado

Sem Espingarda junto  
 tive que inventar essa parte  
 da bravura

Tirei os dentes de alho  
 da maleta  
     que Morena usava pra espantar cobras  
 e meti nos bolsos  
 Comecei fazendo um caminho no parque  
   seguindo as folhas  
   menos  
   parecidas  
   com as  
  
 verdes que nasciam nas árvores  
     enfileiradas nas calçadas da cidade  
 Depois guardava todas  
 entre as folhas brancas  
     do caderno de couro  
 que Avô Ino me deu  
  
 Um pouco mais pra dentro do mato  
 no parque  
     entre as sombras verdes  
 vi uma cabana  
     onde o sol entrava  
  
 Escolhi uma moita de plantas altas  
 perto da casa de taquaras  
 e teto de palha  
 A porta e a janela estavam abertas  
     passando o ar  
 De longe o vento trouxe os assobios  
 dos pássaros vigiando  
     Estiquei um pouco mais o ouvido  
 A estação da Rádio Tupi estava ligada  
 no programa da tarde

Pela janela

saíam as músicas  
que Morena cantarolava  
passando roupas

De repente

uma sombra moveu lá dentro  
e um braço longo se apoiou no peitoral  
da janela

Puxei o binóculos da maleta  
pra enxergar de perto  
o anel que brilhava  
com uma pedra amarela

riscada

os dedos grossos  
com unhas pintadas

O cigarro soltava

umaças redondas que dançavam no ar

Quando a mão misteriosa subiu pra boca

sombreada

uma carreira de pulseiras

penduricalhos coloridos

rolou pelo braço peludo

Não fosse o tiro

que estourou no céu

naquela hora

seguido do foguetório

teria visto sair da sombra

aquela cabeleira amarrada no alto

da cabeça

balançando

Igual uma onça pintada  
escondida na toca

## Nota 2

A especulação imobiliária também é algo que faz Chapecó parecer maior do que realmente é. Depois de uma semana de buscas por um lugar para ficar, desisti de alugar um apartamento e fui tentar as mensalidades de hotel. Encontrei apenas dois deles com um preço justo, a três quadras da praça central. O Hotel Condá, a primeira opção, estampava o nome de um indígena que entrou para a história colonial da região como herói. Munido de armas, título de capitão e recompensas, Cacique Condá encabeçou grande parte dos acordos entre grupos indígenas e colonizadores na ocupação do território. Não só persuadia aqueles a aceitarem o aldeamento do governo, liberando as terras para os imigrantes, como capturava-os para o trabalho escravo nas fazendas. Ao final, acabei preferindo a segunda opção, com nome de uma comuna francesa. Da janela do pequeno quarto onde passei os três meses, a assombração era outra. Uma vista direta para a torre da igreja.

Fiz uma pesquisa na internet sobre a população de Caibi. Para minha surpresa, identifiquei um habitante caibiense registrado como indígena no censo demográfico do IBGE. Os dados estavam incompletos, informando apenas que a pessoa tinha renda inferior a um salário mínimo e era analfabeta. Nunca havia visto nenhum índio em Caibi. Mais recentemente, alguns deles passaram a vender artesanato na praça durante os finais de semana. Grande parte deles vinha de Iraí, a cidade vizinha do outro lado do rio Uruguai, no Rio Grande do Sul.

Instalado na comuna francesa, tomei um ônibus para Caibi no primeiro final de semana. Três indígenas vendiam artesanatos na rodoviária. Estavam sentados no chão, entre os cestos de palha, dividindo o macarrão dentro de uma sacola plástica. Ficaram acuados com a minha interrupção, olhando desconfiados para minha cara de colono. Apontei para o filtro dos sonhos que balançava na armação de bambu, junto com brincos de pena e pulseiras coloridas. Só consegui esticar a conversa a ponto de descobrir que eram da etnia Kaingang. Sem saber como interagir, deixei o troco do filtro dos sonhos com eles.



### 3.29 Os bichos do terreiro

No meio da madrugada os cacarejos das galinhas  
começaram como uma fofoca rápida  
no portão de casa entre vizinhas

Alma despertou do sono acostumado  
com o barulho das maritacas  
que se metiam no telhado

Os olhos estalados na penumbra do quarto  
acompanharam aquela futrica

aumentar para um reboleço  
de asas

Vitorino virou o corpalhão para o lado  
massando o colchão de palha  
a perna da cama rangeu no assoalho

Pronto

As asas se debateram num alvoroço  
uma ventania repentina

As bichinhas se esgoelaram em coro

doido como se olhos brilhantes e dentes afiados  
tivesse se destacado da escuridão

Alma sacudiu a montanha de cobertores  
onde o marido estava escondido

Você está

ouvindo Vitorino?

O homem engrossava a voz fraca

toda vez que a mulher falava alto

Seja o que for  
 tá lá fora Alma  
 Essas galinhas se espantam  
 com qualquer raposa que passa  
 no terreiro

Se você não for lá ver  
 amanhã vou eu  
 atrás do marido da vizinha  
 pedir ajuda

No fundo Vitorino sabia  
 que a mulher nunca ia bater na casa de um moreno  
 pedindo favores

Mas a ideia de ser colocado ao lado de um caboclo  
 fez com que levantasse na hora  
 enrolado na coberta  
 Com uma mão à frente  
 o lampião abriu caminho no escuro do terreiro  
 o braço  
 a carabina empunhada

Vitorino seguiu com passos curtos  
 até encontrar as galinhas acuadas no poleiro

Elas olharam para o proprietário com os olhinhos pretos  
 piscando frenéticos  
 e os peitos inflados respirando ligeiro  
 Com o ouvido colado nas frestas da janela  
 Alma acompanhava

Era raposa mesmo?

Depois de examinar ao redor da casinhola  
as penas ainda flutuando na escuridão  
Vitorino iluminou a mesma pegada larga  
a luz trêmula de querosene

[marcada no chão]

e maldisse o dia que apertou a mão  
do diretor

O que você disse  
Vitorino?

### 3.92 A gaveta de Morena

Morena tinha a cara atracada  
 no pé de Avô Ino  
 examinando o couro mole  
 da sola com a agulha  
 O pote de álcool ao lado

Ele se segurava no braço  
 da poltrona sem olhar  
 a operação

Encontrou?

O bigode escuro de Morena      suava  
 ela bufava  
 espremendo o calcanhar  
 apoiado na coxa  
 com os polegares

Nada seu Ino  
 nem sinal

Vó Alma assistia a Missa Sagrada  
 com volume baixo na parabólica  
 acompanhando a oração eucarística  
 com os lábios

Na hora da intercessão ela colocou a mão  
 no telefone  
 e espremeu a sobrancelha

O milagre veio só  
 pela metade  
     pois o chamado da ligação  
 que tocou na mesma hora  
 não era nenhum dos filhos  
     que moravam longe  
 Era Pai Vitório  
 falando de um orelhão  
     que comia fichas  
 na beira da estrada

Morena viu a vó  
     devolvendo o alto-falante  
 no gancho  
     : se entocando no fundo do sofá  
 como uma codorna  
 doentada  
 novidade dos netos  
 Dona Alma?  
 Era só o Vitório  
 querendo saber se a Clara  
     já jantou

Vó Alma andava tão    acabrunhada  
     que o corpo dela parecia encolher  
 a cada dia

Nem ligue Dona Alma  
 Hoje em dia os filhos casam  
     e esquecem do resto do mundo  
 nesses condomínios      modernos  
     as casas tudo igual  
 uma da outra  
 Nem parece  
 que os tempos da colônia  
     acabaram

As buzinas finas vieram do      portão  
 Morena saltou da cadeira  
     devolvendo a perna  
 do avô ao chão  
 Ela foi correndo até o quarto  
     as pisadas pesadas nas tábuas  
 remiam o armário da televisão  
 Os pratos pintados à mão de Vó Alma  
     e o retrato de Avô Ino  
 em cima do cavalo  
     dos bandeirantes

Volto pra sala com a bolsa no ombro  
 penteando a franja molhada  
     com os dedos  
 Os peitões amassados  
     saltando pra fora da blusa  
 Junto veio uma nuvem de perfume  
     doce  
 de calda de pêssego  
 açucarada  
     na boca

Dona Alma  
e essas migalhas  
todas de novo  
minha          nossa

Morena foi atrás da vassoura  
ligeira  
e empurrou os farelos  
na pazinha

Vó Alma levantou os olhos  
derramados  
e ficou medindo as dobras  
de gordura apertando a blusa dela  
Os zíperes dourados  
nos bolsos de trás da calça jeans  
balançando  
enquanto varria  
vai dormir fora?

Morena voltou da cozinha  
atarantada  
trazendo o chá da erva alta  
que crescia embaixo da janela da vó  
e deixou a xícara  
na mesinha do telefone

Seria melhor  
não ficar muito  
tempo  
fora

Esses índios  
nunca  
se sabe

Morena só respondeu  
quando chegou na porta  
O corpo  
    todo do lado de fora

Fica tranquila Dona Alma  
O Armeiro aqui do lado  
    anda treinando tiro  
pra proteger a casa

O rosto redondo  
    e risonho  
estalava beijos  
pra mim e Avô Ino no ar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA  
Quando ela passou a chave  
    na fechadura  
Dó Alma abanou com força  
    o perfume doce  
pois preferia o cheiro  
    de detergente na pele  
morena  
    Depois de abanada  
toda a catanga  
    tapou a boca de canto  
com a revistinha de palavras  
cruzadas

Daqui uns dias  
    essa aí vai ter  
que encomendar  
as blusas  
    na costureira

No quarto de Mãe Clara  
o bebê finalmente  
                  tinha dado trégua

dentro dela

As sombras da televisãozinha  
acalmavam ele

                  fazendo desenhos  
na barrigona que nunca tinha  
sido tão imensa

                  nas outras vezes

Pai Vitório

                  dizia que Mãe Clara  
tinha que comer mais      polenta  
pros filhos

                  desenvolverem

                  lireito

ela levantou a capa do olho

                  cansado

                  e me pediu silêncio

                  com o dedo no lábio

                  Nas paredes

aquele cheiro de folhas

                  desmaiadas

Da janela dela

Morena e o namorado

se amassavam no tronco da árvore

                  A moto estacionada na calçada



## Nota 3

A única linha de ônibus que faz o trajeto até Caibi entra nas dezenas de cidadezinhas do percurso. Minha casa da infância ainda está lá e meus avós paternos moram no terreno ao lado. São os meus únicos avós vivos. Os outros também moravam na cidade, a uma quadra e meia de distância. Ao fazer o caminho da rodoviária até a casa antiga, com a mala de roupas de inverno na mão, atentei para o que talvez não perceberia em outro momento: o nome da rua onde morei, durante a infância, é São Domingos. O primeiro nome dado à cidade quando ainda era uma pequena comunidade. Foi só em 1947, como já mencionado, que a cidade foi rebatizada com o nome de Caibi. O escritor João do Rio tinha uma teoria de semelhança entre o homem e as ruas quando dizia Oh! sim, as ruas têm alma!. E que, aqui, se aplica também à cidade, seus habitantes e seus nomes. João diz que as ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes, que há até ruas em conflito com outras. E então eu me perguntava sobre os possíveis conflitos entre São Domingos e Caibi; entre colonos, caboclos, diretores das companhias de terras e indígenas que estiveram presentes em algum dos dois momentos.

Não avisei ninguém sobre a minha chegada, o que causou uma revolução na cozinha durante os dois dias que seguiriam. Dei o filtro dos sonhos de presente para minha vó Irma e pendurei-o na passagem entre os quartos da casa e a cozinha. Desta vez meu avô, Carlos, me reconheceu. Ele sofre de uma degeneração natural no cérebro por causa dos mais de noventa anos e conta com os cuidados de ajudantes que revezam a presença na casa. Na maior parte das vezes ele me chama pelo nome de um sobrinho que já morreu. E por mais que ele não consiga engajar em conversas sobre o tempo presente, guarda nomes, datas e episódios inteiros dos tempos passados na colônia. Se não ficou feliz pela chegada do neto que mora longe há anos, foi pela presença de um sobrinho com quem conviveu em outros tempos. Enquanto a avó não parava de inventar pratos novos com ajuda da minha tia Nega – que, apesar do apelido, é branca assim como meu pai –, contei a eles sobre a pesquisa que estava fazendo. Em vez de revelar o tema verdadeiro, sobre a cidade, disse que tratava sobre populações indígenas da região.

Durante o almoço, comentei sobre o habitante indígena que havia encontrado nos dados do IBGE. A história pareceu absurda para todos, até mesmo para a ajudante do dia, chamada Andreza. Depois de ter lavado a louça e colocado meu avô no quarto para cochilar, ela ficou às voltas como se quisesse conversar comigo. Andreza era morena, tinha olhos rasgados, cabelos pretos e lisos. Ela ficara calada durante toda a refeição. Servia o prato do meu avô e depois o dela, sempre vigiada pela minha vó. Tímida, ela começou dizendo que tinha parentescos com indígenas. Uma avó, sobre quem não sabia muitos detalhes, a não ser a conhecida história de ter sido pega no laço por um colono. Além de uma irmã, mestiça como ela, e que se casara com um indígena “de verdade”. O que, nas palavras dela, significava um modo de vida tradicional, ao estilo dos povos originários que ainda vivem nas florestas ou em aldeamentos, como era o caso da irmã. O mais surpreendente viria a seguir, quando afirmou que a informação sobre o indígena que eu havia encontrado na internet não estava errada. E que o conhecia. Ele morava em uma cabana no bairro da Gruta, onde viviam os caboclos, falava pouco português e ainda usava trajes de índio de verdade”, como descreveu Andreza sem dar muitos detalhes. Ela não sabia o nome dele, apesar de ser conhecido na vizinhança como “índio”. Como, de fato, parecem os grupos étnicos que habitavam as matas da região em alguns estudos que analisam documentos do século XIX. Grafados com a letra inicial em maiúscula: Índio, indígena. Além dos termos pejorativos como bugres, gentio bravio, bravos, mansos, gentios bugres, selvagens. O senhor indígena, como eu passei a me referir depois de saber que ele tinha mais de 50 anos, vivia sozinho. A mulher e a filha haviam morrido de tuberculose. O tio de Andreza, chamado Salvador, era a pessoa mais próxima dele. Costumava visitá-lo com regularidade para ajudar com roupas e alimentos. Andreza, apesar da curiosidade, não conhecia o senhor indígena pessoalmente. Depois da morte da mulher e da esposa, a tradição o impedia de conversar com outras mulheres. Então pedi a ela que me apresentasse a Tio Salvador, como o chamava. Mas como ele andava com a saúde frágil por conta do tratamento de quimioterapia, Andreza se ofereceu para intermediar a conversa. Ela parecia muito animada com a possibilidade de me apresentar o senhor indígena, ou de conhecê-lo através de mim.



## 4.29 A reunião dos colonos

Vitorino chegou na igreja  
 com o bicho invasor rondando os pensamentos  
 Pelo alvoroço que ouviu de fora  
 a reunião já havia engatado nas queixas de sempre  
 ao diretor  
 Aproximou-se do banco engolindo o ar  
 a cara vermelha esfalfada  
 de varar a picada longa de casa  
 até a sede

Os colonos estavam sentados sobre uma ripa  
 comprida apoiada em dois tocos  
 Um em cada ponta  
 No meio a madeira vergava com os corpos espremidos  
 uns nos outros  
 As cabeças amarelas  
 reluziam com os raios do sol que desciam  
 pelas paredes altas de tábuas ainda sem telhado

Com licença

Vitorino pediu um espaço com as costas dobradas  
 Os colonos empacotados nos casacos olharam para o alto  
 aquele varapau ruivo com o chapéu amassado no peito  
 Apesar das caras amarradas uma ou duas bufadas  
 se apertaram um pouco mais  
 para abrigar o recém-chegado da colônia velha

O homem que esbravejava  
 com uma espuma branca crescendo no canto da boca  
     saltou do banco arremessado  
 pelos corpos comprimidos

Vitorino aproveitou para encaixar a nádega  
 que tinha ficado de fora do assento  
 De pé  
 o colono fincava o dedo como um machado  
 em cada palavra que lançava ao diretor

Agora o caminhão tá lá  
 enguiçado no atoleiro da estrada  
     que nem isso é uma estrada  
 de verdade

Encorajado pelo vizinho  
     o homem que estava escondido  
 o paredão de casacos  
 mendou com a boca mexendo  
 atrás do bigode cheio  
 E lá nas picadas de casa  
 em a carroça passa sem  
 desconjuntar a  
     roda

O colono de lábios rachados  
 continuou as machadadas  
     com o dedo apontado para o Senhor Leintz

A gente não vai abrir estrada  
     só com mutirão Seu Leintz  
 As safras de milho e feijão  
 estão apodrecendo  
 dentro das sacas

O diretor que sempre gaguejava  
 com o sotaque esmagando as palavras em português  
 estava com uma calma de querubim  
 na capela vazia

Perfeito kompanheiro Shuller  
 O funcionário da companhia está  
 anotando a sua colocação

Quando o kovernador  
 xegar

Antes que ele pudesse continuar  
 uma colona com as bochechas tostadas  
 passou na frente

á que o homem tá anotando  
 pode colocar aí o problema dos furtos  
 O milharal lá de casa amanheceu depenado  
 e novo  
 á era tempo  
 que não acontecia  
 Mas se tu perguntar pra comadre Angelina  
 que mora do lado do moinho  
 as laranjeira dela  
 não duram um dia carregada  
 né comadre?

O coração de Vitorino correu igual o badalo  
 da igreja  
 No meio daquela fogueira  
 teve a impressão que o diretor  
 olhou para ele  
 ouvindo de longe os batimentos  
 do seu peito

Com o terno de veludo e a boina escovada  
 nem parecia que o alemão tinha uma corda  
 no pescoço esticando a cada dia  
 que o prazo  
 de venda dos lotes  
 corria

Ele pediu ao funcionário que anotasse  
 o item dos roubos da Senhora Muller  
 e colocou o ponto final na reunião

Bom kompanheiros  
 Agora que está tudo anotado  
 a xente precisa fazer a nossa parte

Vamos ficar preparados para receber  
 a karavana do gofernador  
 as notícias que temos  
 que eles já estão atravessando  
 as picadas do sertão  
 fiquem preparados  
 porque eles podem chegar  
 a qualquer momento

Vitorino aproveitou que alguns colonos  
 fizeram fila diante do altar  
 onde estava o diretor  
 e se esgueirou pela via-crucis  
 Ao ver o chapéu flutuando  
 no corpo de dois metros do colono  
 em direção à porta  
 o alemão chamou o seu vigia  
 de volta

Seu Vitorino  
Você fique de olho bem aberto na fronteira  
Vamos levar os homens do governo  
para visitar a nossa fonte



Passados os abalos  
     desci pela pele fina  
 atravessando o meio  
 da planta  
                     até o calcanhar

III Em viagem à Brasília o prefeito conseguiu suspender a decisão que dava direito aos índios a área de terra de 275 hectares dentro dos limites da cidade Agora ele parte para a capital do estado onde irá se encontrar com o governador em busca de reforços para retirar os invasores do local A polícia está patrulhando a área até que uma solução seja apresentada III

Avô Ino tossiu de novo  
     arredando os olhos pro terreiro  
 enquanto empurrava a ponte dos óculos  
 pelo nariz  
     devagar

Morena largou os pratos na pia  
 veio com as mãos molhadas  
                     e cheias de espuma  
 estendendo uma colherada  
 do xarope de guaco  
 forte            que a tia dela fazia

Abre o bocão            Seu Ino  
 que pelo visto ainda tem  
 coisa pra sair  
 dessa  
                     garganta

O avô engoliu  
                   entortando a boca  
 e Morena saiu  
 deixando cheiro de ervas  
                                   com detergente

Avô Ino tentou esticar  
                   as costas curtas de novo  
 pra ver a quantas  
 andava a operação

Tá vendo ou não  
                   tá vendo os  
 bichinhos?

Ô vendo é nada  
 e entraram aí mesmo  
 les tão muito camuflados  
                   Qual é o tamanho  
 deles?  
 pequenos  
 pequenos igual  
                   formiga?

Piolho  
 pequeno igual

piolho

Eu nunca tinha visto um piolho  
 mas Vó Alma proibiu o Casemiro  
 de trazer o filho dele  
 porque uma vez  
 eu fiquei me coçando  
 depois de brincar com ele  
 na cabana

Quase desistindo da busca  
 encontrei  
 um buraco  
 escondido  
 embaixo  
 da unha  
 seca  
 do mindinho  
 Tá aí?  
 O avô perguntou  
 fisingando a perna  
 E eu cavoucava  
 a toca do bicho  
 cada vez mais fundo  
 com a ponta  
 da agulha

O pontinho preto  
 que parecia um bicho de pé  
 legítimo  
 era  
 na verdade  
 pura terra  
 que Avô Ino tinha  
 dentro do  
 corpo

## Nota 4

Dediquei os dias da semana às leituras na biblioteca da universidade. No primeiro encontro com Arlene, ela me deu de presente uma pilha de livros. As principais obras de revisão historiográfica sobre o assunto da colonização da região. De fato, os estudos sobre as populações nativas de caboclos e indígenas eram muito mais raros do que aqueles que se debruçavam sobre os colonos imigrantes. Conteí sobre a descoberta do senhor indígena e ela ficou tão impressionada quanto eu. Chamou a minha atenção para o fato de que uma biografia desse personagem, além de interessante, seria algo a ser feito o quanto antes, a julgar pelas condições precárias em que ele parecia viver. Nem bem nos despedimos e recebi uma mensagem de Andreza pelo celular. Ela havia começado a corrente de comunicação: Tio Salvador havia conversado com o senhor indígena a meu respeito. Através do tio, Índio disse já saber da minha chegada. Não perguntei o que significava aquilo exatamente, considerando todas as etapas pelas quais a mensagem teria que passar. É até porque, o complemento que viria a seguir, através da minha informante, tinha uma mística que, além de sedutora, parecia obedecer a uma outra lógica. Antes de me receber em sua cabana, o senhor indígena iria consultar a lua. Se o corpo celeste, por fim, manifestasse um sinal positivo, minha visita seria bem-vinda. Com efeito, nada mais dependia de mim naquele momento. Teria que esperar e seguir com o restante da pesquisa. Meu consolo foi crer que, depois de tamanha coincidência, não faria sentido que o meu caminho e o do senhor indígena não se cruzassem. Além disso, Andreza demonstrava tamanha firmeza na condução do encontro, que fiquei confiante com o plano. Para ela, a condição imposta pelo senhor indígena não era um imprevisto. Era um sinal de que eu havia chegado no lugar e na hora certa para registrar a história do único índio da cidade.

Naquela mesma semana, encontrei informações na internet sobre um ritual de ayahuasca que aconteceria no final de semana. A casa espiritual chamada Céu caminhos do amor ficava em uma cidade vizinha a Chapecó e fazia rituais com a bebida ao estilo universalista, igual à que frequentei em Santa Teresa. Combinei uma carona através da página do facebook com um casal de namorados chapecoenses. Cheguei em Coronel Freitas, a cidade vizinha, no meio da tarde de sábado. Coronel Freitas é uma cidade ainda menor que Caibi. É possível ver sua extensão completa da estrada principal, ao longo de menos de um minuto. O carro do casal virou à esquerda na rua de asfalto e, ao final do minúsculo

perímetro urbano, tomamos um último trecho de estrada de chão até chegar na pequena propriedade. Uma longa fila de pessoas, todas vestidas de branco, aguardava o preenchimento do formulário para a entrada. A cena idêntica a que vi no alto da rua Alice, na primeira vez em que fui na Arca da montanha azul, parecia uma imagem onírica com o deslocamento de espaço e tempo tão comuns na linguagem dos sonhos. Esta impressão era ainda mais forte porque a propriedade era muito parecida à chácara do meu avô. Uma casa grande de madeira, característica dos colonos descendentes de europeus, cercada por um pátio de grama com várias árvores frutíferas.

Depois de fazer o meu cadastro, parei no portão de acesso ao gramado. Desta parte mais elevada do terreno, vi as dezenas de pessoas conversando sob uma lona estendida no chão. Dentre todos os rostos desconhecidos, percebi um rapaz magro e de pele morena. Olhamo-nos o suficiente para que um dos dois desviasse o olhar. Só depois que o ritual encerrou, no meio da madrugada, ele veio conversar comigo. Ao perguntar o seu nome, a surpresa: “Luiz Henrique e o seu?”. É verdade que encontrar pessoas com o meu primeiro nome nunca foi algo incomum. Mas a coincidência dos dois nomes, além de improvável, impressionava pelas circunstâncias. Luiz Henrique tinha um sobrenome de origem alemã – Huestein – apesar de ser moreno como poderia ser um caboclo. Diante do meu próprio nome, pronunciado por outra pessoa, percebi que não usava a versão completa há muito tempo. Mudanças de nome são comuns na teoria de João do Rio sobre as semelhança entre os homens e as ruas. E no caso da rua Quitanda do Marisco, ele conta, que cortou o Marisco e ficou apenas Quitanda com o passar do tempo, o motivo é a mudança do estatuto social. Como indivíduos que organizam o nome conforme a posição que alcançam, ele explica. Assim, as disputas pelo meu nome e o nome da cidade surgiam em paralelo. De um lado, a mudança do meu nome, ainda que sutil, simbolizava uma tentativa de cisão com o nome de família em busca da história individual. Do outro, a mudança de nome da antiga São Domingos para Caibi, serviu para aderir a cidade a um território nacionalizado. Ao nos despedirmos, Luiz Henrique me deu uma folha de presente. Como a que tenho tatuada no antebraço, em referência às folhas verdes que dão nome indígena à cidade.



## 5.29 Um intruso no milharal

O cavalo vinha resmungando pela picada  
carregado de farinha

enquanto Vitorino se livrava dos galhos  
que invadiam o caminho

Ao sair do túnel de mata fechada  
enxergou de longe a fumaça  
que saía pela chaminé de casa

Trotando na estradinha de terra  
em frente ao seu lote

viu o caboclo nos fundos do terreiro

Entrando no seu milharal

O colono prensou os calcanhares  
na barriga do cavalo

passou acelerado pelo galinheiro

conferindo as bichinhas

seguiu atrás dos rastros do moreno

Montado

diante da plantação

observou as coroas de milho mexerem  
antes de endurecer a voz

Perdeu alguma

coisa?

O caboclo saiu por uma das carreiras laterais

olhando de baixo da aba de palha

para o colono de estatura

dobrada no lombo do cavalo

Vitorino reconheceu os ombros largos  
 e os braços grossos quando  
     tirou o chapéu  
 e enxugou a testa

O senhor não se preocupe  
 Eu sou o marido da Ramona ali de  
 baixo  
     Salvador  
 A senhora sua dona veio lá no rancho  
     pedir ajuda

A voz grossa que tinha custado  
     a subir o barranco  
 saiu cambaleando  
     da boca de Vitorino

A minha mulher não tá  
     acostumada  
 com os bichos aqui da mata  
     Não pode ouvir um barulho  
 que fica assustada

Metido no meio das folhagens  
     vigia tudo  
 de dentro dos olhos rasgados  
 Salvador não alcançava o tamanho do colono  
 mas era mais taludo  
 e falava com uma voz  
     de trovão em dia de sol

É bom ter cuidado mesmo  
Tem muito bicho bravo  
    que vive nesse mato  
Mas o senhor não se preocupe  
Quando é milho pouco assim  
    que some  
não é coisa de bicho  
    grande

## 5.92 O colchão de folhas

Dona Norma deixou Camarada Espingarda  
 brincar comigo na cabana  
 desde que Casemiro  
 ficasse com um olho aberto  
 enquanto cortava grama  
 Antes de liberar  
 a gente  
 ela espremeu a vista  
 até os rolos  
 de arame nos fundos  
 do terreno

perguntou com a boca  
 colada na cerca

Seu Ino vai colocar  
 proteção  
 no muro?

Casemiro endireitou  
 o boné murcho  
 encardido de terra  
 coçando a cabeça

Ele tá receoso  
 com os índio  
 querendo terra  
 A senhora sabe

Dona Norma ciscou  
a testa  
e balançou a cabeça  
segurando o crucifixo  
do peito

Melhor isso  
que os tiros  
do meu marido  
Que Deus nos proteja  
porque se depender do prefeito  
a gente vai ter  
que brigar  
pelas nossas  
terras

Casemiro deu aquele sorriso  
pequeno  
comendo os lábios  
pra não mostrar a banguela  
Espingardinha  
quem diria  
suspirou de alívio  
de não ter ido comigo na missão dos índios  
invasores

Dona Norma fazia jurar  
toda vez que a gente ia  
pros lados do bairro  
de baixo  
pra não chegar perto  
das cabanas de caboclos

De resto Camarada Espingarda  
    não tinha medo de nada  
Além de ganhar no braço  
de qualquer menino  
    todos tinham medo do Armeiro

Ele passava os dias  
    bebendo compota  
de pinga  
e consertando armas usadas  
    na garagem escura de casa

Avô Ino disse  
que ele ficou desse jeito  
    depois que voltou da Guerra

nudo  
Desde então  
    começou a preparar o arsenal  
                    da cidade  
pra combater os bandoleiros  
                    vermelhos  
no dia que voltassem

Casemiro passou rastelando  
    os montes de grama  
e assobiando o canto  
dos pássaros  
    que respondiam pra ele  
de volta

Fechamos as janelas e a porta  
    pras folhas mortas não entrarem  
na cabana

Tirei o uniforme  
e a peça preferida escondidos no buraco  
embaixo do tapetinho

Vestimos

e juntamos as folhas  
espalhadas no chão  
num colchão  
verde  
Espingarda deitou primeiro  
pois eu tinha medo  
das aranhas  
que ficam por baixo

Nem deu tempo  
de trocar as posições  
a porta da cabana  
explodiu  
com a força  
de dinamites  
Um clarão  
invadiu o escuro da nossa  
casa  
E desta vez não foram os meninos  
bandeirantes  
armando uma emboscada

Foi o Armeiro  
 que meteu a cara azeda  
 de laranja            chupada  
 na porta  
                         olhou a minha pose  
 e furioso  
 como uma carreta  
                         destrambelhada no cascalho  
 entrou na cabana  
 Derrubou o armário  
                         com as mãos sujas  
 de graxa  
                         Os soldadinhos de ferro pelos ares  
 o pote de sementes as enciclopédias  
 o mate de leite  
 o doce com funquinho que Morena  
 tinha preparado  
   esparramado  
 Ele bufava  
 atinga de pinga  
                                 com butiá  
 enquanto tentava  
 garrar os cabelos curtos  
                                 demais  
 de Espingardinha  
  
 Até enganchar  
                         no braço  
                                 arrastando com tanta gana  
 pelo gramado  
 como se quisesse  
 cortar pela  
                         metade

## Nota 5

No meio da semana, Andreza mandou uma mensagem dizendo que o senhor indígena estava decidido a me receber. Nesse intervalo de tempo, porém, ele havia contraído um resfriado. Sendo assim, ela pedia que eu aguardasse mais um pouco, até que ele se recuperasse completamente. Enquanto isto, pesquisei passagens para Iraí, onde ficava a aldeia de um grupo Kaingang. Em um dos registros publicados da viagem de 1929, o bandeirante Arthur Costa conta que Getúlio Vargas, animado com o potencial turístico das fontes de águas termais que lá existiam, ajudou com obras importantes de captação, saneamento, viação e urbanismo. Já naquela época, a empresa colonizadora responsável pelas terras administrava um pequeno balneário. Com a reforma urbanística, a cidade despontou. Uma grande rede hoteleira foi construída para receber turistas, que só aumentaram com a abertura do Cassino Guarani. Uma pista de aeroporto chegou a ser aberta na década de 1940 para receber voos da Argentina e do Uruguai. O pequeno balneário, então modernizado, ganhou o nome do conhecido médico sanitariano Oswaldo Cruz, mais conhecido pela reação popular a um de seus projetos de higienização, a Revolta da Vacina (1904). A cidade ficou conhecida como “Cidade Saúde”.

Fiz uma reserva no Hotel Iraí, arrumei uma mochila com roupas de banho, além das de dia, e tomei o ônibus na rodoviária. O hotel era um dos mais procurados nos tempos de glória da cidade, com piscinas e banheiras de águas termais. A cidadezinha que, em extensão, não era muito maior do que Caibi, chegou a alcançar um número cinco vezes maior de habitantes. A alegria da cidade começou a ruir em 1947, quando todos os cassinos do país tiveram que fechar as portas por conta da lei de Eurico Gaspar Dutra. Durante a minha infância, quando acompanhava minha mãe nas sessões de massagem e fisioterapia no Balneário Oswaldo Cruz, a cidade já vivia vazia. O trajeto de Belina que fazíamos de Caibi até lá, cruzando a ponte sobre o rio Uruguai, levava uns 20 minutos. Às vezes minha mãe comprava artesanato de alguma criança indígena perto do balneário. Eu ficava encarregado de entregar o dinheiro e de deixar o troco com elas, que estavam quase sempre sujas de terra e com a barriga inchada de vermes. Quando uma mãe queria convencer um filho a tomar banho, era comum dizer a ele que, caso não obedecesse, seria confundido com um bugrinho. Os moradores de Caibi também se referiam aos indígenas de Iraí, os Kaingang, como bugres. Na mesma época em que acompanhava minha mãe nas

idas semanais à cidade, no início dos anos 1990, os Kaingang estavam disputando as terras ocupadas pela cidade na justiça. Ainda que meu caminho já tivesse cruzado com os Kaingang, não sabia que eram indígenas. Como se a negação ao nome da etnia, encoberta pelo termo pejorativo, os tivesse apagado por completo da minha memória. Também não sabia de onde vinham aquelas crianças barrigudas e sujas de terra.

Não havia quase ninguém hospedado no Hotel Iraí. Vi apenas uma mulher agasalhada e com uma sacola de praia deixar a mesa do café da manhã. Da janela do refeitório via a imensa piscina vazia com os azulejos encardidos. No inverno, os turistas são ainda mais raros. Por conta disto, os Kaingag não estavam na área destinada à venda de artesanatos. Há alguns anos, a prefeitura restringiu a prática ao espaço entre o balneário e o bosque sagrado, como é chamada esta área de preservação ambiental. É ali que os visitantes costumam passear, tomar banho e se abastecer com a água medicinal das bicas. Para além do bosque sagrado, está o rio do mel. Sem encontrar nenhum Kaingang por ali, fui até a enorme estação termal do balneário. Além das piscinas coletivas, havia banheiras de hidromassagem e todo tipo de tratamentos estéticos com as águas de mel e seus derivados. Pedi por uma massagem simples e fui encaminhado para uma sala com vista para o bosque sagrado. O funcionário que me atendeu, Seu Neuci, não era um simples massagista. Enquanto desfazia as travas da minha cintura, contou que sua especialidade eram os atendimentos espirituais com ervas medicinais, terapia de vidas passadas e conselhos. Embora tivesse as feições brancas de um colono, Neuci era de origem brasileira, como se autodefinem os caboclos em oposição aos descendentes de europeus. Por mais que Neuci tivesse aprendido grande parte dos seus saberes com uma curandeira na sua cidade de origem, Ametista do Sul, também havia compartilhado aprendizados sobre as ervas com os próprios Kaingang. Apesar de desencorajar o contato com eles, por serem imprevisíveis e traiçoeiros na sua opinião, disse que poderia me levar até uma benzedeira da cidade. Quando acrescentou a informação de que ela era, provavelmente, a cabocla mais antiga de Iraí, testemunha viva da fundação da cidade, não pude deixar de pensar que o roteiro que havia organizado estava se cumprindo com a interferência daqueles que eu via como objetos de pesquisa.



## 6.29 Catinga de onça

Vitorino deitou a carabina no ombro cedo  
 quando a fumaça do fogão se misturava com a neblina  
 e árvores amanheciam molhadas do frio  
 Alma varria os montes de folhas  
 que entupiam as valas do terreiro  
 e acumulavam nas calhas  
 Ela juntava os grandes montes bufando  
 que avançavam para a porta  
 e os jogava de volta para o mato vizinho

O colono se despediu  
 enquanto a mulher arrancava as ervas altas  
 que cresciam perto da janela do quarto  
 agachada no chão  
 Sem nenhuma palavra de volta  
 não ser um resmungo  
 Vitorino pegou o caminho do riacho  
 saforando fumaça no vento úmido  
 As pernas longas passavam longe  
 das pedras lisas e dos troncos podres  
 varando o caminho  
 como um cão esfomeado  
 e surdo para o aviso do pássaro guardião  
 Passou distante da beira da enseada  
 e se agachou atrás da moita alta  
 com visão para a cabana  
 Ficou de guarda por um tempo  
 até o sol despontar detrás das nuvens grandes  
 e acender a clareira da mata  
 Quando a luz despertou a sinfonia dos pássaros  
 o colono se encorajou a explorar os arredores

Dentro da cabana  
só o vento passava  
Vitorino puxava o ar pelas narinas  
da catunga forte de carne podre que pairava  
sem nenhum resto de caça à vista  
Da porta para fora  
as pegadas largas deixavam o abrigo  
em direção à fonte  
O colono engoliu seco  
e foi seguindo os rastros com o cano da carabina  
acompanhando o contorno das pisadas  
Quanto mais avançava  
mais fundo e mais raso  
pareciam as passadas  
Como se o bicho  
tivesse um trote manco  
ou gasto pelos anos  
Depois de espiar  
se a criatura dona dos rastros  
não estava deitada na orla  
teve certeza que o destino dela  
eram aquelas águas  
de gosto salobro  
Na margem de barro escuro  
onde as pegadas paravam  
o leito lamacento do rio  
aparecia revolvido como lençóis maltratados  
depois de uma noite de agonia  
E a mesma catunga  
de carne apodrecida  
misturada no ar

Quando a rajada de foguetes explodiu no céu  
avisando toda a colônia  
    que a caravana dos bandeirantes estava chegando  
o dedo dobrado no gatilho  
apertou de susto  
    disparando um tiro de espingarda  
no mato bravo

## 6.92 Carta aos moradores

Área indígena de Folhas Verdes 12 de agosto de 1992

Caros senhores

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

A Comunidade Indígena Kaigang localizada às margens do parque florestal através desta vem esclarecer a Vossas Senhorias que a área indígena de Folhas Verdes ficou caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena nos termos do artigo 231 da Constituição Federal do artigo 17 da Lei 6001/73 conforme a determinação da Portaria n. 00247 de 21 de maio de 1992 assinada pelo Ministro da Justiça Célio Borja e publicada no Diário Oficial da União em 29 de maio de 1992

Outrossim informa-lhe que a medida cautelar da Prefeitura Folhas Verdes não tem validade pois é posterior à assinatura da referida portaria

Se o Juiz Federal for manter o “status quo” deverá ser em favor dos índios pois não existe outro ato que revogue a medida tomada pelo Sr. Ministro da Justiça

Considera o item III da resolução da Portaria n. 00247  
do Ministério da Justiça  
a comunidade local apoiada por diversas áreas  
do Rio Grande do Sul e Santa Catarina  
resolve fazer a autodemarcação a partir deste dia  
e reitera aos Senhores que a Comunidade Indígena  
pacificamente realizará este ato  
e ainda coloca-se a sua disposição  
para apoiar quando Vossas Senhorias procurarem o Órgão competente  
para fazer a desocupação da referida  
área

Atenciosamente

Comunidade Indígena de Folhas Verdes

## Nota 6

De volta à biblioteca, comecei a ler um dos livros que Arlene me deu de presente. Ele trazia um compilado de fac-símiles sobre a viagem de 1929. Em maio de 1929, mesmo mês em que eu estava, a comitiva de Adolpho Konder havia dado início à grande epopeia nacionalizante pelo sertão catarinense. Logo que soube do diário de viagem escrito por Othon Gama D'Eça, vasculhei a biblioteca em busca daquele nome que estampava uma rua transversal à que morei em Florianópolis. Sua função era dar espírito romanesco e aventureir para a obra de brasilidade realizada pelo governo, como ele mesmo definia a expedição. Os seus escritos revelam o olhar de um cronista em contraste ao historiador clássico. Cargo, este, que cabe ao desembargador Boiteux com suas teses históricas do Império – constantemente ironizadas por Gama D'Eça. Atento a todos os detalhes para escrever a história da caravana oficial, a narrativa dos dias é uma história aberta. Nela estão os imprevistos sofridos pela caravana, as conversas com os caboclos, os sinais de antigos indígenas e os barulhos das onças que rondam a floresta. Cruzamentos que ocorrem ao cronista na medida em que se cabocliza, como diria o filósofo das macumbas. Na medida em que se coloca disponível à travessia e se deixa encantar, exatamente como vivem os caboclos encantados – sempre à espera de corpos disponíveis ao transe, que os encantem novamente. Assim, o discurso patriótico exaltado de Gama D'Eça aparece cheio de nuances em seus escritos. Neste discurso, curiosamente, as folhas são um elemento destacado com frequência pelo cronista. Sobretudo as folhas verdes, que surgem como símbolo da brasilidade, da alma brasileira. A qual também se manifesta nos povos caboclos do sertão, aos olhos de Gama D'Eça. Não foi por outra razão que tive a ideia de fazer uma coleção de folhas, a começar com aquela que ganhei do meu xará Luiz Henrique. Como se fosse um personagem escritor, colecionando as folhas que encontrasse ao longo da minha incursão.

Depois de algumas buscas em papelarias, topei com uma feira de artesanatos no pátio da universidade. Bati o olho na mesa em que estavam expostos os cadernos artesanais com capa de couro. O vendedor era um rapaz que usava um gorro estranhamente pontudo. Ao ouvir atentamente a minha ideia, disse que poderia incluir folhas de papel vegetal entre as páginas para ajudar na preservação das folhas. Ele anotou o número do meu celular e, alguns dias depois, enviou uma mensagem para combinar a entrega. Com o contato,

descobri que o seu nome era Luiz. Desta vez, Luiz Carlos – nome composto que unia parte do meu e do meu avô. Quando cheguei na praça central, Luiz Carlos estava me esperando na frente da igreja com os seus longos cabelos soltos, antes escondidos no gorro. E o meu caderno de folhas cuidadosamente embrulhado. Ao fundo, logo ao lado da paróquia, estava o monumento chamado Desbravador. O corpo de Luiz parecia minúsculo diante da imponente escultura de bronze do colono imigrante. O Desbravador rende homenagem aos colonos que construíram a cidade, sobretudo aos descendentes de italianos como meu avô, que tiveram preferência nas negociações de terra com a Companhia Colonizadora Bertaso. Do outro lado da rua, na mesma altura do enorme colono com chapéu, machado em uma mão, e um ramo de erva-mate na outra, estava também o famoso Hotel Bertaso.



## 7.29 Um bandeirante pede abrigo

Os colonos esperavam em pé  
 no meio da praça  
 que era apenas um terreno quadrado  
 de capim cortado  
 sem canteiros de flores e árvores enfileiradas ainda  
 As mulheres já haviam ganhado permissão para sentar  
 no chão com cuidado para não amassar  
 as roupas de domingo

Quando

o funcionário moreno da companhia  
 viu uma mancha no horizonte verde azulado  
 aberto com um lençol de neblina  
 deslizando espremendo a vista  
 Parece até uma cavalaria fantasma  
 flutuando na nossa  
 direção  
 impressionado com a visão que avançava  
 pela trilha das araucárias  
 correu o badalo do sino na igreja

((((( )))

Na frente da tropa vinha o chefe  
 governador do estado  
 Montado no cavalo lustroso e penteado  
 acenava como um desbravador  
 do passado

Assim que puxou as rédeas  
o animal obedeceu  
estacionando como um automóvel

Saudações Senhor Leintz e  
a todos os trabalhadores que nos  
recebem de braços abertos

Alguns dos homens oficiais encostaram  
logo atrás do chefe bandeirante batendo continência  
enquanto o restante da comitiva  
estacava  
antes da linha de chegada

Apesar dos sombreiros e das carabinas nas costas

botas e ponches de lã grossa

Vitorino notou que os famosos bandeirantes  
não tinham a mesma aura de herói do primeiro  
aquele sim

robusto e corado das geadas

sentado no pelego sobre a sela encouraçada

A aba do chapéu um pouco inclinada

como em um retrato batido

Parecia o único sobrevivente da comitiva arrasada

com aqueles homens de rostos magros e abatidos

depois varar dias e noites no coração verde  
do sertão

O foguetório queimou no céu limpo  
e os colonos começaram a entoar o hino nacional  
em posição de sentido conduzido pela pequena orquestra

Durante o coro vigoroso e disciplinado

Vitorino observou o governador inquieto a mão em concha  
falando ao pé do ouvido do diretor

Do lado dele  
 o homem balofo com um papagaio no ombro  
     espichava o pescoço concordando sempre  
 com ar de imperador romano

Ao final da estrofe  
 Ó Pátria amada    idolatrada  
 salve salve o diretor deu um passo  
     à frente com seus sapatos engraxados  
 e interrompeu a cantoria

Minha xente kompanheira  
 Nós sabemos o quanto estamos ansiosos  
     mas o governador Konder

    caba de receber um konvite  
 do governador vizinho  
 que quer estar presente  
     na sua passagem  
 Por hoxe vamos oferecer  
 descanso e boa komida  
     para os nossos bandeirantes  
 E as nossas homenaxens  
 kam para a chegada  
 do ilustre homem  
     de estado

Não é todo dia  
     que homens oficiais  
 visitam uma kolônia  
 no meio desse sertão  
     não é verdade?

Dito o imprevisto  
 Senhor Leintz deu ordens  
 aos funcionários para que encaminhassem  
 os homens mais combalidos  
     até o alojamento da companhia

Os bandeirantes caminhavam pela sede  
 como soldados      mudos  
     retornando de uma batalha

Os colonos se aproximaram da comitiva  
 como crianças diante da carriola de doces  
 Com os olhos piscando  
 e as mãos afoitas  
 ofereciam ajuda para carregar as bagagens

até suas casas

Vitorino enxergou ao fundo da aglomeração  
 o homem que puxava  
     as rédeas de um burro espigado  
 cor de pinhão  
 Entregue o animal a um dos funcionários  
 vinha em direção à praça carregando uma mala estufada  
 Vestia um terno de corte fino      amarrotado  
 e trazia uma maleta de couro duro com detalhes dourados  
     pendurada no ombro

Apesar da disposição  
     tinha uma sombra de perturbação no rosto  
 que fisgou o olhar do colono  
 No momento em que o sujeito  
     cruzou com os olhos curiosos de Vitorino  
 topou num pedregulho e foi ao chão  
 A maleta abriu esparramando seus pertences  
 binóculos máquina fotográfica lanterna  
 um caderno de couro e      uma pistola

Vitorino correu até o homem  
e o ajudou a catar cada um dos objetos

Vitorino às suas ordens

O homem levantou com o olhos aterrados  
no rosto sarapintado do colono

Depois de espanar a terra  
cravada nos joelhos do terno com um lenço  
em silêncio  
o bandeirante arreganhou os lábios para um sorriso  
que saiu com ar de desespero

Muito prazer

Othon Gama D'Eça eu me chamo

Se não for incômodo para o senhor e

sua esposa me concederiam

obrigo por um

dia?

## 7.92 Bucho de terra

No meio da noite  
     os passos tombados de Avô Ino  
 perambulavam pela casa  
 girando tramelas  
     e balançando chaves

Acordei com a mão de Morena  
     provando a minha testa  
 quente de febre  
 Ela colocou compressas  
     de vinagre gelado

    o meu corpo pelado  
         e ligou o ventilador  
 até que eu  
 parasse de sonhar  
         acordado

Acordei  
 sozinho na cama de  
         baixo  
 com a língua felpuda  
     zumbidos na cabeça  
 e uma barrigona  
 redonda  
     esticando a pele

Mãe Clara pediu  
 que Casemiro guiasse o Del Rey  
 cinza de Avô Ino  
 capotado de sono  
 depois da ronda da noite  
 até a casa da Dona Ramona  
 no bairro de  
 baixo

Seu Serafino  
 abriu a cancela

Vamos se achegando  
 que a mãe tá rezando pros  
 loente dela

Morena contava que a tia  
 fazia caridade telepática  
 Ouvia o nome  
 dos doentes e falecidos na rádio  
 e enviava  
 o tratamento à distância  
 com os olhos  
 fechados

A velha morena  
 botou a mão na testa  
 quando entramos  
 na sala  
 Parecia preocupada  
 mas era a pálpebra  
 caída  
 que resgatava  
 pra cima  
 do olho leitoso

A senhora

Dona Clara

precisa ver essa barriga  
direito

Mãe Clara me puxou  
pra frente da barrigona  
dela

como se pudesse esconder  
da benzedeira  
sentada numa cadeira  
estofada de travesseiros

Não não

Dona Ramona

o meu pequeno que tá  
com o intestino  
inflamado

Ela chamou  
batendo no joelho  
apalpou a minha barriga  
dura  
em cima da blusa

Depois virou  
pro Serafino

Leva esse menino  
lá fora  
com a bacia  
e o purgante  
pras bicha

Mãe Clara tapou  
                   a minha boca  
 até eu engolir a colherada  
 cheia do óleo  
 viscoso

Ramona entrou no mato  
   alto  
 dos fundos da casa  
                   as madeiras raiadas de preto  
 e a cerca baixa

Não tinha horta de salada  
 separada  
                   nem canteiro de flores combinando

Os pés de mandioca  
 e misturavam  
 com as bergamoteiras  
   carregadas  
 as bananas verdes  
 Um mamão  
 maduro no alto  
                   igual uma teta  
 cheia de leite

Ramas de abóbora fazendo caminho de cobra  
 e o capim rasteiro  
                   esparramado  
                                   por tudo  
 sem lei

A velha voltou  
 apoiada na  
                   bengala  
 com um chumaço de folhas  
 sortidas

Puxou o terço  
 colocou a mão na minha cabeça  
 e começou a rezar  
 com a mesma técnica  
 de Vó Alma  
 repetindo a oração  
 com os lábios quase  
 fechados  
 E virou pro Serafino  
 que acompanhava a reza  
 em posição de espera  
 igual na fila da hóstia

Pode tirar a roupa  
 do menino  
 e agacha ele  
 na bacia

No meio amassado do alumínio  
 ele tinha largado uma rapadura  
 Mãe Clara sentou perto do tanque  
 escorada no pilão grande  
 porque o bebê  
 pesava demais  
 nas pernas dela

Agarrei na borda da bacia  
 quando Dona Ramona começou a bater  
 as folhas  
 na minha cabeça  
 Varreu as costas  
 falando baixo com a voz  
 funda

Cantava um canto sem palavras  
conhecidas

Mas que repetia  
e repetia e repetia e repetia  
até que as palavras criaram  
um corpo bem dito de caboclo  
invisível

A cada volta  
ao redor da bacia  
o vestido largo assoprava  
o meu rosto  
As galinhas corriam  
doidas pelo terreiro fugindo do cachorro  
O suor gelado escorria pela espinha  
e a barriga parada  
emexia  
Eu não queria  
não na frente da Ramona  
que leu os meus pensamentos  
na hora  
porque fincou o calcanhar  
rachado igual a terra  
quando grita de tão seca

O corpo do caboclo  
invisível  
tinha um braço forte  
que puxou a bicha  
pra fora  
de uma vez

Mãe Clara

não conseguiu tapar a boca

a tempo

quando a voz rouca

da Ramona soltou o corpo liso

e comprido

que escorreu no alumínio

Expulsada a bicha

Serafino trouxe a mangueira

e fez um chuveiro

embaixo do sol

Antes de ir embora

enquanto eu tomava o chá

de camomila doce

Dona Ramona entregou

uma garrafada

cheia de raízes escuras

pra Mãe Clara

que perguntou

De quantas em

quantas horas?

Não não

Dona Clara

Este é pra senhora

O menino tá sarado

Só ficar de olho pra não

encher mais o bucho de

terra



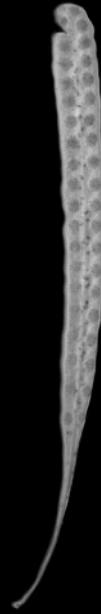
## Nota 7

O senhor indígena continuava com sintomas da gripe. Andreza me atualizou do seu estado durante a semana, dizendo que uma estranha febre persistia. Era só uma questão de tempo, ela garantia. Mesmo assim, decidi passar o final de semana em Caibi, na expectativa de uma reviravolta. Chapecó fica deserta nos finais de semana e o quarto do hotel era minúsculo. Pela vista da janela, além da torre da igreja, agora identificava os ramos de folhas erguidas para o alto do Desbravador. Antes de embarcar no ônibus, fui até os Kaingang que ficavam na entrada da rodoviária e comprei mais um filtro dos sonhos, desta vez para Andreza. Fracassei novamente em alongar a conversa. Eles se intimidaram rapidamente com a minha presença. E eu, constrangido, com a minha cara de colono. Desta vez, além do troco, dei o meu pacote de salgadinho para as crianças.

Minha vó ficou visivelmente enciumada quando dei o mesmo presente para Andreza. Segundo Vó Irma, Andreza havia engordado depois que começara a trabalhar na casa. O que a fazia fiscalizar, com frequência, as comidas da geladeira e da dispensa. Durante o almoço, contei a eles sobre a viagem até Iraí, mas que ainda não havia conseguido visitar a aldeia indígena. Ao mesmo tempo havia conhecido uma cabocla benzedeira chamada Tia Iata, sobre quem também lhes contei a história, na tentativa de encontrar algum cruzamento com a de meus avós. Todos os irmãos de Tia Iata trabalharam como balseiros, transportando viajantes e mercadorias de uma margem a outra do rio Uruguai. Foi exatamente nessas balsas que meus avós passaram da antiga colônia no Rio Grande do Sul para o lado de Santa Catarina. Um dos detalhes que ouvi ainda criança era a carroceria do caminhão atulhada pela mudança. Além dos pertences mais importantes, levavam consigo galinhas e o cachorro. Como grande parte dos habitantes de São Domingos, meus avós chegaram na comunidade no final da década de 1940. Na onda das medidas tomadas pelo governo em 1929 e que fizeram a região expandir economicamente.

Logo que meus avós chegaram, instalaram-se em uma região próxima à pequena São Domingos, chamada Linha São Jorge. Foi lá que meu pai e minha tia nasceram e onde todos eles conviveram não só com outros colonos imigrantes do Rio Grande do Sul, mas também com os caboclos. O vizinho mais chegado da família tinha o curioso apelido de Brasil. Ouvi diversas vezes que, apesar de ser brigão e encrenqueiro, foi ele quem ensinou

meu pai a dirigir caminhão aos 5 anos de idade e a beber cerveja. Por mais que a convivência fosse assídua, nunca souberam me dizer o nome verdadeiro de Brasil. E o mesmo acontecia com o seu companheiro, também próximo da família e a quem chamavam Catengo. Apelido, segundo eles, em alusão aos hábitos precários de higiene. O que fazia pensar que o apagamento dos nomes não se tratava de esquecimento, mas de outro tipo de tratamento em relação aos nativos. Possivelmente pelas mesmas marcas que apareciam nos registros dos bandeirantes em relação aos caboclos – dados às práticas degeneradas, hábitos anti-higiênicos e propensos à criminalidade. Neste dia em que as conhecidas histórias dos meus avós se repetiram, duas novidades surgiram. A de que meu pai havia nascido pelas mãos de uma parteira cabocla – junto ao detalhe de que estava embriagada durante a operação e que havia usado uma balança de alimentos para pesar o bebê. E, ainda, que meu avô havia trabalhado na construção do aeroporto de Iraí, ao lado de outros caboclos, como Seu Neuci, o massagista do balneário.



## 8.29 O bandeirante é um escritor

O cozido de Alma esquentava mais a casa do que      perfumava  
 Os legumes já estavam pálidos  
 e a carne      desfazendo de tanto ferver na panela  
 A polenta pronta há horas  
     dura na travessa  
 e nada de Vitorino voltar da ronda  
 na fronteira  
 Quando o colono abriu a porta  
 com os braços carregados de lenha para o fogão  
     encontrou o bandeirante debruçado com uma lupa      na mão  
     sobre uma das trepadeiras que penetravam  
     pelas      frestas  
     na casa e se alastravam  
     pelas paredes  
 O senhor Vitorino  
 por acaso sabe o nome  
 dessa espécie?

O colono descarregou os gravetos  
 e parou diante da cabeceira da mesa de canela  
     onde estava o caderno de couro  
 do bandeirante  
 com folhas de todos os tipos  
     enfileiradas

Tão intrigado que estava com o caule  
 seguindo o seu cumprimento com a lente  
 o visitante não percebeu  
 que o dono da casa  
 estava plantado de pé  
 diante do seu lugar na mesa  
 que havia derrubado sozinho  
 com o machado

Dona Alma disse  
 que vai me levar nessa tal vizinha  
 que entende de ervas e folhas

O marido captou um brilho  
 tímido nos olhos sempre nublados da mulher  
 que se apressou em colocar  
 as panelas na mesa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

O Senhor Gama Vitorino  
 me disse que poderia fazer  
 chegar a carta pros meus alunos  
 quando a caravana passar  
 perto da colônia  
 velha

Sentado na cadeira mais baixa  
 Vitorino meteu o queixo dentro do prato  
 e sugou uma colherada do caldo barulhento  
 antes de resmungar

E essas pragas  
 lá tem nome?

O bandeirante veio para a mesa  
 com o seu conjunto de pijama  
                   verde-musgo  
 puxando a cadeira

Ora    nem tudo tem nome  
                   o senhor tem razão  
       Mas dar nome é uma missão importante  
 Nessa viagem o governador já batizou  
 umas duas colônias  
 que visitamos

Vitorino levantou os olhos  
                   de cavalo chucro  
 com a boca metida na bolsa de feno  
 observou as mãos finas do homem  
                   guardando as folhas dentro  
 do caderno

Vocês sabem  
                   alguns lugares  
 têm nome estrangeiro demais  
       E quisermos reconquistar  
 esse sertão para a pátria  
 o mapa tem que ser povoado  
 com nomes de índios e dos caboclos  
                   que são os verdadeiros  
 brasileiros

Já sabem como  
 vai se chamar o herdeiro?

A mulher esperou a primeira palavra de Vitorino  
 engolindo o caldo com os olhos  
 congelados e a mão por baixo da mesa  
 alisando a barriga

Vitorino levantou o peito  
 deitado no prato fumegante  
 e tirou os cotovelos da mesa  
 Com o nariz  
 elevado sobre aquele homem de gabinete  
 desafiou

E senhor por acaso viu  
 algum índio

nesse sertão?

Índio índio

ainda não tive a chance

A não ser pelas histórias

que os caboclos contam

Aliás

O colono puxou as rédeas

da conversa que avançava  
 por um caminho pantanoso

O senhor não dê ouvidos

a esses morenos

que são cheios de

causos fantasiosos

O visitante deixou para depois

a história interrompida

e arregaçou as mangas

de flanela do pijama

Pois muito pelo contrário  
     Se o governador me chamou  
 para escrever a história desta viagem  
 os causos dos caboclos  
 muito me interessam

Com o nível do queixo  
     acima do visitante  
 prestes a embalar as cordas vocais  
 o colono engoliu o fôlego  
 e soltou a voz frouxa de sempre

Quer dizer então  
 que o senhor é um escrivão?

O homem oficial largou o corpo  
 na cadeira  
 a risada fez eco  
     no céu da boca

Essa é boa  
     Seu Vitorino  
 Quem está mais pra escrivão  
 é o desembargador      glutão  
     que vive colado  
 no governador

O colono forçou uma risada fraca  
     de acompanhamento  
 mas olhava para o escritor  
 piscando      frenético

O senhor Boiteux  
    é o historiador da caravana  
Certamente é tão confiável  
quanto um escrivão de cartório  
    portanto não tem nada novo  
pra contar  
Muito menos aquele maldito papagaio  
que perturbou o meu sono  
    todas as noites  
no acampamento

Agora era o casal de colonos  
    que pareciam duas galinhas  
olhando para um escritor  
Ele se aprumou na cadeira  
como se estivesse em um salão    ilustrado  
    explicou  
Longe de mim ser a voz da verdade  
Particularmente eu prefiro  
screver uma história original  
do jeito que eu  
digo  
o governador  
quiser



III A prefeitura recebeu ontem uma carta aberta enviada pelo grupo de índios que invadiu a praça da cidade O comunicado alerta que a suspensão da decisão judicial anunciada pelo prefeito aos moradores não é verdadeira e que a demarcação será realizada pelo próprio grupo Em busca de apoio na capital o prefeito afirma ter conseguido reforços do governo do estado e que as 40 famílias de moradores estão dispostas a resistir à demarcação III

O telefone tocou  
 e Vó Alma levantou da cadeira  
     ao lado do fogão de ferro  
 De onde observava  
     disfarçada  
 as mãos morenas  
     da empregada  
 passeando na despensa  
     abrindo a geladeira  
 : pilotando as panelas  
 Enquanto a avó  
 : arrastava as chinelas  
     até a sala  
 Morena provou o sal do feijão  
     da colher que mexia  
 : colocou de volta  
     no caldo

Os gritos de Pai Vitório  
 eram tão altos  
     que Vó Alma afastou  
 o aparelho da orelha  
 Com o primeiro silêncio  
     do outro lado da linha  
 ela tentou explicar

Não é que a barriga dela  
encolheu

totalmente

Mas um pouco

talvez

era inchaço

Vó Alma segurava o alto-falante

do telefone com as duas mãos

pequenas

De longe parecia uma

criança velha

com o os olhos

emburacando

gua

Mas nenhum morador

unca falou um

si

contra a Ramona

que ela fez de parto

na colônia

além do seu

meu filho

não tá na conta

da cidade

Já a Clara

você sabe

essa história

de cor

Morena diminuiu as bocas  
do fogão

e se acercou  
com vassoura  
e pazinha preparadas

Vó Alma colocou no gancho  
o alto-falante  
que cobria a orelha miúda  
E ficou paralisada  
ao lado da mesinha  
enquanto as migalhas  
caíam por baixo  
da saia

Tudo certinho  
com o Seu Vitório  
Dona Alma?

Diante do olhar escuro  
ela patroa  
empacada na tristeza  
o bico amarrado  
e o queixo tremendo  
Morena fez dos farelos  
espalhados  
ao redor de Vó Alma  
uma pequena  
montanha

A voz saiu quebradiça  
igual a casca do gelo fino

Ele pediu pra levar  
a Clara num doutor  
de verdade

Vai dar jeito  
de entregar o carregamento  
em outro armazém  
E volta  
voando  
pra cuidar  
do filho dele  
direito

Morena colocou a vó  
de volta na cadeira  
riste igual um camelo  
bebericando o chá  
de sempre

A montanha de migalhas  
que transbordava da pazinha  
Morena guardou em um pote  
na despensa

Tudo normal nas ruas da cidade  
os fregueses do Seu Klein  
saíam com sacolas carregadas  
E a praia de Copacana ensolarada  
no alto

Na praça  
os índios jogavam bola  
cercados  
pelos carros da polícia  
nas esquinas

Os policiais fardados circulavam  
 com seus pistolões e antenas  
 de longo alcance

O Judas do bar  
 ao lado da igreja  
 acompanhava a partida  
 as traves do gol  
 com latinhas de refrigerante

Comentou  
 com o vendedor de bergamotas  
 enquanto a rainha da cidade  
 sem o vestido nem as luvas compridas  
 o penteado desarmado

escolhia as mais bonitas  
 la carriola e chupava os gomos  
 cuspiendo as sementes

ora

7ê se pode

essa bugrada  
 mporcalhando a praça  
 e batendo pelada

em pleno dia

de semana

Depois ainda

querem

ser chamados

de índio

No balneário as torneiras  
 da bica continuavam fechadas

As águas quentes das piscinas  
   paradas  
 sem turista à vista

O parque florestal igual  
   um deserto verde

Coloquei os dentes de alho  
 nos bolsos  
   e fiz um novo caminho  
 pra catar folhas  
 novas

Tirei o binóculos  
   de trás da moita alta

A Rádio Tupi chiava  
 ao volume baixo  
   dentro da cabana  
 Mas nenhum sinal da onça  
 pintada

Os tico-ticos saltavam pelo telhado de palha

Pernilongos do tamanho de besouros  
   rodeavam as minhas bochechas  
 redondas

No meio  
 dessa guerra sangrenta  
   passos se aproximaram  
 quebrando gravetos e folhas secas



Quando ele entrou  
 no escuro da cabana  
 as gargalhadas da onça  
 fizeram eco  
 nas paredes

((((( )))

O volume do rádio subiu  
 e as vozes aumentaram  
 misturando com o chiado

O braço comprido  
 apareceu ajeitando a cabeleira  
 solta

os ombros  
 As pulseiras e os penduricalhos  
 correndo

A fumaça do cigarro fez um risco  
 pra fora da janela  
 desmanchou no ar

A pedra do anel amarelado  
 parecia um olho de gato  
 do mato  
 contra o sol

O caboclo  
 chegou perto  
 com o sorriso branco  
 a boca aberta mascando chieletes  
 e os cabelos brilhosos  
 de gel

Atracados  
 um no outro  
     línguas estaladas  
 os corpos se amassando  
     gaitadas e gaitadas

Ele colou  
 no corpão da onça pintada  
     aos pinotes

Os ombros sacudindo  
 no ritmo das marchinhas alemãs  
     que tocavam nos bailões  
 do Municipal

foró-foró  
 om fom fom fom

Igual Morena  
 quando dançava  
 agarrada nos morenos dela  
     varrendo a quadra  
     inteira

A banda Cosmos

Express

botando fogo no palco  
 e o gelo seco escorrendo  
     pelo salão

foró-foró  
 fom fom fom fom

Os dois varriam  
     a cabana  
             de uma ponta  
                     a outra

Quando o baile  
terminou  
a música do rádio  
batia  
nas taquaras da cabana  
sem sinal dos dançarinos  
na pista

Guardei o binóculos  
na maleta

Escorreguei o olho  
pela janela  
acostumando a vista

ao escuro

la cabana

té conseguir

ver de perto

o que a onça pintada

o caboclo

faziam

embolados

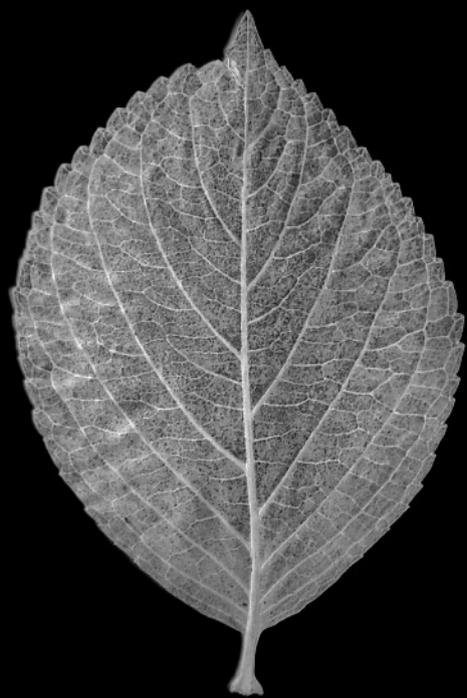
na rede



## Nota 8

De volta aos corredores da universidade, Arlene sugeriu que uma forma de me aproximar da história dos Kaiang de Iraí seria através dos agentes do CIMI, um órgão ligado à igreja católica e com uma longa trajetória de trabalho junto aos povos indígenas. Entrei em contato com a unidade do Rio Grande do Sul, onde certamente haveria algum tipo de arquivo sobre o episódio da retomada de terras dos Kaigang. Caso não fosse possível uma incursão na aldeia, poderia ter acesso aos registros oficiais do caso. Há dias não recebia mensagens de Andreza. Escrevi a ela para saber sobre o estado de saúde do senhor indígena. Ela me respondeu apenas 3 dias depois, com muitos pedidos de desculpa. Tio Salvador havia ficado de cama por conta dos efeitos da quimioterapia e demorou a visitar seu amigo Índio. Quando finalmente chegou na cabana, descobriu que a febre prolongada era, na verdade, sintoma de uma catapora.

Recebi uma mensagem de Luiz Carlos, o artesão de cadernos. A essas alturas, minha coleção já contava com uma boa série de folhas. Ele estava me convidando para uma festa no centro religioso Ilé Asè Aféfé t'Oyá, uma casa de encantaria. Mais surpreendente que o convite foi a descoberta de um lugar deste tipo no Sul do Brasil. Uma casa de encantaria era surpreendente em vários sentidos. Primeiramente por ser uma expressão religiosa afro-brasileira, uma meríndia das mais raras e antigas, praticamente restrita à região Norte do país, no Maranhão. E ainda assim, pelo fato raríssimo de uma casa dedicada a esse tipo de culto. Diferente da umbanda e do canbomblé, que realizam suas práticas em assentamentos, centros e barracões, as manifestações dos chamados encantados – os radicais caboclos mencionados por Luiz Antonio Simas na invenção do conceito – costuma acontecer nas ruas, sobretudo nas festas populares, as chamadas canjiras dos encantados. A lembrança de que todos os caboclos da encantaria eram conhecidos pela denominação exclusiva de caboclos, a despeito dos seus nomes individuais, agora surgia acompanhada de um paralelo. O de que os caboclos do Oeste catarinense, enquanto grupo étnico, também se manifestavam ao estilo dos encantados. Transitando livremente pelos nomes europeus e pelas peles brancas, como meu xará Luiz Henrique e o massagista Neuci.



## 9.29 O sonho do escritor

Há dias que o escritor não deitava as costas  
em um colchão que afundava

Além do pelego afofado pelas mãos de Alma  
tinha dois travesseiro de penas de pato  
e uma lamparina só sua

para organizar as notas da viagem  
no caderno de couro

No dia seguinte pediria a Vitorino  
que o levasse até o telégrafo

O editor do periódico República

não recebia notícias da caravana

desde que entraram nas picadas da floresta

Recostado na cama com o corpo mole

ascunhava mais uma crônica

no caderno aberto sobre o colo

O chá de boldo adoçado esfriando ao lado

Para os leitores que nos acompanham

nesta aventureira viagem pelo sertão esquecido

peço desculpas em nome da caravana

do governador Adolpho Konder pelo sumiço

A caneta deslizou da linha

riscando a folha branca ao meio

até a mão pender para o lado

Enquanto a respiração cavernosa  
     ressoava pela casa  
 cavava um buraco  
 por dentro dos pensamentos  
 que se debatiam como peixes  
 fora da água

Quando chegou  
     no fundo do sono  
 o desfile já havia começado  
 O carro alegórico de muitos andares  
     andava no meio da avenida    luxuoso  
 Os bandeirantes vestiam capas de lantejoulas  
 e chapéus forrados de cetim

    Carabinas envenenadas de brilho nas mãos  
     Batiam continência das várias clareiras  
 Distribuídas pelo enorme esqueleto metálico  
 Cercadas por árvores nativas  
 e todas as espécies esculpidas no isopor  
 Macacos mecânicos comiam bananas  
 Pássaros piavam agudos elétricos  
 Onças abriam  
     e fechavam a bocarra

Da vasta estrutura verde  
     que seguia em frente    balançando  
 pela avenida  
 despontavam pequenas casas de colonos  
 Os casais com pencas de filhos  
 loiros como espigas de milho  
     abanavam faceiros das janelas  
 Coberto pelos adereços  
 era Senhor Leintz  
 quem pilotava o carro    disfarçado  
     da cabine

A ala de caboclos ia na dianteira  
 abrindo o caminho  
 ao som de um batuque muito original

Um samba com letra cantada  
 sem ponto nem vírgula  
 contando causos do povo  
 igual um enredo de romance

O policial da caravana vigiava  
 o bloco barulhento  
 ordenando que dobrassem os joelhos  
 ao som do tambor

((((( ( ))) )))

Mas os morenos cantavam  
 cada vez mais alto  
 com as mãos pra cima  
 as bundas soltas  
 os seios livres  
 umbigos de fora  
 arrastando o pés descalços no asfalto  
 A maior de todas alegorias  
 vinha séria e firme  
 vencendo os sacolejos do tablado mais alto  
 Uma réplica colossal  
 do bandeirante-mor montado no seu cavalo  
 e chapéu suavemente inclinado  
 Aos pés da escultura  
 em tamanho menor  
 o próprio governador fazia um troféu  
 com as mãos unidas pro alto

O fiel historiador oficial  
 vestindo um manto de imperador que sobrava no chão  
 e seu papagaio estimado

também ganhavam destaque  
 embora ficassem ofuscados pela decoração  
 de livros gigantes

O cortejo chegou na praça central  
 e a caboclada ocupou os gramados  
 em torno do pedestal

Bandeirantes e colonos  
 despencaram das alegorias ao seu encontro

Lá estavam todos bailando  
 marchinhas sambas e maxixes

Gritos gaitadas e risos descontrolados  
 sob uma chuva de folhas verdes e penas

Os funcionários do diretor baixaram  
 a escultura do último andar  
 e passaram carregando  
 o desconunal governador no meio do povo

em transe

De trás das árvores enfileiradas na calçada  
 surge um índio paramentado

O selvagem carrega ao mesmo tempo  
 dentes de onça pendurados no peito  
 distintivos militares no braço  
 e a espingarda carregada

O caboclo que guiou a caravana dos bandeirantes  
 pela floresta

no meio da pequena multidão  
 fala ao ouvido do escritor  
 que tudo ouve

É esse o tal fantasma  
do índio famoso  
de nome mais conhecido  
nesse sertão

Os batuques silenciaram  
e os foliões abriram passagem  
para que o índio chegasse até o chefe do estado  
de ferro fundido

O único som que se ouvia nessa hora  
saía pelo bico do infernal papagaio

Um cacarejo esquisito  
parecido com aquele

que vinha do galinheiro de Vitorino

travessando as frestas da janela

interrompendo

as pisadas fortes do índio destemido

Antes do escritor se engasgar

com o próprio ronco cavernoso

o maldito papagaio repetiu

como repetia nas noites do acampamento

É onça!

É onça!

É onça!

até o bandeirante saltar

para fora do colchão macio

e procurar a pistola aos gritos

É onça

Vitorino

Vitorino é onça!

Onça Vitorino!

## 9.92 A onça na jaula

Antes dos índios  
 invadirem a cidade  
 o Circo dos Macacos Ciganos  
 erguia a lona vermelha  
 no meio da praça  
 durante as noites  
 de calor

Avô Ino deixou a vó  
 nas banheiras termais do balneário  
 pra melhorar dos nervos  
 me levou visitar o acampamento  
 da trupe  
 durante a sessão  
 de hidromassagem  
 Naquela hora  
 antes do almoço  
 o circo não era o mesmo  
 dos espetáculos com o letreiro  
 iluminado

Os trajes coloridos  
 estavam estendidos  
 num varal comprido  
 embaixo do sol

As fantasias as máscaras e as perucas  
pareciam galinhas

de pescoço torcido  
que Vó Alma pendurava no galho  
pelas patas  
antes de amolecer as penas  
na água fervente

O barbudo  
que soprava fumaça

doce  
deitado na rede  
No chão  
rodela de salame  
fritavam na grelha

lisse que os bichos enjaulados  
ficavam depois dos carros  
maiores  
das caixas de som

Vó não recomendava  
mexer com os macacos  
na hora da refeição

E riu  
com a barriga cabeluda  
tremelicando  
e o dente de ouro  
saltando na gengiva

Paramos em frente  
à jaula da famosa Iracema  
Esparramada no tablado  
emporcalhado  
como se fosse dona do circo  
inteiro

Ela levantou  
                   o corpo pintado  
 e começou a andar  
                   de um lado pro outro  
 naquela caixa apertada

Pedi ao Avô Ino  
 que me levantasse do chão  
 pra ficar da altura dela

Onça Iracema parou  
                   e cruzou os olhos amarelos  
 riscados com os meus  
 As pepitas de ouro

  sujo  
 ouxavam a minha vista  
                   pra dentro do buraco  
 negro  
 Ela girou as orelhas  
 pra trás  
   como um radar  
 lobrou as patas traseiras  
   o rabo esticado  
 e

((((( )))

                  a cabeça chocou  
 contra as grades  
 esmagada  
                   A pata larga passou pela fresta  
 e as unhas pretas  
                   fizeram vento  
 na nossa carne

Ela escancarava a boca  
                   arregaçando a bigodeira  
 e urrava fundo  
 com os dentes pontudos  
 arreganhados

O bafo medonho  
                   fez o sangue descer  
 gelado pela espinha  
 e uma cachoeira  
   quente  
 escorreu nas pernas

O avô deu um pulo  
 assustado

                                  A camisa  
 rasgada em segundos  
 : uma poça enorme  
 marcada  
 no chão

                                  O avô achou graça  
   na hora  
 mas depois  
 quando perguntei  
 como o dono do circo sabia  
                   que Iracema não era um caboclo  
 virado na onça  
 ele fechou a cara

A partir daquele dia  
 Morena ficou proibida  
                   de contar histórias antes de dormir  
 na cama de  
 baixo

Nunca mais  
ouvi os causos  
do Tio Salvador

Nem as sereias  
que afogavam os balseiros  
nas corredeiras do rio Uruguai  
Nem as bruxas  
que sobrevoavam os parreirais  
bebendo os vinhos dos colonos  
peladas

Foi então  
que Morena disse  
pra comer sementes  
que as histórias chegassem  
eito bandos de pássaros  
nos galhos

## Nota 9

Peguei um novo ônibus para Caibi e cheguei na sexta-feira à noite, quando Andreza trocava de turno com outra ajudante. Na primeira oportunidade em que ficamos sozinhos, ela me disse que Tio Salvador havia levado o senhor indígena ao posto de saúde. Ele já estava medicado e em repouso. Não sei exatamente o motivo pelo qual nos comunicávamos daquela maneira secreta, pelos cantos da casa. Talvez para não causar ciúmes na minha avó. Imediatamente, a suposição me fez pensar que Andreza estava vendo em mim algo que eu não tinha percebido. Um pouco tímida, como sempre, ela me deu um presente. Um potinho de plástico que continha vários anéis. Eram anéis de coco, que havia ganhado do seu cunhado indígena. Perguntei se não sentiria falta deles. Ela respondeu que não gostava de usar aqueles artesanatos nos dedos. “Fico agoniada, me sinto presa”.

talvez não tivesse experimentado a temporalidade tão diferente em que vivem meus avós, e não estivesse esperando pelo senhor indígena que povoava a minha imaginação. Vó Irma passava horas deitada no sofá e depois vigiava a preparação do almoço, até deitar-se novamente. Vó Carlos assistia à televisão e caminhava com o andador em volta da casa, com a ajuda de Andreza. Desde que a degeneração começou a avançar, ele passou a trocar os tempos com frequência. Antes de dormir, então, pedia a minha tia que checasse se as vacas e as galinhas estavam bem protegidas no quintal, como na casa antiga da Linha São Jorge. E se o cavalo, em vez do carro, estava bem abrigado em caso de chuva. Dentre todos os gestos inconsciente que observava em meu avô, um deles me intrigava mais. Todos os dias, depois de analisar os próprios pés, ele dizia haver contraído bicho-de-pé. Era como se a lembrança de trabalhar na terra durante muitos anos estivesse marcada no corpo, como se a memória ficasse latente naqueles pés que já viviam há muito tempo resguardados dos trabalhos na roça. Exatamente do mesmo modo como a minha memória de menino se revelou através das marcas na cintura. A única solução que também se repetia para o avô, dia a dia, era uma encenação. Então Andreza tirava as meias dele e fingia extrair o inseto da sola dos pés com uma agulha.

No início daquela tarde, depois do cochilo do meu avô, Andreza me procurou para dizer que estava preocupada. Tio Salvador havia levado o senhor indígena às pressas para o hospital de Chapecó. O estado de saúde dele havia se agravado muito. Tudo indicava que o diagnóstico da catapora estava errado. Ofereci ajuda, dispondo-me a voltar para Chapecó e ir até o hospital encontrá-los. Andreza resistiu, dizendo que Tio Salvador e sua mulher estavam do lado de fora da UTI. O restante do dia foi de espera. Eu e Andreza não fizemos nada além de trocar olhares aflitos enquanto jogávamos baralho com os meus avós. Quando ela fez a troca de turno, prometeu me manter informado. Durante o jantar com meus avós, já pensava no plano do dia seguinte. Acordaria cedo e tomaria o ônibus de volta a Chapecó. Minha ideia era ir direto ao hospital para conseguir informações diretamente com Tio Salvador. Era início da madrugada e eu já havia sido vencido pelo sono quando chegou a notícia de Andreza. O senhor indígena havia morrido. Fiquei em estado de choque, afetado pela paradoxal sensação de haver perdido uma pessoa de carne e osso, que até então era apenas uma presença invisível, um corpo imaginário. Enquanto eu tentava assimilar o acontecido, Andreza falava de detalhes que tornavam a morte dele ainda mais dramática. Sua cabana havia sido queimada pelos vizinhos e eu sequer desconfiava que o senhor indígena era hostilizado pelos caboclos do bairro da Gruta. E o pior de tudo era que ele provavelmente seria enterrado no cemitério de Chapecó como indigente, já que não tinha documentos e nem parentes legais. Andreza estava tão abalada quanto eu. Sua voz embargada, na mensagem de áudio, não parava de pedir desculpas por ter falhado em fazer o nosso encontro acontecer.



## 10.29 Um índio chamado Vitorino

Agarrada ao travesseiro  
ouvindo os roncoss do escritor  
    ressoando novamente pelo corredor  
a voz de Alma surge no escuro do quarto

Agora sim  
Capotou o pobre  
Misturei valeriana com cidreira  
Nem sei se fiz direito  
    mas com aqueles olhos estalados  
    não ia dormir nunca o coitado  
Vitorino que também tinha os olhos pregados  
    nas sombras do teto    depois do susto  
    protou no silêncio  
Demorei pra entender  
    o que ele queria dizer  
    taguejando daquele jeito

E a pistola rodando  
na mão dele?  
    Minha nossa

No final das contas  
    foi graças ao tal historiador  
que o pior não aconteceu  
Imagina se ele  
    não tivesse tirado  
as balas da arma?

Alma se aproxima um pouco  
do marido

Mas e agora  
será que era onça mesmo?

Vitorino sentiu a respiração da mulher  
encostar no seu rosto  
ela que sempre fica virada  
para o lado de fora da cama

Ora mulher  
você acha mesmo  
que uma onça ia perseguir

uma caravana inteira  
durante todos esses dias  
pelo sertão?

Mo que o marido se revirou  
debaixo dos cobertores  
para encontrá-la  
Alma recuou um pouco

Mas esse tal índio  
existiu mesmo, né?

Isso é

Um índio com o nome  
igual ao seu

Deus meu  
É Vitorino de quê  
mesmo?

Vitorino reconhecia os voleios  
 que a mulher dava para desviar  
 dos seus braços  
     e voltou a barriga para o teto

Condá

Vitorino Condá

E será que ele não  
 aparece mesmo pelas matas  
     assombrando essa gente  
 maioral?

    Meu pai aparece  
 com o peito lastimado

os sonhos  
     às vezes

Vitorino recolheu os pés  
     que ficavam de fora do colchão  
 se recolheu em concha  
 o seu lado

Sonho é diferente

    Não ouviu o que ele disse?  
 Foi o tal caboclo que trabalhou  
 de guia da caravana  
     que veio com essa história  
 Deve ter dado  
 umas boas gaitadas  
 com esses homem  
     tudo armado  
 ouvindo miado de onça  
 e sentindo a catanga do bicho  
 sem nunca ter visto um  
     de verdade

A mulher arriscou detrás  
da barreira que tinha feito entre eles  
com travesseiro

Podem falar o que for  
desses moreno  
Mas são bons contadores  
de caso

Eu que não me fio  
nesses caso batido

Conformado com a fronteira  
dos lençóis

Vitorino se virou  
para o lado contrário  
e continuou

Diz que a cabana abandonada  
perto do olho d'água  
era de um moreno  
desse povo aí  
Trabalhava de onceiro  
matando onça  
pros fazendeiro

A mulher se rendeu  
e cutucou a montanha  
para saber o resto do caso

E dali?

Dali nada  
    diz que descobriu  
que era parente delas  
O serviço sujo  
pesou na consciência  
    e se bandeou  
pra dentro da floresta

Mas então homem!  
    Se caboclo vira no bicho  
índio não pode  
    virar onça  
também?

Do seu lado da cama  
Vitorino ficou olhando as palavras da mulher  
    pairando no escuro  
enquanto o ronco do escritor  
circulava pela casa

## 10.92 A barriga de Mãe Clara

Mãe Clara deitou na maca  
 esbaforida  
 de subir os degraus  
 da escadinha  
 e arregaçou a blusa  
 O doutor começou tocando  
 nas beiradas da barrigona  
 que tinha baixado  
 um palmo

Mãe Clara havia secado  
 as sobras das bochechas  
 dos braços  
 do culote  
 Desde que Dona Ramona receitou  
 a garrafona de raízes  
 o cheiro de flores desmaiadas  
 que pairava no quarto  
 também estava  
 mais enjoado

Eu segurava na mão dela  
 a aliança dançando no dedo

Será  
 que o irmãozinho  
 vai querer  
 sair  
 mais cedo  
 pra brincar?

O doutor leu meus pensamentos  
 igual a Dona Ramona  
 e pediu pra Mãe Clara  
 não fazer esforço  
 enquanto apertava mais  
 forte nas laterais

A tosse de Avô Ino ecoava nos azulejos do consultório

((((( ( ))) ))))

Pegou friagem  
 Seu Vitorino?

O avô dobrava o lenço  
 em quadradinhos  
 apertados com a terra  
 escondida

Ele mandou  
 um expectorante na receita  
 pro senhor

Tem um índio  
 de idade avançada  
 no quarto ao lado  
 que também tá resfriado  
 É esse vento

Imagina  
 dormir dentro daquelas  
 barracas com lona  
 furada  
 O senhor  
 tem que se cuidar  
 também

Avô Ino concordava  
com a cabeça  
mas o doutor não podia ver  
atrás das lentes escurecidas  
os olhos inchados  
das noites em claro  
fazendo ronda  
no terreiro

Logo eles vão  
ter que voltar pro mato  
Não é o primeiro  
deles que adoece  
No jornal já deu até  
que o movimento  
está perdendo força  
sem demora  
o prefeito volta  
com reforço do  
estado  
O doutor puxou a blusa de Mãe Clara  
abrindo a barriga  
deu batidinhas no bebê  
e apertou o botão do telefone  
assim que ela entrou  
no banheiro

No porta-retrato em cima da mesa  
o doutor usava um chapéu preto  
e quadrado  
como se fosse um rei  
do passado

A enfermeira entrou no consultório  
 e estacionou a cadeira de rodas  
 ao lado da maca  
 O doutor disse  
 que eu seria o motorista de Mãe Clara  
 até o outro quarto  
 no final do corredor  
 enquanto ele conversava  
 com Avô Ino  
 sozinho

Mãe Clara já tinha apagado  
 quando a enfermeira colocou o soro  
 no alto

Ela trouxe polenta mole  
 um caldo ralo igual ao de Vó Alma  
 com gelatina

ligou a televisão

Depois de beber  
 o caldo todo e engolir

polenta com gelatina

Perguntei

se o bebê de Mãe Clara

ia sair tão grande

como Pai Vitório

apostava

Os olhos pintados da enfermeira  
 com sobrancelhas tatuadas  
 pararam na barriga de Mãe Clara  
 e voltaram pra bandeja vazia  
 com a maquiagem toda  
 borrada

## Nota 10

Pela manhã, escrevi um email a Arlene contando sobre a morte do senhor indígena. Depois do café, enquanto tomava sol com meu avô no quintal, recebi a mensagem de uma amiga de infância, Eloísa. Ela morava na casa ao lado da minha, separada apenas por um muro. Exatamente de onde me escrevia naquele momento, depois de ver uma foto do quintal que eu tinha postado nas redes sociais. Em alguns minutos, ela bateu palmas no portão trazendo um saquinho de café e um bolo. Eu e Êlo, como a chamava, frequentávamos juntos o jardim da casa amarela, que ficava no Bairro da Gruta. Perdemos totalmente o contato depois que saí da cidade, aos 6 anos de idade. Ela estava de volta à casa da família depois de haver se separado da namorada com quem morava em Porto Alegre. Diante dela depois de tanto tempo, surpreso por saber que tinha uma namorada, atentei para a semelhança dos nomes. Era como se no dela estivesse inscrita uma versão feminina do meu: Eloísa. A associação veio junto de uma lembrança constrangida, das vezes em que os nossos colegas da casa amarela me chamavam justamente desta maneira: Luiz, Luiza, Luizinha.

Enquanto Eloísa girava a manivela do moedor antigo de café da sua avó, revivi um sentimento familiar. Era a mesma admiração que sentia quando criança pelos seus gestos masculinos, seus ombros fortes e o peito estufado. O contrário também devia acontecer aos olhos dela, diante das minhas formas mais roliças e dos meus gestos mais delicados, motivo das provocações dos nossos colegas. Não por acaso foi com Êlo com quem costumava brincar dos jogos eróticos que encenam os casais adultos. E que, sem perceber, subvertiam os papéis de gênero. Enquanto eu via um namoradinho secreto na menina de gestos masculinos, ela podia ter a sua namoradinha com o menino de jeito afeminado. Assim, o reflexo projetado no nome de Eloísa me devolvia uma sensação antiga, já esquecida, daquilo que eu nem sabia quando menino. O meu desejo por outro modo de ser homem, entranhado no feminino. Não fosse o nosso reencontro, não teria me dado conta de algo ainda mais impressionante. Eloísa havia sido apagada da minha memória como a melhor amiga da infância. Meus pais costumavam contar, nos seus relatos sobre os tempos de Caibi, que eu havia deixado um melhor amigo para trás – em vez de uma amiga. Narrativa, esta, que eu havia assimilado sem me dar conta. Sem perceber que, talvez, eles já vissem a minha intimidade com o feminino com alguma resistência. Não consegui encontrar

nenhum registro com a presença de Êlo naquela época. Na fotografia do desfile de 7 de setembro, quem aparece no seu lugar é o amigo escolhido pela família. Durante o longo café na cozinha da minha infância, tantas vezes frequentado por ela, contei a história sobre o senhor indígena. Êlo imediatamente se ofereceu para descobrir detalhes mais precisos daquele mistério. Começaria perguntando a sua mãe, que era ministra da igreja e conhecia praticamente todos os caboclos que moravam no bairro da Gruta.



## II.29 O baile da colônia

Vitorino chegou no clube recreativo      ao lado da igreja  
 de botinas      camisa abotoada até o pescoço  
 e braços dados com Alma  
 O som das sanfonas e das violas  
         vazava pelos janelões com as nuvens de fumo      crioulo  
 Ao ver o casal paralisado na porta  
         cerimoniosos naqueles trajés de festa  
 o escritor veio chamá-los                  com os pés serelepes  
 para sentarem na sua mesa

Logo que sentaram  
 Senhor Gama atravessou o meio do salão  
         onde os primeiros casais dançavam                  acanhados  
 voltou como um torpedó  
         segurando um garrafão de cerveja  
 a fabriqueta do Seu Braun  
 Vitorino encheu o seu copo até a borda  
         e para a mulher apenas metade  
 Brindaram de longe com o escritor  
         que já pulara para a mesa ao lado  
 Parecia discutir algum assunto de discórdia  
 com o desembargador balofo  
         que o olhava com cara de planta  
 detrás dos óculos redondos  
 enquanto gesticulava acalorado

A cada golada que entornava  
         o colono sentia o pescoço asfixiado  
 naquele traje ensacado

Aos poucos os pensamentos ficavam mais gasosos  
 e a cabeça acompanhava as melodias  
     cada vez mais ouriçadas  
 da banda no palco

A quantidade de dançarinos aumentava  
     como se um ímã os puxasse para o salão

Vitorino bateu o olho em Ramona e Salvador  
 agarrados no meio da agitação           arrastando o pé  
     Antes que atendesse ao impulso  
 dos joelhos  
 e puxasse Alma

    que bebericava do copo igual um pássaro triste

    as suas vestes escuras  
 O escritor veio com os braços      estendidos  
 pedindo a licença do marido  
 para ter a honra de dançar com a sua mulher  
 Os olhos de Vitorino iam de um lado a outro   do salão  
     sem querer ver  
 a mão de Alma sobre o ombro do paletó  
 e os dedos finos de escritor na sua cintura

O casal de caboclos corria a pista inteira  
     Salvador guiava o passo  
 como uma balsa cortando as ondas do rio Uruguai  
 Levava a mão de Ramona entrelaçada  
     os braços de leme aprumados  
 enquanto a mulher requebrava as ancas  
 que saltavam do vestido

    O moreno tinha um estilo ousado  
 ao mesmo tempo que controlava da proa  
 rebolava e remexia a cintura  
     como nenhum homem fazia

A cabeça liquefeita do colono  
acompanhou o giro de pernas  
com que o caboclo voltou para o meio  
dos corpos saltitantes

Vitorino foi até a copa  
e pediu mais um garrafão ao bodegueiro  
Acenou de pronto  
quando viu Senhor Leintz e o governador Konder  
conversando ao lado do churrasco  
escorrendo sangue na fogueira  
E tentou de novo  
Mas não foi reconhecido

Quando sentou à mesa  
bebendo o garrafão no bico  
o alvoroço tinha se alastrado  
pelo baile todo  
Em um coro inflado  
todos cantavam o refrão  
da canção que Vitorino não conhecia

Quando seus olhos turvos toparam  
de novo com o casal risonho  
múltiplas Almas dançavam  
em um caleidoscópio de risadas  
que o marido nunca recebia

Vitorino saltou da cadeira  
pequena para tanto corpo  
e arremeteu em direção ao casal  
Chegou estabanado em cima dos dois  
tentando frear o impulso           tarde demais

O escritor entregou as mãos da mulher  
 prontamente  
 Mas Alma a cara assustada  
 protegendo a barriga com a mão  
 pediu um descanso  
 para as pernas desacostumadas

Com o sorriso desmontado  
 Vitorino puxou o braço da mulher com força  
 Ela deixou que ele colasse o corpo  
 no seu o rosto virado para o lado  
 Sem traquejo para conduzir a balsa  
 o marido tropeçava nas pernas duras da mulher  
 Uma e outra vez

Até o sorriso voltar desesperado  
 o sangue queimar o rosto  
 Numa arrancada  
 levou o corpo sem alma da mulher  
 prensar em um casal de caboclos  
 Alma se livrou dos braços compridos  
 e deixou Vitorino sozinho  
 no meio do salão  
 Os casais continuavam passando  
 sem disfarçar o olhar  
 para aquele homenzarrão  
 com as braços pendidos

Sem chão embaixo dos pés  
 e toda aquela raiva circulando por dentro  
 Vitorino buscou o casal de caboclos  
 e bateu no ombro do moreno

A mulher do homem                    atizado  
acompanhava os olhos arregaçados do colono  
pra cima dele

                  Tentava puxar pela camisa  
para o canto do salão  
pedindo calma no ouvido

Mas nada  
Vitorino mirou naquele homem  
e largou na sua direção

                  Ao ver aquele corpo enorme  
desengonçado na sua reta  
                  ao caboclo jogou a mulher para o lado  
passando uma única

banda no colono

Vitorino ainda tentou se agarrar no ar

                  antes do corpalhão estatelar no chão

Uma clareira se abriu no meio da pista de dança

quando o colono                    tonto pela queda

                  olhou para cima

o caboclo que antes batia na sua cintura

era agora um                    gigante

com a pistola apontada

para a sua testa

Os funcionários do diretor

                  caíram em cima do moreno

Vinte mãos

arrastaram o sujeito porta afora

enquanto a mulher ia gritando                    atrás

O escritor oferecia a mão  
recusada pelo colono  
que levantou sozinho  
debaixo do olhar de todos os colonos  
e bandeirantes

Dentro daquele corpo tão grande  
trançando as pernas  
Vitorino se sentiu o menor dos homens  
da colônia inteira



## II.92 O mijo da onça

O caminhão de Pai Vitório  
estava estacionado na calçada  
fazendo sombra  
dentro de casa

Todo mundo no hospital

Morena  
estava ajoelhada no canteiro das flores  
mexendo na terra  
enquanto Gegê perambulava pelo quintal

igiando o caminho

até a cabana

Tudo estranho

nas ruas da cidade

Do mercado do Seu Klein

que abria até aos domingos

estava com as portas fechadas

A praça parecia a praia

de Copacabana

com os moradores disputando espaço

pra ver o retorno do prefeito

da viagem à capital

Além dos carros

parados nas esquinas

com as luzes das sirenes girando

caminhonetes da polícia

circulavam

com canos de fuzis

saindo pela janela

Cheguei  
     na trilha do parque  
 engolindo ar  
 O bando de quero-queros  
     acompanhava do alto  
 o caminho novo  
 que as folhas  
     mostravam

O bambuzal dançava com o vento  
     o tronco de duas árvores  
 esfregaram  
     gemendo

Detrás da moita alta  
     nenhum sinal do caboclo perfumado  
 le ervas fortes  
     nem rádio ligado  
     ou rabo de fumaça

O sol tostava a minha cabeça  
     descoberta  
 os gritos dos quero-queros  
     não paravam  
 de desafiar

Fui com os passos altos  
 e leves até a cabana  
     desviando das folhas secas  
 e dos gravetos

Da porta  
 tudo quieto e escuro  
                   sem nenhuma  
 sombra de onça  
 O vento  
 que passava pela janela  
                   não dava conta  
 de abanar a catunga de asa  
                   misturada com o doce  
 de calda de pêsego  
 enjoado

Da rede  
 vinha um rosnado  
                   um ronco tão alto  
 que a banda municipal podia tremer os  
   pratos  
 em despertar  
                   o corpo grande e pesado  
 que esticava as cordas  
 e roçava as franjas  
 no chão

Quando dei o primeiro  
 o segundo e terceiro  
   passo  
 esticando o pescoço  
 mais alto que os pratos  
 tremendo  
                   os trompetes gritando  
   e os tambores batendo

juntos  
 foi o barulho do helicóptero  
 sobrevoando  
 a cidade

Corri  
 disparado de volta  
     pra moita  
 Metido no meio das plantas  
   altas  
 rezei só com os lábios  
 juntando as técnicas de Vó Alma  
 e Dona Ramona  
     Fechei os olhos  
 pedindo que nenhuma cobra  
 estivesse escondida ali  
 no meio  
     pois desta vez  
 eu estava sem os dentes  
 le alho  
 Os quero-queros gritavam mais forte  
 Os passos  
 rranharam o chão de terra  
     na porta da cabana  
 Ouvi a garganta  
     raspar fundo  
 e puxar uma cusparada  
   barulhenta  
 pro lado  
  
 As pisadas fortes  
 aumentaram na minha direção  
     como se fosse um bote  
 certo  
 mas pararam  
 quietas



De volta pra casa

Vó Alma estava ajoelhada no canteiro  
onde Morena havia transplantado  
as margaridas murchas  
de Mãe Clara

No quarto

Pai Vitório estava ao lado da cama  
com aquela cara de espantinho  
quando dirigia pelas estradas  
na madrugada

Mas dessa vez

os olhos de farol alto  
no meio do rosto

stavam desmanchados  
em cima do macacãozinho  
zulo tamanho grande  
que ele tinha  
comprado

## Nota II

Logo no início da semana combinei de encontrar Arlene na cafeteria da universidade. Os fatos daquela história intrigante não haviam terminado com a morte do senhor indígena. Nas conversas seguintes que tive com Andreza, já de volta a Chapecó, ela disse que Tio Salvador havia retirado alguns pertences do senhor indígena da cabana antes do incêndio, prevendo que algo assim poderia acontecer. Dentre os objetos salvos havia um caderno. Aparentemente, o senhor indígena vinha tentando escrever a sua história. E diante daquela revelação, fazia todo sentido que a minha presença fosse esperada por ele. Menos por vias ocultas e mais por necessidade. Pedi uma sugestão a Arlene sobre o que fazer com os pertences que Tio Salvador pretendia me entregar. Ela sugeriu que os levasse ao Centro de memória do Oeste de Santa Catarina, localizado no piso superior da rodoviária onde ficavam os Kaingang. Era onde também a autora do livro da cidade, Domingas, havia feito suas pesquisas de arquivo. Além dos registros oficiais da historiografia regional, o CEOM mantinha um acervo dos povos indígenas de toda a região Oeste.

Continuei em contato constante com Andreza. Tio Salvador costumava ir para Chapecó de 5 em 15 dias para fazer as sessões de quimioterapia. Ela fazia questão de me avisar a próxima data para que eu pudesse pegar os objetos diretamente com ele. Tentei retomar as leituras na biblioteca da universidade, mas logo recebi uma mensagem de Êlo com uma grande novidade. Há minutos atrás, ela me dizia estar contando o caso do senhor indígena para sua irmã Marluce. Estavam, as duas, na recepção da fábrica de roupas de sua família, quando uma cliente que aguardava por um ajuste das costureiras, meteu-se na conversa. Dona Neiva, como era chamada, acabara de confirmar a elas que o senhor indígena de fato morava no bairro da Gruta, muito próximo a casa de uma conhecida. Segundo a moradora, que conhecia a história apenas de ouvido, era sua comadre, Dona Di, quem mantinha contato direto com o Índio. Ela costumava ajudá-lo com comida e algumas roupas, como outros vizinhos do bairro da Gruta. De repente, a história de Andreza havia ganhado novos elementos. Como se, novamente, os meus objetos de pesquisa recusassem a terminologia escolhida por mim. A narrativa desfiada por Andreza surgia agora com outros fios sendo puxados por narradores como ela. Dona Neiva assegurou a Êlo e a irmã que, de fato, se tratava de um índio autêntico, nas suas palavras. Tinha a pele morena, olhos puxados, cabelos negros e lisos que cobriam as costas até a cintura. Nas poucas vezes que

saía da cabana, andava vestido com uma pala de gaúcho enfeitada com detalhes étnicos nas mangas. Era verdade também, segundo ela, que nos últimos tempos ninguém mais o vira. Provavelmente estava deprimido com a morte da mulher e da filha. Por último, revelou que os vizinhos tinham medo dos rituais que ele fazia no escuro da cabana. O que justificava a atitude de Tio Salvador em salvar os pertences do senhor indígena, antes que alguém os eliminasse.



## 12.29 O rabo da onça

Demorou para que o escritor  
     notasse a presença de Alma ao lado da igreja  
 observando o grupo de bandeirantes  
 que trabalhava na praça

O engenheiro já havia anotado as medidas  
     do canteiro na sua prancheta  
 e os ajudantes faziam marcações pelo chão  
 no ponto central do terreno  
 Sobre o pedestal    reforçado

    seria erguida a estátua  
 de ferro fundido  
     do governador Konder  
 Os raios da manhã  
     que já tostavam as folhas das árvores  
 torturavam os olhos do escritor  
 sua língua rasteja em um deserto  
     e a cabeça martelava  
     a cada lembrança  
 das cervejas do Senhor Braun

Quando finalmente sentiu os olhos    distantes  
 fixados na sua pessoa  
     reconheceu a aparição  
 trajada de negro  
 ao lado da torre de madeira

Largou o grupo de lado  
 e foi apressado na direção de Alma  
 Antes mesmo de atravessar  
     a estradinha de cascalho  
 o escritor leu os olhos      carregados  
     e as mãos trêmulas da colona  
 que seguravam a barriga  
 como se o bebê pudesse deixá-la

Alma confirmou  
 o que o outro previu  
 e logo em seguida    desaguou

É Vitorino

Saiu no meio da noite  
 não apareceu em casa  
 até agora

Quando o chefe de polícia da caravana  
     vinha galopando pela picada  
 Alma agarrada na traseira  
 o escritor no cavalo ao lado  
 levantando poeira

Vitorino parecia ter acabado  
 de chegar pela trilha do riacho  
 A mulher olhava com assombro  
     aquele corpo de gigante    massacrado  
 Os trajes do baile  
 estavam cobertos de terra  
     os cabelos vermelhos      espantados  
 e os olhos perdidos  
 na cara imunda



## 12.92 O rabinho escondido

O oratório da Santinha  
 que sempre chegava  
     pra passar a semana  
 pelas mãos de Dona Norma  
     estava em cima da chapa fria  
 do fogão de ferro  
 mas desta vez  
     não havia nenhum vaso  
 de margarida      daqueles  
 que ela sempre trazia  
 quando Mãe Clara voltava  
 do hospital  
     com o moisés vazio  
 Pai Vitória  
 inha da cabana  
     com o Gegê no ombro  
 travessando o parreiral  
     como um cão  
 arejador

É onça

É onça

Aquela ave  
 gagá  
     repetia  
 de volta na gaiola  
     enquanto eu mastigava  
 as sementes do melão  
 com os olhos  
     escondidos

O palito de dentes  
                   passava de um canto  
 a outro dos lábios  
 de Pai Vitório

O silêncio de bicho traiçoeiro  
                   foi quebrado pelo rádio

III Nenhum acordo foi alcançado na reunião promovida pelo prefeito entre os representantes do governo estadual a Funai e os índios A missão de paz enviada pelo governador aterrissou no Estádio Municipal Folhas Verdes no dia de ontem e retorna hoje para a capital A expectativa era convencer os indígenas a trocarem a área conquistada na justiça por outra menor fora da cidade O vereador indígena Roberto Carlos que está à frente do movimento informa que o grupo não vai abrir mão das terras e que a demarcação será realizada de forma pacífica Roberto Carlos fez um novo apelo ao prefeito para que providencie novas terras para os moradores que serão desalojados

Em resposta o prefeito anunciou no caderno oficial a realização do desfile de comemoração do aniversário da cidade Interrompido na ocasião da invasão da praça central pelo grupo indígena III

Quando Pai Vitório ouviu  
                   o nome daquele índio  
 quebrou o palito em pedacinhos  
 com os dentes  
 Depois apoiou o cotovelo  
 na mesa e segurou a testa  
   com a mão  
 escondendo os olhos  
 de farol baixo  
                   desde que descobriu  
 que o bebê não era  
                   de verdade

Quando eu já estava quase  
na soleira da porta  
do quarto de Mãe Clara  
a voz encorpada  
chamando meu nome  
completo  
obrigou  
a dar meia  
volta

Pai Vitório me puxou  
pro joelho pontudo  
dele  
e começou a enrolar  
o meu rabinho  
le Rei Roberto com o dedo  
Igualzinho àquela noite  
no restaurante de espeto  
corrido  
onde paramos pra descansar  
da estrada longa  
pro Mato Grosso

Depois  
de preparar a minha cama  
na boleia  
Pai Vitório foi encontrar  
os caminhoneiros  
que armavam redes  
na carroceria  
e cozinhavam  
no fogareiro

Os faróis que corriam  
na rodovia  
    entravam na cabine  
junto com as risadas  
    espalhafatosas

Uns assobios  
de pássaros desconhecidos  
    correram pelo pátio do posto  
vazio

    Falas macias  
dissolveram a vozeirada  
em conversas moles  
    sussurros

    risos adoçados

Detrás da roda  
    da carroceria  
    vi as pernas compridas  
altos  
    montados e saia curtinha  
    Ela saiu apoiada no ombro  
do motorista nanico    de boina  
    equilibrando  
nas pedras do calçamento  
até o mato  
    nos fundos do pátio

De tão avantajada  
    a sombra dela    engolia  
o baixinho  
inteiro

Na roda de homens  
a voz de Pai Vitório  
    reinava com a piada batida  
do Rei Roberto

Além roubar o coração  
da mulher  
    que ouvia os discos do galã  
enquanto ele vivia nas curvas  
da estrada

    Um índio  
        com o nome do cantor  
tirou sua vaga de vereador  
iludindo os corações  
    dos eleitores

    ) motorista nanico  
        voltou cuspiendo juras  
le morte à rapariga  
        impostora  
que mijava em pé  
    no tronco  
        da árvore

Os caminhoneiros  
    largaram o fogareiro  
        a carne chiando  
e bandearam  
    pros fundos do pátio  
    como caçadores  
embalados por cães  
famintos

Um urro de onça  
 fingido veio do escuro  
 disparando gargalhadas  
 orangotangos hienas e porcos selvagens  
 aumentavam o coro  
 infernal que se alastrava  
 no mato riscado  
 pelos clarões  
 e buzinas  
 da rodovia

Um grito rouco  
 e desesperado  
 calou a baderna  
 por um  
 segundo  
 ((((((( ( ))))))))  
 depois afundou  
 nas sombras  
 da noite  
 rasgada em farrapos  
 Berros  
 Arrastos  
 Esperneios  
 ecoavam no posto deserto  
 com as luzes brancas  
 falhando

Os urros dos caçadores  
deram trégua  
quando o dono do espeto  
corrido  
gritou do restaurante  
ameaçando  
chamar a polícia

Durante o resto  
da noite  
um choro raivoso  
corria o pátio escuro  
pelos cantos  
O miado de onça  
penetrava pelas frestas  
da cabine

Pai Vitório  
abriu a porta antes do sol  
com a cara lavada  
A cantiga doce  
misturada com cigarro  
grudada nas calças  
sujas de terra  
e um pastel de carne moída  
embrulhado

Foi a última parada  
que fizemos até o final  
da viagem

Ele passou os dias  
 e as noite seguintes          colado  
 no volante  
         dando goladas na latinha  
 de coca  
 que nunca secava  
         baforando pela janela

Eu nunca esqueci  
         daqueles arranhões  
 abrindo a carne viva nos braços  
    peludos

Nem dos dedos  
 inchados  
 que enrolavam  
         enrolavam  
                 e continuaram  
 enrolando  
 o meu rabinho  
         com força  
                 enrolou  
                         até prender  
 um nó  
                         que puxou  
                                 pela raiz  
                                         arrastando  
 pelo terreiro até  
 a cabana  
         toda revirada  
 as enciclopédias  
 os soldadinhos  
 as sementes  
                         esparramados  
 pelo chão de terra

O tapetinho jogado  
no canto  
e o buraco aberto  
com a saia curta  
malhada de Morena  
e o uniforme sequestrado pelo  
Armeiro  
no corpo de Espingarda  
sujos da terra

## Nota 12

No meio da semana viajei até a cidade de Frederico Westphalen para uma visita ao CIMI. Frederico foi diretor da colonizadora que construiu a cidade de Iraí, logo ao lado. E diferente do Coronel Ernesto Bertaso, não emplacou o próprio nome apenas em um hotel, mas na sua cidade. Encontrei os dois missionários responsáveis pelas questões indígenas da organização. Mário e Ivan me receberam em uma salinha pequena, de paredes escuras e atulhada de caixas e arquivos. Conversamos sobre a situação atual dos Kaingang em Iraí, depois da longa trajetória de retomada das terras, concluída em 1992. Foram 10 anos de disputas judiciais contra o município, orientadas pela organização religiosa até conseguirem o direito das terras de origem. Pude olhar as três pastas de arquivos que continham registros do episódio da retomada. Na sua maioria eram recortes de notícias dos jornais regionais que se referiam ao grupo pelo nome da etnia, embora tivessem variações como Caigangues e Caigangs, e os identificava como invasores. Outros materiais, ainda, mostravam perspectivas contrárias àquelas veiculada pela imprensa. O laudo antropológico das terras que comprovara o caráter imemorial da área, as atas de reuniões com lideranças indígenas e políticas, cartas dos indígenas aos habitantes de Iraí e um material didático para a campanha de retomada das terras feito com a ajuda dos missionários. Este último, um folheto, contava a história do grupo.

Diferente de Caibi, foram eles, os Kaingang, que escolheram a nomenclatura que dá nome à cidade. Iraí, em tupi-guarani, significa “águas de mel”. Uma referência ao rio que cruza a cidade até desembocar no rio Uruguai, onde estavam as fonte de águas termais, frequentadas por eles desde 1898. Com a chegada da colonizadora, foram removidos do local para a construção da cidade. Na mesma lógica dos anteriores aldeamentos em que Vitorino Condá negociava indígenas com os governadores de províncias e fazendeiros para a redução da população indígena, a “limpeza étnica” era feita através da articulação entre as empresas colonizadoras e o antigo Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais – SPIILTN. Grupos indígenas eram confinados em áreas restritivas, as chamadas terras indígenas (TIs), liberando as terras para a criação de novos loteamentos e para a produção agrícola. Segundo a narrativa dos Kaingang, alguns de seus integrantes retornaram foragidos à região na década de 1920. Entre eles estava o Cacique Nonoai, que costumava fazer o uso medicinal da fonte de água termal antes de morrer no

local. Desde então, os Kaingang acompanharam as reformas urbanas e sanitárias promovidas por Vargas. Empurrados cada vez mais para as margens da cidade, viveram muito tempo do outro lado do rio, em uma faixa de terra com apenas 1 hectare. Era dali que vinham as crianças indígenas de quem minha mãe comprava artesanatos nas nossas idas ao balneário.

Enquanto eu tomava nota e fotografava os materiais, Mário e Ivan foram convocados a estarem presentes na aldeia de Iraí por conta de um achado arqueológico. Ofereci-me para ir junto, mas a aproximação com os indígenas não era tão simples para um pesquisador da área de Letras.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

**Tensão:** os 500 caingangues esperam reforços e pretendem iniciar a demarcação no domingo

## Índios caingangues ameaçam invadir área no centro da cidade

Um pedaço de terra com 275 hectares no centro da estação de águas de Iraí transformou-se ontem no palco de uma grande movimentação de 500 caingangues. A área, onde ficam as nascentes minerais que abastecem o balneário, é alvo há dez anos de uma disputa entre a Prefeitura Municipal e os índios. Cansados de esperar pela prometida demarcação, os caingangues tentaram invadir o terreno. A ideia começou a frustrar-se quando a Fundação Nacional do Índio convocou uma reunião de caciques em Passo Fundo para o mesmo momento.

A noite, dois ônibus com 100 índios chegaram de Tenente Portela, prontos a juntar-se à luta pela posse da terra. Hoje, são esperados reforços de Nonoi e Chapé. A ofensiva está prevista para domingo. O prefeito de Iraí, Pedrinho Osvaldo Vianna, informou já ter providenciado um

mandado de segurança para pedir a retirada dos indígenas. Trata-se do momento de mais aguda tensão registrado nessa cidade turística desde o começo da disputa.

Os contornos do confronto foram desenhados em maio, quando uma portaria do Ministério da Justiça reconheceu o direito dos índios à posse e autorizou a Funai a demarcar a área. O prefeito conseguiu em Brasília 15 dias de prazo para enviar documentos ao Ministério, provando a que a gleba pertencia ao poder público. No começo de junho, mensagem enviada por fax avisou à Prefeitura que a terra era mesmo dos índios. Começou, então, a interminável espera pela demarcação da área às margens do Rio do Mel, onde já vivem 250 caingangues.

Leia mais sobre a tentativa de invasão em Iraí na página 32

Figura 11 - Fotografia da manchete de jornal Índios caingangue ameaçam invadir área no centro da cidade

# Iraí, terra Kaingang!

## Resistência e luta pela demarcação!

Antigamente, antes dos brancos chegarem, os Kaingang ocupavam todo o alto Uruguai (nordeste do Rio Grande do Sul), oeste de Santa Catarina, quase todo o estado do Paraná e oeste de São Paulo.

Em 1917 a Comissão de Terras e Colonização de Palmeira das Missões - RS, chefiada pelo Sr. Frederico Westphalen, enviou para Iraí o Dr. Antonio Vilanova para administrar as águas termas (águas que nós, Kaingang, descobrimos). O outro interesse do Sr. Frederico era de trazer os colonos brancos para ocuparem as nossas terras.

Dr. Antonio mandou derrubar todas as matas ao redor das nascentes das águas e construir uma estrada que ligava as águas do Mel até Palmeira das Missões.

Com isso os colonizadores foram entrando e se apropriando cada vez mais das nossas terras, desmatando, construindo casas, vilas e cidades.

Mas nós permanecemos ao lado do rio do Mel, pescando e caçando. Porém, cada vez mais a caça e a pesca iam sumindo porque os brancos iam destruindo tudo.

Aos poucos fomos sendo cercados pelos invasores e cada vez mais o nosso território foi sendo reduzido.

Durante um bom tempo fomos usados pelo turismo de Iraí. Para nos expulsar daqui a Prefeitura criou em 1979 a Reserva Florestal Municipal na nossa terra.

Mas nós estivemos sempre firmes na luta pela demarcação da terra. O cacique Nonoai, no século passado, foi quem começou esta luta.

Os caciques GALVAO DE OLIVEIRA, ARISTIDES DA SILVA e AUGUSTO DA SILVA deram continuidade na luta pela demarcação da terra.

Mais recentemente, reforçando a luta pela terra, vêm os caciques ENES MINEIRO, AVELINO MINEIRO e JAIR SALES, conseguindo mobilizar a comunidade nessa reivindicação.

Fizemos várias viagens a Brasília e a Porto Alegre. Numa dessas viagens descobrimos que o processo de demarcação da terra de Iraí está engavetado nos ministérios do Interior e da Reforma Agrária. Descobrimos também que o ex-prefeito de Iraí, Uivaldo Pigato, e o deputado federal pelo Rio Grande do Sul, Osvaldo Bender, fizeram pressão política para que a área não fosse demarcada.

A FUNAI fez uma pesquisa para ver se nós tínhamos direito à terra ou não. Em 1985 ficou comprovado oficialmente, através de um laudo antropológico publicado pela FUNAI, que essa terra é indígena e pertence aos Kaingang.

A Constituição Federal (artigos 231 e 232 do capítulo 8 DOS INDIOS) diz que nós temos direito à terra tradicionalmente ocupada, para nossa sobrevivência física e cultural, ou seja, a quantidade de terra que necessitamos para viver conforme nossos costumes.

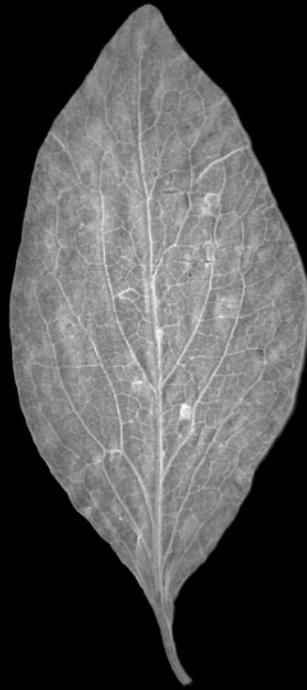
Hoje nós sobrevivemos em 74 famílias com 294 pessoas, morando em apenas um hectare de terra. Não temos infra-estrutura, estamos sujeitos a alagamento da aldeia pelas cheias que ocorrem a cada ano, danificando nossas casas. A vida de nossas crianças está sendo ameaçada, sendo que hoje 40% da população são crianças. Nossa saúde está seriamente comprometida. Nem podemos usar mais a água mineral que nós mesmos descobrimos. Nós sentimos extremamente empecuniosos e carentes da vida digna à que temos direito. Não temos terra para plantar e matar a fome de nossas crianças. Nossa fonte de renda é somente o artesanato. Para fazer o artesanato nós temos que buscar o material muito longe e para vender também temos que nos deslocar para outras cidades.

Por isso estamos intensificando a luta pela demarcação de nossa terra. Estamos buscando o seu apoio nesta luta.

JUNTE-SE A NÓS !!!

*Kaingang de Iraí*

Figura 12 - Fotografia do folheto dos Kaingang à população de Iraí



## 13.29 Ao jornal República

Aos leitores que nos acompanham  
 nesta aventureira viagem pelo sertão esquecido  
 peço desculpas em nome da caravana  
 do governador Adolpho Konder pelo sumiço  
 Na última missiva publicada neste periódico todos devem lembrar  
 estávamos ansiosos para adentrar nas florestas  
 Abandonamos as lanchas  
 batizadas de Konder O Primeiro  
 Segundo e Terceiro  
 para entrar na floresta bruta  
 onde não há trilhas nem caminhos dados  
 Salvo as marcas que ainda restam das picadas abertas  
 pelos índios que aqui viviam  
 do passado  
 Um desses gentios  
 prestou serviço memorável à pátria  
 Vitorino Condá arrebanhou centenas de índios bravos  
 para fazerem parte da nação  
 Nas noites em que nossos guias acendiam fogueiras  
 tive a chance de ouvir as lendas  
 sobre o herói selvagem  
 Areias um caboclo de alma verde  
 dessas terras  
 e exímio contador de causos  
 não poupou nossos corações

Revelou diante do fogo  
 enquanto a fumaça desenhava um imenso cocar      na escuridão  
 que os miados de onça  
 e a catinga característica do feroz animal  
     que rondavam a caravana desde o primeiro dia  
 eram sinais de Vitorino Condá

Demos graças  
 ao deixar o inferno verde  
     depois de 6 dias nele      internados  
 Chegamos na pequena colônia  
 dirigida pelo Senhor Leintz nas margens do rio Uruguai  
 Esses homens de bem e boa  
 vontade que trabalham como abelhas

criando o seu favo de ouro  
 receberam a todos os bandeirantes  
 e braços abertos  
 Tive a sorte de ser acolhido por um casal de colonos  
 recém chegados da colônia velha de italianos  
 do estado vizinho  
 aquecido com grossos cobertores de lã  
 na simpática residência  
     qual não foi o meu desespero      caros leitores  
 quando fui acordado no meio da noite  
     enquanto escrevia estas linhas  
 pelos mesmos miados  
 e idêntica catinga  
 que rondaram  
 o nosso  
 acampamento

Eis que minha sorte  
 ou destino alguns de vocês diriam  
 foi haver ganhado abrigo na casa  
 do mais bravo dos colono Senhor Vitorino Natal

Depois de dias acompanhando os rastros do perigoso bicho  
 que frequentava as terras da colônia  
 como se fossem de sua propriedade  
 Vitorino descobriu que o invasor  
 fez sua morada preferida  
 perto da fonte de águas milagrosas da colônia  
 ao lado de uma cabana desocupada

O sertão está infestado de manchas

como esta  
 choupana que abriga intrusos  
 para melhor  
 explorar as matarias

Reconhecido o inimigo  
 o colono que leva no nome a coragem  
 fez uma emboscada digna de ser registrada  
 nas páginas da história

No meio da noite levou seu cavalo até a cabana  
 e ficou em prontidão como um soldado treinado  
 No momento  
 em que o bárbaro animal  
 se atracou nas carnes da isca  
 Vitorino disparou um tiro certo  
 pelas costas da onça

À participação desse bravíssimo brasileiro  
 na construção de uma nação verde e civilizada  
 prestaremos nossa homenagem  
 na cerimônia de despedida da colônia

Na ocasião teremos outra ilustre presença  
que guardo o nome em segredo de estado  
para que vocês leitores  
não percam nenhum capítulo  
da obra de brasilidade mais empolgante  
desses últimos anos de  
República

## 13.92 Uma emboscada para os bandeirantes

Os ex-bandeirantes chegaram juntos  
                   no chafariz do parque      florestal  
 onde tínhamos combinado  
 Maico parou na entrada  
                   os braços cruzados  
                   os bigodes de groselha  
 enquanto Satriano apalpava  
 as calças como se tivesse  
 um saquinho de bolinhas  
                   de gude  
                   por baixo

                  Patrício era o único  
 onvencido cem por cento  
 le que aquela criatura  
                   solta pela cidade  
 .meaçava  
 .honra dos bandeirantes  
 Os outros dois paus  
 mandados  
                   só aceitaram  
 participar da emboscada  
 depois que eu  
                   JUREI  
                   na frente deles  
                   que Camarada Espingarda  
 não fazia mais parte  
 do grupo  
                   E registrei  
                   oficialmente  
 no caderno de couro

Carregamos nossas maletas  
 com pedras  
 na beira do riacho  
 e seguimos pela trilha  
 que eu inventava  
     de acordo  
 com as folhas

No alto  
 a revoada de rolinhas  
 tico-ticos e os quero-queros  
     escurecia o céu limpo  
 e castigava os ouvidos  
 com a a gritaria  
 loida

Patrício era filho  
 do maior dono de frota  
     de caminhões da cidade  
     e carregava a faixa  
 do Dom Pedro nos desfiles  
     mas ficava assustadiço  
 com qualquer grilo  
 saltando  
 detrás das folhas

Levei os três  
     até a moita alta  
 com vista pra cabana da onça  
 pintada  
 e pedi que carregassem as malhas  
 dos bodoque  
 com os pedregulhos

E apontassem  
 as armas  
 pelas minhas costas  
                     dando cobertura  
 enquanto eu avançava  
 no território  
 inimigo

Chequei a janela  
                     com sinal de positivo  
 e escorei nas taquaras  
 ao lado da abertura  
 da porta

Da moita

                    os olhos dos meninos  
                     stalavam entre as plantas  
 altas  
 Quando mudei o plano  
                     de atirar no inimigo  
 protegido pelos camaradas  
 na soleira da porta  
 uma nuvem de maritacas  
                     desprendeu dos galhos  
 da árvore ao lado  
                     e os gritos roucos  
 ecoaram pela mata  
 inteira

Os bandeirantes agitavam os braços  
de trás do esconderijo

    Patrício já tinha juntado  
as mãos implorando  
para terminar  
    a missão

Pedi silêncio  
    com o dedo nos lábios  
o peito estufado  
esticando o elástico do bodoque  
e dei o primeiro     passo

Camarada Espingarda  
    eria se impressionado  
    com a coragem que eu inventei  
na frente  
    los meninos bandeirantes  
Ao me verem  
    engolido  
    pelas sombras da cabana  
ateram em     retirada

Fiquei lá dentro  
    até os passos  
    disparados pelo mato  
desaparecerem

Nem imaginaram  
eles  
que uma onça jamais  
    daria as costas  
pra um bandeirante  
atirar

## Nota 13

Comecei a contactar algumas pessoas de Caibi por telefone, antes da etapa final, em que ouviria os caboclos sobre os primeiros tempos da cidade. Além da mãe de Eloísa, um vereador da cidade – ele próprio um caboclo – e o dono da rádio local me ajudariam a chegar aos entrevistados. Telefonei também para Domingas, a autora do livro de memórias da cidade, que fez algumas sugestões. Àquelas alturas, toda a cidade já estava sabendo que eu andava por lá. Antes de chegar em Caibi, Andreza me avisou que Tio Salvador iria ter que viajar para Florianópolis fazer uma cirurgia de emergência. A notícia me fez reviver as inúmeras cirurgias que minha mãe fez por conta do mesmo câncer maligno. Alguns dias antes da morte dela tive um sonho que logo tomei nota ao acordar. A imagem que restara, bastante fantasiosa, era a de um menino preso dentro de um poço vazio, enquanto uma onça estava do lado de fora, na superfície. Como é comum nos sonhos, o cenário era o quintal da minha casa de infância. No dia do velório dela, uma fila enorme se formou na porta da igreja. Pouco antes de carregar o alaúde em procissão até o cemitério, recebi uma mensagem de uma amiga que me presenteava com uma ilustração feita a partir daquele sonho. Diferente de como eu havia descrito, na versão de minha amiga Priscilla o menino e a onça apareciam lado a lado. E parte do corpo de criança estava sobreposto ao de bicho. Como em um estado de incorporação, como o transe místico que experimentei com a entidade espiritual. Mas também como um caboclo encantado, que se transforma em seres da natureza viabilizando-se a partir de uma radical experiência de alteridade. Os encantados como homem boto e a cobra grande vivem neles mesmos, diz o filósofo das macumbas. Vivem no elemento da natureza em que se encantaram e vivem no outro corpo em que, pelo transe, se manifestam.

A primeira vez que vi uma onça foi durante uma visita ao circo que havia armado a lona em um campo de futebol da cidade. Meu avô me pegou no colo para que eu ficasse da altura dela. A proximidade com aquele bicho tão fascinante e tão assustador me fez vomitar imediatamente. Esta lembrança já havia me ocorrido ao ler os trechos do diário de Gama D'Eça em que o escritor se sente amedrontado e intrigado pela onça que ronda o acampamento dos bandeirantes. Suas especulações mostram as diferentes visões que os homens brancos e os caboclos têm do animal. Enquanto o escritor e seus companheiros a veem como caça, os caboclos a tem como caçadora e dona das terras do sertão. Assim, esse

mecanismo em que minhas memórias eram constantemente ativadas pelas semelhanças com o tempo presente, apresentou-se como um modo de escrita em constante cruzamento com os personagens da história de fundação da cidade. Esta percepção também veio seguida de uma lembrança. Uma das brincadeiras que costumava fazer com meu pai, quando menino, era um jogo com palavras em que me apropriava de expressões que já existiam. Certa vez, transformei o dito “novo em folha” em uma espécie de título, ou autodenominação: “Luiz em folha”. O que, na minha cabeça, não se tratava de outra coisa senão folha de árvore. Como se a minha propriedade fosse ser novo como uma daquelas folhas verdes da cidade. E que surgem, no tempo do agora, como as folha de papel em que eu já começara a escrever esta história. Prefigurando o presente no tempo passado, da folha nova de menino para a coleção de folhas que vinha guardando – em meio às folhas brancas do caderno – ao longo da viagem.



Figura 13 - Fotografia da ilustração do menino-onça de Priscilla Menezes



## 14.29 O mapa da colônia

Senhor Leintz abriu as portas da sua casa  
na encosta verde do morro  
e levou o grupo de bandeirantes  
até o escritório  
O escritor andava mais atrás  
sentindo o cheiro de verniz e fumo de charuto  
espiando as pinturas a óleo  
aquarelas e águas-fortes emolduradas  
uma vitrola  
revistas ilustradas e livros  
Não poderia estar mais em paz  
com os ouvidos poupados  
das teses históricas de Boiteux  
do seu gravador de penas verdes  
com cara de papagaio  
Do gabinete do alemão  
a janela abria uma vista para a colônia inteira  
logo adiante se via o rio Uruguai  
onde as balsas dos caboclos surfavam  
nas corredeiras  
  
Com as pranchetas na mão  
trenas e lápis atrás da orelha  
o agrimensor e o engenheiro  
tinham o nariz colado no mapa  
pendurado na parede verde-oliva

O diretor tirava uma pilha  
de pastas do armário  
e colocava sobre a mesa  
No alto do móvel lustroso  
o escritor viu os vasos redondos  
de cerâmica enfileirados

E isso?

Os gomos da testa do alemão  
espremeram contra a boina

Ah isso

Os kolonos encontram muito

por aki

Esses aí quebraram

com o arado

brindo a terra

O escritor abandonou o batente da janela

acompanhou o diretor até o mapa

enquanto os dois matemáticos

omavam suas notas

Com uma régua

Senhor Leintz mostrou os lotes de terra

inúmeros retângulos vazios

que ainda precisam ser vendidos

para famílias de colonos

do outro lado do rio

Quem sabe agora

com toda essa propaganda

do koverno

a nossa kolônia

deslancha

Depois de alisar o cavanhaque  
 algumas vezes  
 o diretor colocou a ponta da régua  
 sobre um o único retângulo preenchido  
 na parte mais afastada da sede  
 e fez um zigue-zague no espaço  
 em branco do papel

Essa faixa de terra  
 também é da companhia  
 Mas a xente precisa  
 vender todos os lotes  
 antes de avançar

Ele pegou o lápis do engenheiro  
 e foi traçando uma linha  
 no limite do mapa  
 onde os marcos da fronteira  
 precisavam ser  
 colocados  
 E nesse ponto  
 onde fica a nossa fonte  
 de água especial  
 tem um espaço reservado  
 para o futuro balneário

O escritor que olhava  
 por cima das cabeças  
 dos bandeirantes  
 encarregados do serviço  
 brincou

Tomara que as onças  
    não venham beber água  
da piscina dos banhistas

O diretor respondeu sério  
    com uma ponta de zombaria  
nos lábios

Onça  
    até que não incomoda tanto  
O que vai dar mais trabalho  
    são esses índios  
das terra vizinhas

O antigo agrimensor  
    que Deus o tenha  
descobriu sozinho  
antes que o escritor perguntasse  
    Senhor Leintz levou os dedos  
para fora do mapa da colônia  
    e desenhou um círculo qualquer  
no meio da parede verde-oliva

Mas agora  
    eles ficam aqui  
fora das terras  
    da companhia

## 14.92 O último sonho de Vitorino

Os foguetes e os tiros do Armeiro

arderam até à noite

depois que o prefeito convocou

os moradores

para o desfile

Vó Alma esperou o avô voltar

da ronda no terreiro

conferindo os arames instalados

e serviu pra ele

uma caneca cheia

do chá de erva alta

que Morena tinha deixado

na chaleira

Depois das madrugadas

em claro

Avô lutou contra o calmante

até os olhos desabarem

o ronco de trator a correr

pela casa

O corpo grande e pesado

afundou como uma pedra

no fundo do rio

até que os pés

de fora do colchão

pisassem no mesmo chão

de tábuas

da casa cercada de mato

nos tempos

da colônia

Avô Ino levantou da cama  
de botinas calçadas  
e o botão da camisa  
apertando o pescoço

Acendeu o lampião  
e deitou a carabina no ombro  
pronto pra acompanhar o riacho  
que passava em frente ao lote  
de terra  
distante da sede

A lua tinha subido bem alto no céu  
redonda

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA  
Ao fechar a cancela  
no escuro gelado da noite  
olhou de volta para a casa  
coberta  
de sombras  
sentado num toco  
na varanda  
o pai de Alma  
vigiava seus passos  
Com o peito carimbado  
pelas patas do cavalo  
balançava a cabeça  
desapontado

O caminho até o olho  
d'água da enseada não era tão longo  
quanto este  
em que andava  
sem chegar

As botinas antigas  
 apertavam os pés inchados  
 pelos anos

As pernas  
 enguiçavam a cada  
 metro  
 lavado de suor

O pássaro guardião  
 não avisou aos bichos noturnos  
 que o outro  
 Bicho grande  
 de pele clara  
 e rosto sarapintado  
 estava entrando na floresta  
 com a cabeça quente  
 dos garrações de cerveja  
 do Senhor Braun

Da margem da enseada  
 descobriu uma chama  
 remulando  
 dentro da cabana  
 com porta e janela abertas

Encontrou a mesma moita  
 de plantas altas  
 e ficou observando  
 as sombras  
 que dançavam nas paredes  
 de taquaras

Uma voz cantarolava  
                                um canto familiar  
                        sem palavras  
conhecidas  
misturado com os estalos da fogueira

Vitorino levantou  
                        do esconderijo                num salto  
com o comichão  
no braço

Do meio moita  
                        uma serpente  
se afastava                escorregadia  
no mato escuro

Vitorino tonteou a vista  
as pernas bambearam  
o sangue  
                        ferendo com álcool  
  e veneno  
perdeu a coragem

Seus olhos  
cravaram na porta da cabana  
onde a criatura selvagem  
                        esparramava o corpo  
como se fosse dona  
daquelas terras  
                        De costas era igual um índio  
coberto com pele malhada  
                        atracada num pedaço de carne  
moqueada na brasa

Dentro da sua cabeça  
     o pensamento serpenteava  
 com as ordens duras do diretor  
     os longos silêncios de Alma  
 e as risadas  
 que o escritor conquistou  
     com palavras cuidadas  
 e passos de dançarino

O colono apontou  
 o cano da espingarda  
     tremendo  
     A respiração maior  
 que o peito  
 a mão perdida na medida  
 disparou um tiro                    certo  
 pelas costas  
 Carregar um corpo  
     daquele tamanho  
 por todo o caminho de volta  
 custou as costas                    encurtadas  
 o céu abrindo

Vitorino cavou um buraco  
     largo  
 nos fundos do terreiro  
     e cobriu de terra e sangue  
 o seu segredo

Na manhã seguinte  
debaixo do céu aberto  
foi Casimiro quem primeiro  
chegou no terreiro  
pitando fumo  
com um cacho de bananas  
do seu rancho de presente

Estranhou o poço seco  
com o tampo aberto  
Olhou no fundo  
da garganta de pedra  
toda cavoucada  
e avistou Avô Ino  
lentro do fosso  
coberto de terra  
sem batimento

## Nota 14

Comecei a fazer as entrevistas com os caboclos. Depois da primeira visita, em que fui apresentado pela mãe de Êlo à Dona Pedra, os moradores do bairro da Gruta apareceram em um fluxo vivo. De Dona Pedra para Margaria, de Margarida para Dona Nélcia, de Dona Nélcia para Seu Zózimo, de Seu Zózimo para Seu Ercílio, de Seu Ercílio para a Mulher-do-finado-Bem-te-vi, da Mulher-do-finado-Bem-te-vi para Dona Generosa, de Dona Generosa para Seu Nêne Bergamota, de Seu Nêne Bergamota para Seu Orides, de Seu Orides para Seu Amantino, de Seu Amantino para Seu Alivério, de Seu Alivério para Seu Adão, de Seu Adão para o Irmão-de-Seu-Adão, do Irmão-de-Seu-Adão para Seu Ari, de Seu Ari para Dona Maria, de Dona Maria para Seu Noé, de Seu Noé para Seu Dinarte. Transitei de uma casa a outra tomando chimarrão e ouvindo os causos dos primeiros tempos da cidade. Nas nossas conversas, todas registradas em áudio e depois transcritas, começava sempre perguntando pela cabana do senhor indígena. E se testemunharam a presença de onças e indígenas naquelas terras. Dentro das suas cozinhas, ao lado do fogão de lenha, meu sotaque nasalado se pronunciava. Grande parte deles vinha do município de Palmeira das Missões – ou Parmêra, como diziam – às margens do rio Uruguai, antes de aranjarem seus ranchos agregados às terras de colonos como meus avós. Viviam exatamente nas terras devolutas avistadas pela caravana de 1929, durante a sua passagem pelo sertão, registradas como “manchas humanas” nos documentos históricos. Agora, as falas de caboclos que eu acabava de transformar em documento, além dos testemunhos que comprovam a sua presença no início dos tempos da cidade, também estavam registrados os causos das sereias que afogavam os balseiros no rio Uruguai, das bruxas que sobrevoavam os parreirais em busca dos vinhos dos colonos, além de um perfeito mito de fundação, em que Caibi é o nome de um velho colono que havia caído de um penhasco e foi ajudado pelos caboclos.

De volta aos arquivos do caso Kaigang, pude organizar os pedaços da trajetória que levou o grupo indígena a cravar sua própria bandeira no meio da cidade de Iraí. Depois de 10 anos de disputa, a decisão do Ministério da Justiça concedeu o direito de demarcação e ocupação das terras originárias. A ocupação do aeroporto da cidade foi feita depois de inúmeras tentativas frustradas de negociação entre o prefeito e a FUNAI. Diante da resistência da prefeitura e dos órgãos competentes em cumprir a resolução federal, os

Kaingang tomaram a dianteira no processo de oficializar os limites do território recuperado. Ao fincarem os marcos para delimitar as terras, utilizando um gesto comum aos conquistadores mais antigos da história universal, é como se os Kaingang tivessem realizado o golpe astucioso dos caboclos encantados. A um só tempo relativizam as hierarquias impostas pelo legado colonial e desmontavam a ideia de origem impingida contra o seu povo. Já que fincar novos marcos corresponde a renunciar àqueles delimitados pela caravana de 1929. Os quais definem, no limite, o início da historiografia regional.



Figura 14 - Fotografia de manchete de jornal Índios começam a demarcar terras

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA



Figura 15 - Fotografia de manchete de jornal Índios fincam o primeiro marco

Área Indígena de Iraí, 12 de agosto de 1992

Caros Senhores!

A Comunidade Indígena Kaingang, localizada às margens do rio Mel, através desta, vem esclarecer a Vossas Senhorias que a Área Indígena de Iraí ficou caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena, nos termos do artigo 231 da Constituição Federal e do artigo 17 da Lei 6001/73 e conforme a determinação da Portaria nr. 00247 de 21 de maio de 1992, assinada pelo Ministro da Justiça Célio Borja e publicada no Diário Oficial da União em 29 de maio de 1992.

2. Outrossim informa-lhe que a medida cautelar da Prefeitura Municipal de Iraí não tem validade, pois é posterior à assinatura da referida portaria. Se o Juiz Federal for manter o "Status quo" deverá ser em favor dos índios pois não existe outro ato que revogue a medida tomada pelo sr. Ministro da Justiça.

3. Considera o item III da resolução da Portaria nr. 00247 do Ministério da Justiça, a comunidade local apoiada por diversas áreas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, resolve fazer a autodemarcação a partir deste dia, e reitera aos Senhores que a Comunidade Indígena pacificamente realizará este ato e ainda coloca-se a sua disposição para apoiar, quando Vossas Senhorias procurarem o Órgão competente para fazer a desocupação da referida área.

Atenciosamente

Comunidade Indígena de Iraí

Figura 16 - Fotografia do comunicado dos Kaingang ao município



## 15.29 Folhas verdes

A rajada de tiros chegou aos ouvidos de toda a colônia  
avisando que o barco do governador vizinho  
finalmente havia atracado na barranca do rio Uruguai

As famílias de colonos se posicionaram

novamente na praça

com as roupas passadas de domingo

Diante delas

a caravana dos bandeirantes

tinha os semblantes restaurados

e reluzia como estatuetas polidas

De costas para o pedestal vazio

sobre um pequeno tablado

Os dois governadores aguardavam o microfone

ser oferecido pelo diretor sérios e firmes

como futuras esculturas

O funcionário da companhia

correu o badalo do sino da igreja outra vez

((((( )))

O foguetório queimou no céu limpo

e os colonos entoaram o hino nacional

em posição de sentido

conduzidos pela pequena orquestra local

Durante o coro vigoroso e disciplinado

desta vez

o fotógrafo da comitiva explodiu o flash

capturando as famílias colonas de boca aberta

e as bandeiras que balançavam ao vento gelado

congeladas eternamente

Ao final do último verso  
 com pátria amada e um Brasil esticando  
     os agudos prestes a rebentar  
 os heróis do sertão foram inundados  
 com uma saraivada de palmas

Vitorino olhava de longe para o escritor  
     com o queixo projetado para o horizonte  
 e a mulher abraçada no seu traje limpo

Depois do capelão agradecer pelo telhado da igreja  
 com uma missa  
     os chapéus as carabinas e os cavalos benzidos

O diretor estendeu o microfone

para o governador do estado vizinho

Apesar da metade da estatura do governador-bandeirante  
     e da voz de taquara rachada  
 aquele homem atarracado e cabeçudo  
 chamado Getúlio Vargas  
     crescia aos olhos de todos  
 inflava o peito dos colonos desiludidos  
 com as palavras bem ditas que saíam de sua boca

Antes que o governador Konder  
 pudesse tirar o seu discurso do bolso  
 o conselheiro Boiteux  
 apontou com discrição  
 para o grupo de índios coroados  
     se aproximando da praça

Senhor Leintz avisou o funcionário ao lado  
                   que alertou os demais como rastilho de pólvora  
 Vitorino reconhecia pelo ar a catinga  
 de bicho  
 e espreitava de longe          o olhar frenético do escritor  
 em direção aos nativos sujos de terra  
                   roupas esfarrapadas e  
 cortes de cabelo franciscano

Ao avanço dos funcionários da companhia  
                   armados com espingardas e pistolas  
                           as famílias de colonos pegando os filhos no colo  
 Vargas deixou o segurança de lado  
 e foi até o grupo rendido

Puxou Senhor Leintz em um canto  
                   gesticulando palavras          furiosas  
                           até retornar endireitando o terno

Todos olhavam para aquele impávido pinguim  
                   caminhando com passos de colosso  
 até os índios cercados  
                           As famílias de colonos há metros de distância

Fincou os óculos redondos no rosto  
 e os funcionários viraram as armas para o chão  
                   diante da mímica apaziguadora  
 Vargas se colocou em frente ao chefe  
                   com o cocar maior de todos  
 e estendeu o braço  
 em saudação

Aceitou o ramo de folhas  
 que todos eles traziam nas mãos  
                   com muitas reverências  
 e fez um gesto para que os funcionários  
 se aproximassem de volta

Ao invés das armas  
     traziam ferramentas da companhia  
 enxadas foices e machados  
 que foram  
     depositados nos braços dos nativos

Vargas cobriu o gesto com palavras      solenes  
 ecoando pela caixa de som  
 e convidou os novos trabalhadores da pátria  
 a acompanharem o resto da celebração

Além de registrar a cena  
 em que o conselheiro do governador Konder      sem o papagaio no ombro  
 pregou o brasão no peito de Vitorino  
     e a surpresa do casal de colonos  
 o ser presenteado com um cavalo da caravana  
 o fotógrafo  
 também foi ligeiro  
 o capturar o momento em que o notável Vargas  
     vestindo o fraque com gravata borboleta      característico  
 pegou o ramo de folhas na mão  
 estendeu ao alto  
     para sempre

## 15.92 A última migalha

Já era a segunda vez  
 que Morena enchia a pazinha  
       com os pedaços que descolavam  
 de Vó Alma  
 e despejava no pote  
                                       da despensa

Desde que sentou na cadeira  
 ao lado do fogão de ferro  
       olhando pra a cabeceira da mesa  
 de canela velha

      azia  
       vó repetia uma única palavra  
 com seu corpinho  
 minúsculo               nadando  
 no vestido preto

Triste-vida  
 ela começou falando baixo  
 só com os lábios

      Os passarinhos do terreiro  
 continuavam

      bem-te-vi

Triste-vida a vó respondia

bem-te-vi

      triste-vida

bem-te-vi

      triste-vida

O telefone tocava sem parar  
                   e Morena trazia os recados  
 dos parentes  
 dos filhos distantes  
 a até do prefeito  
 que apesar de lembrar de Vó Alma  
 quis falar mesmo  
 com Pai Vitório  
                   antes do velório  
 no seu gabinete

bem-te-vi

triste-vida

bem-te-vi

triste-vida

triste-vida

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

|| Foi confirmada a chegada dos 2 ônibus na cidade durante a madrugada com cerca de 150 índios. Todos eles vivem em reservas de cidades vizinhas e irão acompanhar o movimento de demarcação das terras. A prefeitura espera mais reforços deste tipo até a parte da tarde quando a ofensiva do grupo será realizada. O momento é considerado o mais tenso da disputa da área. |||

Morena ouvia o plantão de canto  
 de orelha  
                   retirando o café da mesa  
 Quando percebeu que tinha  
                   colocado o prato e a caneca de plástico  
 gasto na cabeceira  
 seus olhos rasgados  
                   correram rios  
 revoltosos



Pequena  
do tamanho de uma única  
migalha  
Vó Alma espiou  
as nádegas volumosas  
as dobras novas  
que colavam na blusa  
e os braços roliços  
metidos dentro  
do pote

Que vergonha  
Marilene Vitória das Neves  
se aproveitando  
da gente  
uma hora  
dessas

Morena nunca tinha ouvido  
o próprio nome  
aindo pela boca  
da patroa  
completo

Antes de sair pela porta  
pra nunca mais voltar  
ela deixou os potes cheios  
com todos os pedaços de Vó Alma  
na cabeceira  
da mesa de canela  
velha  
sem as tampas

## Nota 15

Ao final do último dia de entrevistas, fazia uma varredura pelo Bairro da Gruta com a ajuda de Êlo. Seria nossa tentativa final de encontrar a cabana do senhor indígena. Percorremos todas as ruas e fomos parar em frente ao jardim da casa amarela, caminho que costumávamos fazer juntos. Sondamos a moradora da casa vizinha sobre um indígena, rituais suspeitos e um incêndio. Embora não tivesse visto nada daquilo, ela conhecia Seu Salvador. Seguindo as instruções, paramos na porta de uma casa que passei em frente diversas vezes durante as visitas aos caboclos. Um casal estava na varanda. Perguntei por Salvador e ele confirmou com a cabeça. Tio Salvador tinha um aspecto abatido por conta da doença, parecido ao de minha mãe. Na medida em que lhe falava sobre o senhor indígena, a cabana, o caderno, sua expressão ficava mais espantada. De tudo aquilo, a única coisa que podia dizer que era verdade, era a existência de Andreza. De fato a conhecia, mas não tinham quase nenhum contato. Andreza era casada com o seu sobrinho pouco sabia da vida dela. Muito menos que era chamado, com tanta intimidade, de Tio Salvador.

Por mais que o final da história do senhor indígena, escolhido por Andreza, lembrasse a morte do narrador – de uma sala asséptica de UTI diretamente para a cova, era inegável que a minha narradora possuía a mesma autoridade daqueles que têm algo a dizer no meio de morte. E ao que parecia, solicitava a mim que desse continuidade à narrativa através do caderno imaginário do senhor indígena com que me seduzia dia após dia. Além de me sugerir, indiretamente – ou por vias ocultas – que eu levasse as transcrições das entrevistas que fiz com os caboclos para o museu da cidade. Através do paralelo que se cumpria, agora, com a entrega do caderno do senhor indígena ao arquivo regional de Chapecó, que eu esperava tanto fazer.

No último final de semana antes de voltar para o Rio de Janeiro, passei por Chapecó para a festa na casa Ilé Asè Aféfé t'Oyá. O terreiro ficava em um bairro afastado do centro, onde só se chegava de carro. Quando cheguei, a gira já havia começado e a casa estava cheia. Luiz Carlos estava todo vestido de branco e tinha os cabelos enrolados em um enorme turbante. Além de desempenhar a função de ekedi, tomando conta dos médiuns do terreiro, era namorado do dirigente da casa. Diego, um rapaz surpreendentemente jovem, se apresentou a todos com o nome da entidade que regia a casa, o Caboclo Pena Dourada. Ao final da noite, conversamos sobre a intrigante história da casa de encantaria. Filho de pais umbandistas, Diego se tornou médium muito cedo. No seu trabalho com as entidades espirituais, recebeu a instrução de uma delas para fundar uma casa de encantaria. Surpreso com a demanda do seu santo, como dizia, pediu aconselhamento ao dirigente da casa a que pertencia. Depois de algumas consultas, descobriu que a entidade espiritual que o acompanhava era um caboclo encantado – e não uma entidade espiritual da umbanda. Foi ele que recebeu todas as diretrizes para fundar uma casa de encantaria em plena Chapecó. Sem nunca ter ido a uma canjira de encantados do Maranhão, Diego conduzia o culto da encantaria no Oeste de Santa Catarina dentro de toda a ritualística da religião. A prática do terreiro, que também já estava presente neste trabalho como busca de expansão da leitura da história de fundação da cidade para dimensões imateriais através de outras lógicas de pensamento, aparecia materializada na fundação da casa Ilé Asè Aféfé t'Oyá. Esta reinvenção de outro tempo/espço, transcendente às dimensões físicas, que o terreiro também é capaz, apresentava-se como a própria operação de reinvenção da geografia da cidade – aproximando Caibi e Iraí. Além disso, a aliança entre Diego e o caboclo encantado também sugeria que elos e cruzamentos com outras ontologias possibilitam reinventar as histórias que vem junto com o nosso nome. Ao invés de renunciar à história dos antepassados, então era possível reinventá-la a partir de outras ancestralidades.





## O desfile

A fila de moradores fazia zigue-zague  
da porta de entrada  
da casa mortuária  
até a esquina

A migalha pequena de Vó Alma  
ganhou uma cadeira  
com almofadas  
na cabeceira do  
alaúde

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712259/CA

Pai Vitório e os tios  
 que vieram da capital  
 ficavam de pé  
 engravatados  
 apertando as mãos  
 que apalpavam o rosto  
 seco de canela  
 melha do avô  
 e salpicavam água no corpo  
 duro  
 molhando o ramo de folhas  
 no copinho  
 Mas nem com toda água  
 das lágrimas Avô Ino amoleceu

O prefeito de óculos escuros  
 chamou Pai Vitório ao lado  
 do púlpito  
 as coroas de flores com faixas ao fundo  
 e fez um discurso  
 com aquelas subidas  
 e paradas na voz  
 que Pai Vitório treinava  
 na frente do espelho

Nunca antes o nome de Avô Ino  
 tinha sido tão bem  
 dito

pra tanta gente

A única maneira

le pagar o trabalho do avô

na mesma moeda

O prefeito disse

com a mão no ombro

le Pai Vitório

na batizando a rua

le casa

de Vitorino

O carro alegórico saiu

do lado do cemitério

com os moradores vestindo trajes

pretos

até a rua do Progresso

Na carroceria  
 os bandeirantes continuavam  
 com as mesmas  
 botas  
 chapéus  
 e carabinas  
     deitadas no ombro

A rainha de folhas verdes  
     com vestido brilhante  
 e penteado armado  
     segurava a bandeira com as  
 luvas compridas

Nós  
     as crianças  
 também tivemos que repetir  
 os uniformes  
     Camarada Espingarda  
 estava na fila do Dom Pedro  
                             O Segundo  
 com os mesmos olhos vermelhos  
     olhando pros cadarços da sapatilha  
 verde  
 e a saia que  
     detestava

O prefeito passou a pistola  
     pra Pai Vitório apertar  
 o gatilho

A banda municipal  
 tremeu os pratos  
 os trompetes gritaram e os tambores  
 vibraram

((((( ( ))) ))))

por baixo da terra  
 fazendo os joelhos  
 dobrarem automáticos

O carro alegórico avançou  
 balançando faixas e palmeiras  
 como se um ímã poderoso  
 atrainhasse os pneus

O foguetório espantava os pássaros  
 nas as pisadas fortes  
 estalando no asfalto  
 ao mesmo tempo  
 azeitavam a pequena Folhas Verdes  
 a parecer uma  
 nação

No canteiro central da praça  
 nenhum índio à vista pelo gramado  
 as barracas de lona preta  
 fechadas

O carro dobrou  
na esquina e entrou pela calçada  
coberta de flores até o coreto  
Com vista  
distante pra estátua de Getúlio Vargas  
as caixas de som do caminhão  
soltaram o hino nacional

Do prefeito  
aos colonos antigos  
e os seus filhos  
fantasiados de bandeirantes  
até os caboclos metidos  
no meio da multidão

Todos cantarolavam  
le peito estufado  
quando os índios saíram  
de dentro das barracas  
em número multiplicado

m direção  
os moradores

Como uma onda  
gigantesca

das águas barrentas do rio Uruguai  
os índios avançaram pela multidão  
gritos estalos e pisadas  
tomando o carro  
alegórico

Em um instante  
o caminhão ficou depenado  
faixas e palmeiras abaixo

Os bandeirantes estirados  
no tablado de madeira  
sem as suas carabinas  
Alguns sem  
chapéu

O grupo de índios  
maior que a multidão  
da pequena cidade  
seguiu com as carabinas deitadas  
no ombro

Alguns de chapéu

pisando forte  
(((((( ))))))

pisando fraco

pisando forte  
(((((( ))))))

pisando fraco

A bandeira da rainha  
empunhada por uma das mãos  
morenas no início da fila  
tremulava  
pelas ruas do centro  
até o bairro de  
baixo  
as viaturas de polícia sempre ao lado  
alguns moradores seguindo de longe

Quando a grande cobra  
 indiana chegou no parque florestal  
 um deles sacou o mapa das terras  
 como se fosse um agrimensor

Seguido por um grupo menor  
 com enxadas e taquaras na mão  
 dava passos largos  
 parando a cada metro  
 o dedo indicando o ponto exato  
 onde eram  
 fincados os marcos  
 da nova fronteira

O líder de todos  
 estindo a mesma pele de onça  
 os ombros  
 quase arrastando no chão  
 não fosse o rabo  
 cortado  
 pela metade  
 recebeu o cabo da bandeira  
 cravou no chão  
 da antiga terra  
 onde as folhas eram diferentes  
 das árvores plantadas  
 nos canteiros  
 da praça

A nuvem verde de maritacas  
passou riscando o céu  
com a gritaria doida  
que logo desapareceu  
dos ouvidos de todos  
mas que ficaria bem guardada  
no meio das folhas  
do meu caderno de couro

## Nota Final

Com a chegada da pandemia, meus planos de voltar para Iraí e entrevistar o grupo indígena Kaingang foram descartados. Depois de meses de isolamento, fui passar duas semanas em uma cabana na região serrana do Rio, na estrada de Macaé de Cima. A proprietária, Sandra, era uma cabocla vinda do Maranhão e que recentemente havia conseguido comprar um lote de terras no Sítio Terra Clara. Aqui, levantara uma cabana de pau-a-pique com uma cozinha de chão batido, onde vinha tomar chimarrão e contar causos – enquanto meu sotaque nasalado voltava. Este hábito, que recuperei depois da viagem, ela também mantinha pelos anos que passara no Rio Grande do Sul. Sandra era fardada no Santo Daime, como é chamada esta expressão religiosa, surgida na região amazônica, que faz uso do ayahuasca. A igreja que ela costumava frequentar, ao lado do sítio, faz um cruzamento entre a doutrina do Norte e a umbanda carioca, em um culto chamado umbandaime. Esta reinvenção característica da prática de terreiro, em que os diferentes mundos se uniram em uma nova prática - combinando ritualísticas, hierarquias e egrégoras - foi instruída pela entidade espiritual do Caboclo Tupinambá. Para quem Sandra vivia cantando no meio do seu reinado, como costuma se referir à plantação de rainhas que espalhou pelas suas terras. Estas plantas, cujas folhas são usadas na feitura do chá da ayahuasca, são consideradas a porção feminina da bebida enteógena. Sempre combinada com o cipó-mariri, parte masculina da alquimia. Ao final da segunda semana, antes de voltar para o Rio de Janeiro, Sandra ofereceu a sua própria casa para alugar. Estas últimas linhas que escrevo repetem não apenas o deslocamento idêntico ao dos sonhos, que permeou a experiência da viagem e retorna em uma tentativa de narrá-la. Em setembro do ano passado, me mudei para o sítio. A antiga casa de Sandra é tomada por trepadeiras e cercada de uma floresta tão densa quanto o sertão verde que rodeava as colônias do Oeste catarinense. A região pertence ao distrito de Nova Friburgo e, na primeira visita à cidade, fundada por imigrantes suíços, vislumbrei a expansão dos limites da leitura que vinha fazendo sobre a história de fundação. Em constante transe, a escrita do Baile da onça acabava de cruzar os pontos entre a cidade ficcional do romance, as ruas de nomes suíços que circundam a praça central e a estátua de Getúlio Vargas. Estas últimas linhas que escrevo também são as primeiras deste caderno de notas. No mesmo dia 1º de abril, há dois anos, eu começava uma missão de estudos em busca dos caboclos da minha terra natal, ao mesmo tempo em que era, por eles, levado. E do mesmo modo que meu corpo dançou e foi

dançado na roda do bailado, prefigurando a prática desta escrita e a forma aberta desta narrativa que abre buracos e se espalha pelo território de fundação da cidade – assim, também, concludo. Fechando e abrindo este trabalho, exatamente como são os dizeres que costumam encerrar os rituais da Arca da Montanha Azul – este trabalho está fechado e aberto para sempre.



## 5 Referências bibliográficas

AIRA, César. Um acontecimento na vida do pintor-viajante. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de. A princesa: a história do travesti brasileiro na Europa escrita por um dos líderes da Brigada Vermelha. Trad. Elisa Byington. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ANDRADE, Drummond. Menino antigo - Boitempo II. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

ARANHA, Graça. Canaã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ANDERSON. Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.

ANDRADE, Mário de Andrade. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. 33ª Ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2004.

\_\_\_\_\_. O turista aprendiz. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ALENCAR, José De. *Iracema*: lenda do Ceará. São Paulo: Klick Editora, s/d.

\_\_\_\_\_. O Guarani. São Paulo: Klick Editora, s/d.

\_\_\_\_\_. Ubirajara. 1ª Ed. São Paulo: Grua, 2015.

BÂ, Amadou Hampâté. Amkoullel, o menino fula. Trad. Xina Smith e Vasconcellos. 3ª Ed. São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 192p.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 108-113.

\_\_\_\_\_. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36-49.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando a minha biblioteca. In: Obras escolhidas II. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 2000. p.227-235.

\_\_\_\_\_. Mendigos e prostitutas. In: Obras escolhidas II. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 2000. p.125-127.

\_\_\_\_\_. Prefácio - Walter Benjamin ou a história aberta. Jeanne Marie Gagnebin. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-20.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

\_\_\_\_\_. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BOPP, Raul. Poesia Completa. Org. Augusto Massi. 2 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CEOM. *A viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras*. Contém fac-similar de O Oeste catarinense / Arthur Ferreira da Costa e o Oeste catarinense / José Arthur Boiteux. Chapecó: Argos, 2005. 207p.

\_\_\_\_\_. *A voz de Chapecó: artigos de Antonio Selistre de Campos – 1939 a 1952*. Chapecó: Argos, 2004. 259p.

CALLADO, Antônio. Quarup. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

CARBONERA, Mirian. SCHMITZ, Pedro Ignacio (Orgs.). *Antes do oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas*. Chapecó: Argos, 2011. 364p.

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2017.160p.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. Trad. Theo Santiago. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Trad. Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

COELHO, Alexandra Lucas. *Deus-dará: sete dias na vida de São Sebastião do Rio de Janeiro, ou o apocalipse segundo Lucas, Judite, Zaca, Tristão, Inês, Gabriel & Noé*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

COETZEE, J.M. *À espera dos bárbaros*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Elizabeth Costello: oito palestras. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Devir intenso, devir-animal, devir-imperceptível*. In: \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dará, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mal de Arquivo: Uma impressão Freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história de arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vero Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DO RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. Org. Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

EIDT, Paulino. *Os sinos se dobram por Alfredo*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2016. 376p.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

- FERRAZ, Marina Cristina Franco. Graça, corpo e consciência. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 674-684. Set./Dez. 2011.
- FIGUEIREDO, Isabela. Caderno de memórias coloniais. São Paulo: Todavia, 2018.
- FISCHER, Martin. *Iraí: Cidade Saúde – Trechos característicos de sua história*. Ijuí: Livraria e tipografia Progresso, 1954.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. Estratégias de poder-saber. Ditos e escritos. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Trad. Edilene Toledo, Luigi Biondi. Campinas: UNICAMP, 2006.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e nação no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LAS CASAS, Frei Bartolomé de. Paraíso destruído. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1984.
- MARQUETTI, Délcio. *Bandidos, forasteiros e intrusos: história do crime no oeste catarinense na primeira metade do século XX*. Chapecó: Argos, 2008.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epidêmica: a opção descolonizar e o significado de identidade em política. Revista Gragoatá, n. 22, p. 11-41, 1º Sem. 2007. Trad. Ângela Lopes Neto.
- MISHIMA, Yukio. Confissões de uma máscara. São Paulo: Círculo do livro, s/d.
- MONTAIGNE, Michel de. Os ensaios: uma seleção. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- MUSSA, Alberto. Meu destino é ser onça. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- NACKE, Aneliese...[et al.] *Os Kaingang no oeste catarinense: tradição e atualidade*. Chapecó: Argos, 2007. 158p.

NANCY, Jean-Luc. *Corpo, fora*. Trad. Marcia Sá Cavalcane Schuback. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

NARBY, Jeremy. *A serpente cósmica: o DNA e as origens do saber*. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OZ, Amós. *Pantera no porão*. Trad. Milton Lando e Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste catarinense*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006. 250p.

RIBEIRO, Darcy. Maíra. São Paulo: Círculo do Livro S.A, s/d.

ROSA, João Guimarães. *Meu tio o Iauaretê*. In: *Estas estórias*. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SÁ, Lúcia. *Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu?* In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 221-240p.

\_\_\_\_\_. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SCOTT, Paulo. *Habitante irreal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SCHOØLLHAMMER, Karl Erik. *O olhar antropológico e o fim ou O fim do exótico*. In: *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 174.

SIMAS, Luiz Antonio. *Caboclo: supravivente e antinomia da civilidade*. In: *A ciência encantada das macumbas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. 124 p.

SIMON, Mário. *Os sete povos das missões: trágica experiência*. 3 Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Trad. Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 488p.

STIGGER, Veronica. *Opisanie Swiata*. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado*. 4ª ed. Chapecó: Argos, 2016. 256p.

Vianna, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. Editora UFRJ, 1995.

VICENZI, Renilda. *Mito e história na colonização do Oeste catarinense*. Chapecó: Argos, 2008. 162p.

VILAÇA, Aparecida. *Paletó e eu: memórias de meu pai indígena*. São Paulo: Todavia, 2018.

WERLANG, Alceu Antonio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó: Argos, 2006. 149p.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

PRANDI, Reginaldo. Caboclos e pretos-velhos da Umbanda. In: *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_. Entre caboclos e encantados: mudanças recentes em cultos de caboclo na perspectiva de um chefe de terreiro. In: *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

RENAN, Ernest. *O que é uma nação?* In: *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro: Caderno da Pós Letras. n. 19. UERJ, 1997.

RIZZI, Dominga Ana. *Caibi: histórias e memórias*. Caibi: Prefeitura Municipal de Caibi, 2012.

RODRIGUES, João Barbosa. *Mbaé Kaá: o que tem na mata: Tapuiyeta Enoyndaaua: a botânica nomenclatura indígena*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia da Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STEPAN NL. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na américa latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

### **Páginas consultadas na internet**

Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v29n2/v29n2a03.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<https://www.caibi.sc.gov.br>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=CoxjVFfvI7g&list=RDCoxjVFfvI7g&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=CoxjVFfvI7g&list=RDCoxjVFfvI7g&start_radio=1)> Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188899/Tratado%20da%20terra%20do%20Brasil.pdf?sequence=1>> Acesso em: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242428>> Acesso: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<https://cimi.org.br>> Acesso: 17 mar. 2021.

Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>> Acesso: 17 mar. 2021.

Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/20137096?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/20137096?seq=1#page_scan_tab_contents)> Acesso: 17 mar. 2021.

## 6 Anexos

Transcrições de trechos das entrevistas com os caboclos da cidade.

### [Entrevistado: Orides Ramon]

E fiquêmo ali e fui um pioneiro aí e sempre fiquei e tô aí até hoje, né? Que isso aí era tudo mato. Isso era sertão de mato. De noite tinha... botava feixe de lenha [inaudível], porque tinha onça naquele tempo. Ah vimo, só nunca matêmo. Mas eu conheço onça andando. Naquele tempo facilitava, andava, baixou aquela serração... ah! Cuidado que o bicho... Só tinha que cuidar. Naquele tempo lá, cachorro a gente sempre tinha, até 10. O bicho era... pra cuidá, né? O negócio não era fácil. Mas a gente, depois foi limpando, fazendo um devasso pra cá e pra lá, foi ficando grande. Má árvore não se derrubava, só roçava por baixo. Naquele tempo lá ninguém derrubava o mato assim, cuidava... E se criêmo ali, né? Tinha aquele bugio branco, que muitos nem conhecem, né? Aquele avançava, daí tinha que cuidar as irmã quando iam lavá no Pindó lavá a roupa, tinha que ficar lá cuidando. Porque ele vem de pé, assim, o branco... aquele, o bugio branco, conheço até aquele. Agora, aquele amarelo a gente matava pra comer assado. Assava e comia. Ô, mais deuzulivre hôme, aquilo lá era paca, era viado, era tatu, era cotia... Era o que vinha sempre tinha... Tinha aquilo que te estorvava, né? Tu saía sem cachorro ali tu já via um lá já... ia pega uma carne nova lá e pá! Já... era à vontade hôme. Peixe, peixe Dirlei... abria aquelas vereda de sol assim que pegava na água tu ia com a espingarda achava aquelas trairona dormindo, assim, chegava... pãm! Já tinha uma pra... Nós vivia só da... nós não sabia o que era comer carne de porco e de gado. Era só de caça. Se criêmo, se criêmo! Má também não tinha uma doença, não tinha nada! Cara ficava... Nós fiquêmo ali que nem cerno.

### [Entrevistado: Adão Cardozo e Hercílio Cardozo]

[Hercílio: Carcula os que entraram primeiro por aí, era Sertão.] Sertania, sertania. Sertão. Era um sertão. Eu não sei, hôme, pra ir ali no Iraí, passar pra lá, se tinha

alguma ponte. Isso eu não me alembro. Mas tinha que ter, né? Uma coisa pra eles passar pra lá. [Hercílio: Eu acho que passavam de caíque, tio.] É, né. E animal passavam à nado. Como é que iam passá? Iam buscar, porque pra lá já tinham mais coisa, né? Porque já ia pegando pra banda lá da fronteira, né? Aberto, ali, pra lá. Aparecia, aparecia. Alguns já existia, a bugradinha. [Hercílio: Eu me lembro quando nós morava ali na querência véia, ali embaixo, na [inaudível] ali, tinha os pé de bergamoteira grande na frente da casa, assim, pro lado de baixo, mais pro lado de baixo era estrada. Eles vinham se acampavam ali pra trabaiaá, sabe? Pra fazer as...] Fazer cesto. [Hercílio: As peneira, chegavam e pediam, sabe? Daí conversavam com o pai e a mãe. Eu tinha 8, 9 ano. – Mas não compadre, o pai dizia pra eles. Pode ficar à vontade aí. – Tão com fome? Têmo coisa aí pra comer. Tinha, ele diziam. Se acampavam ali, ficavam 2, 3 dia ali, fazia o trabalho deles, às vêiz até uma semana. Incomodavam niguém. (inaudível) Ficavam ali. O pai tinha um galpãozinho do lado de baixo. Más ó, ficava uma semana, o tempo não corria que nem agora. Podem fazerem fogo ali aquele galpãozinho. Pode se acomodá ali, pode trabaiaá. (inaudível)]. Ah não, ele iam mesmo, tiravam. É, e era ãnsim aquela época. [Hercílio: Existia... Não era...era arguns, né? Eles passavam ali. Mesma coisa que nem agora eles passam vendendo o material deles ãnsim, até hoje, né? De bicicleta, ônibus, que às vêiz não tem um carrinho. Dificilmente... eles gostam de andar de a pé.]. De a pé e trabaiaando. Acampá assim no mato. [Hercílio: Mas tinha, tinha sim.]

**[Entrevistado: Adão Cardozo e Hercílio Cardozo]**

[Hercílio: Lembra das balsa, tio?]. Más credo. [Hercílio: Pois é, nós falêmo um pouco com esse rapaiz aí também]. Fazia prazer de viajar pra São Borja hoje, ainda. Ô, mas eu andava à cavalo em cima daquelas madêra lá. Más eu era rapaizote. Primeiro trabaio que eu comecei a trabaiaá, aquelas prancha... era 12 plegada. Fazê os môio de prancha. Caminhonada de prancha, daí prensava, botava tudo num monte e daí fazia os môio de prancha, né? Amarrava bem amarrado e jogava na água, daí ia... [Hercílio: Aquele tipo remorque, né?]. É, remorque, barsa muque. Ah tá loco, hôme! É um rolo de... assim. Tu bota elas,

amarra mais ou menos assim, em cima uma da outra e vai continuando. Ah, não perdia tempo. Mais ou meno 8 ou 9 dia. Se saía aqui de Mondai tava lá em São Borja. Só parava quando o tempo, ãnsim, tava... perigoso, né? Comida sobrava... em cima, levava o campamento sortido. Saía daí e dinheiro levava prá comprar, né? Tinha o caíque, sempre. Senão ia com uma lancha lá. Os boteco fora lá comprar. Ah, se chovia, tinha a casa em cima da madeira. Duas casa. [Hercílio: E era uma parada pra descanso, né?] É, às vêiz mêsmo até pra dormir, às vêiz a turma tavam cansado. [Hercílio: Atava lá...] E noutro dia demadrugadinha soltava a bicha... e alinhava de novo. Lá eles vendiam lá, não sei pra quem. Entregava lá e eles se viravam. Outra firma pegava. Ganhava mil e cem, mas era dinheiro, né? [Ganhava por viagem?]. Por viagem. Bá, hôme, era um monte de dinheiro na época. É... não era fácil. E depois o mais perigo, que nem, ali tem o sarto grande, né? Hôme do céu, aqui não tem nada que iguala aquilo lá. Aquilo de longe você enxergava aquelas ovêia branqueando<sup>38</sup>. O remórque que caía... bão, a lancha tinha tanto de entra que sortava o remórque. Sortava ali e costeava, né? [Hercílio: Porque não dava pra ela seguir. A balsa descia naquele canal ali. As ovelha que ele tá dizendo, o senhor tá entendendo que é as maré? Que nem daqui, lá você já via. Parece um bando de ovelha].

**[Entrevistada: Generosa Borges dos Santos]**

Muitas vêiz nós fumo lá na Linha Glória, lá no Miro Turcato, acho que foi. Chegou um ponto que ele não queria fazer mais rancho pra nós. E nós trabaiano na roça. O meu marido diz – Tu faz o rancho e depois quando nós coiê, aí nós acertêmo, daí nós vamo pagá o mercado. E foi, foi que ele não queria mais fazer rancho e nós comendo mandioca pura, cozida. Tinha os pai dele vivo também, má era ele que mandava na terra. Aí nós tinha o soja maduro pra coiê. Daí o meu marido embrabeceu porque ele encomendou o rancho e ele não levou. Aí ele garrou e deixou tudo e saímo. Saímo, viêmo pra cidade pagar aluguel. Agora o

---

<sup>38</sup> O salto a que Adão se refere é o Salto Yucumán, a maior queda de água longitudinal do mundo, por onde passavam as balsas obrigatoriamente. Na sequência, o sobrinho de Adão, Hercílio, explica que a imagem das ovelhas branqueando é uma alusão às espumas das águas em queda.

finado Davi, sim, foi um patrão bão. O Virmar Turcato, que é irmão desse cara também. Tem o alemão Turcato também, né. Só que esse que não queria fazer o rancho pra nós era o mais novo da casa. Aí não queria fazer o rancho pra nós, foi, foi, meu marido enjoô, deixou tudo lá e saímo. Não era fácil! Os pai dele eram rica pessoa, meu deus. E os outro irmão dele. Má ele era um safado. Lá no finado Davi, eles foram uma pessoa muito boa pra nós. Eu, nós trabaiava com eles, daí eu ajudava a tirar leite antes de ir pro serviço, né? Má eu ganhava queijo, salame, sabão pá lavar roupa... muitas coisa nós ganhava deles, né? Eles faziam... aquelas panelada de comida e levavam lá pra nós, não precisava fazer comida. Fôro pessoas muito boa. Finado Davi foi uma pessoa boa. Nós ganhava pouco naquela época, pagavam pouco por dia. Nós ganhava 2 pila, eu e o meu véio. É. Por dia. Aí quando foi um dia, o finado Davi disse – Ó, eu vou pagar 3 pila pra vocês por dia, mas vocês não vão contar pros outro peão, que daí eles vão querer também. Daí nós fiquêmo quieto, eu e meu marido, ganhando 3 pila por dia. Tu vê, numa época que nem agora, quando que vão trabaiá por 3 pila? Má nunca! Foi sofrido.

**[Entrevistado: Orides Ramon]**

Nóis mesmo, nós mesmo. Faço uma chaleirada, acendo umas brasa lá e já tomava. Por conta. Como é que diz: o nadador, se ele não sabe nadar e ele cai no rio, ele procura aprender, né? Tinha que procurá alguma coisa, né? Tudo que é erva. Porque erva do mato, é rara aquela que não é boa, né? Tudo nela é bom. [Mulher: É que naquele tempo ninguém ficava doente. Eu conheci o médico, eu tinha... acho que mais de 30 ano. Nem conhecia médico]. Eu tinha 18 ano quando eu conheci o doutor de Iraí. Conheci, não. A minha mãe falou que nós tinha que ir lá, fumo... Fiquêmo lá, não vimo esse tal de doutor, viêmo, saímo de lá... – Má mãe, a senhora trouxe nós pra conhecer o doutor, nós não vimo... – Não, má era aquele hôme de branco, de roupa branca que entrou lá e falou comigo. – Não, má aquele lá é um hôme não é doutor! Nós não conhecia, né? – Má aquele lá é um hôme, mãe, não é doutor não. – Aquele é o senhor doutor. Naquele tempo era tudo

senhoria, né? Ninguém tratava que nem hoje, né? – Aquele é o senhor doutor! – Mãe, mas era um hôme! Era o senhor doutor!

**[Entrevistado: Amantino dos Santos]**

Diz que lá pra cá de São Borja tinha uma sereia que passava no Uruguai. Tinha aqueles negócio de água, aquelas cachoeira braba, diz que eles passavam e tinha um poço muito grande. Pra cá de São Borja, diz que ali que sentava em cima de uma pedra e cantava. Diz que eles levavam violão, levavam gaita e quando ela cantava, diz que ela... deixava o pessoal tudo bobo com a cantiga. Diz que canta muito bem, diz que é uma moça, né? Que virou peixe. Da cintura pra baixo é um peixe, né? Diz que ela sentava em cima de uma pedra e cantava e encantava os barsêro e daí eles ficavam bobo de ver e daí não prestavam atenção na barsa, né? Dali quanta gente morreu, prestava atenção na cantiga daquela baleia, que fosse, e perdia o rumo. Então eles começavam a bater lata e dêle gaita e grito e tudo pra ela não tomar a atenção do povo. Senão eles morriam tudo. Tinha um lugar muito perigoso ali. Então naquela época eles contavam causo que a gente morria dando risada, né tchê? Diz que o pessoal se encantava, diz que uma moça muito bonita, né tchê? Diz que ela encanta mesmo. Diz que quando eles chegavam perto ela... ia ao fundo, não aparecia. Parecia lá muito longe, lá ela sentava de novo e cantava. E eles se embelezavam, né? Queriam ver de perto mas ela nunca deixava chegar perto. Só de longe que enxergavam. Diz que antigamente era... Acontecia, naquela tinha bastante tipo de bicho. Lobisôme. Tinha lobisôme também. Gostava de assustar o povo, de sexta-feira, quarta-feira à noite, né? Gostaria de brigar com os cachorro ao redor da casa. Baita cachorrão. Um lobisomezão. Aí diz que lobisôme é gente, né? Vira hôme. Diz que naquela época tinha lobisôme. E existe até hoje em dia, né? Lobisôme... Ah, existia também aquelas bruxa, antigamente né? Que tomava vinho nos vinhal, né? Existia! Aqui tem uma época que nós ia morar aqui em Santa Antônio e existia, né? E passava sempre, cantando, e ia tomar vinho onde tinha pipa de vinho, que antigamente plantava os vinhal, né? Aí decerto descobriam e iam lá tomar vinho. Diz que até um tempo o dono do vinho diz que um dia foi tirar vinho lá, numa sexta-feira encontrou uma, lá. Bêbeda. Só

ela tava nua, sabe? Elas sai nua, né? E avoam. Sempre em duas, duas. Elas passam cantando. E vortam cantando, né? Então o finado Nôno Amélio me contava esses causo, que aparecia demais essas bruxa, sabe? Iam lá bebiam e decerto se esqueciam, né, e tomavam demais. Uma sempre ficava. Daí, causo do tempo antigo, né? Isso aí é que acontecia. Hoje em dia não acontece mais nada. Mas acontecia esses causo.

**[Entrevistado: Orides Ramon]**

O Caibi, Caibi não era pra ser o nome de Caibi. Era pra ser São Domingos ou Folhas Verde. Má daí veio um hôme véio bem de idade, de lá com nós e veio, e nós tava num caçamba e oiando, e abrindo as picada, e tinha... nós não vimo que tinha uma peralzote pra baixo assim e o véinho caiu por cima agarrado, e nós gritava e o nome dele... o nome dele começava com Caibi, o nome dele. Veio do Rio Grande. E nós gritava – Tio Caibi! Naquele tempo chamava tudo de tio. – Tio Caibi! O senhor não se machucou, o senhor tá vivo, Tio Caibi? E nós falêmo pro Nôno Bigatão. – Nôno, óia, o nosso lugar tinha que botar o nome de Caibi. Caiu o Tio Caibi lá e nós comecêmo a gritar. E o Nôno tinha um lápi e uma fôia de... aqueles papel de embruio, se alembra que tinha uns papel de embruio pra botar o quilo, o meio quilo, cem grama, quê que você comprava de poquinho também, né? Ele pegou e anotou ali. Botou no borso, o nome anotado. E ele ficou com aquele papelzinho no borso lá e, um dia, ele falando... – Nós vamo botar o nome de Caibi nesse lugar aqui. E era um hôme véio que caiu num peral, que nós gritava Caibi, Caibi! Não tá morto, Caibi? Ô Tio Caibi! Nós truxêmo ele com nós. Um véinho muito... naquele tempo tudo era tio, né? Ninguém chamava, né?, tu, você, não existia essa palavra.

**[Entrevistado: Orides Ramon]**

O meu pai era natural de Sobradinho e a minha mãe era natural de Monte Negro. O pai era fio de um alemão com uma negra africana. O pai do meu pai era alemão da Alemanha e a mãe do meu pai era negra da África... africana! E a minha mãe era índia. Descendente de índia, minha mãe. Minha mãe era índia. Não podia tá muito

misturado com eles, porque eles não eram muito de tu tá... O índio até hoje ele gosta de tá meio separado mesmo. Tem índio esperto, mas tem outros que não que tá no meio. Então nós ficava no nosso lado, eles nos deles, né? Ninguém se metia com eles. Ninguém brigava naquele tempo lá. Era coisa muito boa de viver. [Vizinho: Cuidava pra não invadir o espaço]. Não, eles ficavam meio assim, né? Porque a aldeia mesmo deles ficava... aqui nesse lugar nem tinha, tinha em Cunha Porã e Rio Grande. Em Cunha Porã tinha a aldeia deles ali. Tem uma história, né Dirlei?, que quem estudou sabe disso. Que diz que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, mas quem descobriu o Brasil foram os índio. [Dirlei: Já era, né?] Só que daí... ali, ali, não sei agora, porque a gente não chegou a estudar, né? Quem estudou deve saber mió. Mas ainda, ainda, eu fico do lado da indiada, porque eu tenho sangue de índio por causa da minha mãe, né? Eu fico do lado dos índio.

**[Entrevistado: Amantino dos Santos]**

Naquele tempo não tinha médico, nada. Naquela época era só chá do mato. Minha mãe sabia fazer. E quando ela não sabia, tinha os índio antigamente. Os índio véio, bem veíno. Tinha, tinha. Tinha desde aqui em Iraí tinha o tordo ali. Ainda tem ali em Iraí o tordo, né? Aparecia os velhinho lá, vendendo balaínho, né? Então tinha um filho doente, eles pediam... – Ô, sabe fazer um cházinho que o meu fio tá doente. Ela dizia, – Eu sei, vizinho! Diz, – Eu vou ali no mato e já vórto. Vinha com aqueles feixe de mato. Bota cozinhá ali, que daqui a pouco... ferve lá e daqui um pouco esfria e dá pro fio tomar que daqui a pouco já fica bom, né? E hoje em dia, né? Hoje em dia tu não vê um índio doente, né? Pé no chão e, hoje em dia, nós viêmo aí tudo cheio de doença por causa do quê, né?[Dona Olga: Tinha uns índio que trabaiavam com nós na roça. Eles roçava, carpia... Era bom de trabalhar com eles, depois tu pega conhecimento com eles é bom de trabalhar. São mais obediente que uma pessoa branca. Eu aprendi com eles a fazer uns chá, um xarope pra bronquite, pra vermes. Eu tinha o Vanderlei, o meu piá, tinha levado ele no médico. Ele vivia mais dentro do hospital do que em casa. Aí veio uma índia e disse, – Dona Olga eu vou te ensinar um remédio. Aí fumo pro

mato catá chá. E eu fiz um litro e uma garrafa daquele remédio, também nunca mais. Curei o piá!] Isso é coisa boa. Tem o conhecimento. E hoje em dia ninguém mais faz chá de mato, né? Só médico e médico.

**[Entrevistado: Francisco Antunes de Andrades Filho]**

Encontrei panela de índio aqui no Rio Grande. Aqui no Rio Grande encontrei. Ali em São Domingo. No que passa o Uruguai. Nós tava lavrando até, foi um cunhado meu... nós tava lavrando e ele enroscou o arado. E o arado RRRRR eu disse, – O quê que tem aqui? Não tem pedra! Passou o boi pra trás e carcou mais, alevantou. Era uma panela de barro. Índio era reveria, índio vivia com eles. Com os índio isso era coisa que eu vivia com eles. A aldeia deles era aqui na... adiante aqui em Rodeio Bonito. Ali tinha área, tem!, até hoje tem a área deles. De noite que deito no sofá assisti... começo a relembrar o tempo que eu convivi com os índio. Tempo bom, rapaz! Tempo bacana. Eu ia na aldeia e eles vinham lá em casa, porque nós era, nós tinha uma relação muito boa, né? Eles vinham. Má, nós ficava lá papeando, tomando trago, oiando eles fazê balaio e eu coiêndo conversa deles. Puxando por eles, pra ver como é que saía, há! [Dirlei: Mas tinha umas indiazinha ou não?]. Não, não, não tinha nada. Até tinha um índio, Francisco... nunca esqueço o nome dele: Francisco Kairó. Era um índio véio. Ele tinha... a terra dele era dentro de Rodeio Bonito, passava o rio da Vargem. Tem um lugar lá... eu nasci e me criei conhecendo por esse nome, Bocó. O rio faz uma encenada assim, quase fecha. Quase fecha e depois fica aquilo... lugar muito espaçoso. Então lá é uma área deles. Ali pega de Rodeio Bonito vai a Nonoai, a área deles. E lá de Nonoai pra frente vai a Passo Fundo. É só deles. Até eu tava, eu tive lá em Nonoai. Tive várias veiz, mas eu tinha uma relação com aquela bugrada, mas uma relação, rapaz! Porque eu sei preparar a cama pra mim dormir.

**[Entrevistado: Francisco Antunes de Andrades Filho]**

Dava, dava, coisa assim... você morava na área e eu também. Nós dois, morando dentro da área indígena. E de nós se desafiar, mode de divisa de terra. Isso dava. Porque uma veiz, eu tava, eu andava morava lá no Pinhal. Mas eu era... tinha uns 7, 8 ano. E fui lá pro Saltinho do Café, lá pra cima. E lá me achei com um colono

lá e ele me diz, – Óia, eu tenho uma meia colônia de terra pra vender. Dizia, – Tá na hora, o fumo tá quase bom pra coiê. Aquele...mas garpão, rapaz, mas garpão! Tudo coberto de tabuinha. Casa, tudo, coberto de tabuinha. Tudo quanto era coisa coberta de tabuinha. E uma terra, rapaiz! Mas uma terra roxa, coisa mais linda, coisa mais linda! Eu vim pra casa...digo, – Mas óia, no fim da semana que vem eu tô aí de novo. Ele queria 5 conto. Carregava uma mudança e deixava a planta que tinha, ficava tudo. Tenho que fazer esse negócio. Fui pra casa. Minha vó, tudo que eu fazia, ela aceitava. Digo, – Vó, tem uma área de terra, meia colônia de terra, no tal Rio Martel, é o nome do lugar. Tinha uma (inaudível) que escorria e formava um jatinho. Digo, tem uma meia colônia de terra lá no Rio Martel e tem um homem que quer vender, quer 5 conto. Tem um eito de fumo plantado, tem milho, tem feijão, tem de tudo! Ele deixa tudo. Disse, – Vamo lá oiá! E no fim de semana vamo lá oiá. – Tá bom, vamo. Vendêmo aqui e compramo lá. –Vamo. – Uhum. No fim de semana nós enchemo dois cavalo e se boliêmo. Chegêmo lá, foi dado um velório de um deles, um matou o outro por causa de divisa de terra. Os dois colono. Os índio não faziam nada. Eram gente boa. Só, na verdade, quiser tirar eles pra peteca, aí a coisa não funcionava. Aí a coisa funcionava. Mas senão... Daí chegamo lá, acontecendo um velório, – Ué o que que deu? Dizem, – Um matou o outro aí por modo de divisa de terra. Um queria pegar mais terra que o outro, diz, – E não é eles, isso é dos índio. Diz, – Eles tão aí acampado. Dizia, – O dinheiro que entrar pra eles é bão. Digo, – Ah é? Então quem não vai com..., quem nem lá não vai sou eu. Vou comprar coisa que não tem documento nenhum? Lá onde eu moro tem documento. Mesma coisa (inaudível). [Dirlei: Por isso que o preço era bom, mas era meio no grito...]. É, não, não. Eu digo não. E até hoje, eu adoro os índio. Adoro demais os índio, dou muito apoio. Até tem umas índia que seguido tão por aí. Digo ó, vocês querem comer? Peguem aí e façam, porque eu não faço. Vem de Iraí.